



**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT**  
**DIRETORIA DE PESQUISA – DPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPED**

ANDRÉ LUIZ ALVES

**“WHATSAULA”: APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM MOVIMENTO**

ARACAJU – 2018

ANDRÉ LUIZ ALVES

**“WHATSAULA”: APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM MOVIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, na Linha Educação e Comunicação, da Universidade Tiradentes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CRISTIANE DE MAGALHÃES PORTO

ARACAJU – 2018

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

A474w Alves, André Luiz  
"WhatsAula": Aprendizagem colaborativa em movimento / André Luiz Alves;  
orientação [de] Prof.ª. Cristiane de Magalhães Porto – Aracaju: UNIT, 2018.

143 f. : il. : 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2018  
Inclui bibliografia.

1. Educação. 2. Cibercultura. 3. WhatsAula. 4.App-Learning. 5. WhatsApp. I. Alves,  
André Luiz. II. Porto, Cristiane de Magalhães. (orient.). III. Universidade Tiradentes.  
V. Título.

---

CDU: 378:371.66

SIB – Sistema Integrado de Bibliotecas

**“WHATSAULA”: APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM MOVIMENTO**

ANDRÉ LUIZ ALVES


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, na Linha Educação e Comunicação, da Universidade Tiradentes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**APROVADO EM: 02/02/2018**

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Profa. Dra. Cristiane de Magalhães Porto – Orientadora  
Universidade Tiradentes

  
Profa. Dra. Edméa Oliveira dos Santos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

  
Prof. Dr. José Gomes da Silva  
Universidade Tiradentes

ARACAJU – 2018

## AGRADECIMENTOS

*Status*: Tudo que se perde. Tudo que se ganha.

À Ana Maria Liberalino Alves, por abraçar-financiar meus sonhos e entender meu modo offline. Mainha, TE AMO (em *Caps Lock*).

Ao Diego Vinícius Guerra Alves dos Santos e todos os amigos que torceram, abstraíram-fingiram demência para o meu mau humor e me fizeram sorrir-chorar junto às notificações do “*Uátzap*”: Gente, qual a necessidade disso?

À Profa. Dra. Cristiane de Magalhães Porto, minha orientadora, por seguirmos juntos dentro-fora da Universidade: “Se erra, conserta, volta pro tom, e segue o baile...”. MUITO OBRIGADO por ser o meu outro lado da gangorra.

À Ana Valéria Lopes Corrêa Costa, minha amiga, pelas trilhas de aprendizagens que percorremos com leveza e com afeto desde o processo seletivo – e demais colegas (de turma) pelas inquietações compartilhadas, *selfies* e fluxos interacionais: Vocês são BA-BA-DO!

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura (GETIC/UNIT/CNPq), por cada espaço de fala e inteligência coletiva, em especial ao Kaio Eduardo de Jesus Oliveira: meu brother-ator-rede (risos).

Aos alunos-participantes dos Cursos de Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Unit: VOCÊS são o motor da “*WhatsAula*”. GRA-TI-DÃO.

Aos Professores, Dra. Edméa Oliveira dos Santos (PROPED/UERJ) e Dr. José Gomes da Silva (PPED/UNIT), pelas contribuições plurais e cuidadosas de lá (Qualificação) até cá (Defesa).

Ao Programa de Apoio Institucional à Pós-Graduação *Stricto Sensu* (PROCAPS/UNIT) pela Bolsa de Estudos e Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED/UNIT), por terem contribuído para a minha formação.

Galeragem, AGRADECIDO!

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é investigar a contribuição e os usos do aplicativo *WhatsApp* no processo de aprendizagem colaborativa por jovens universitários de 2016.2, em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III, do Curso de Comunicação Social: Jornalismo, da Universidade Tiradentes – UNIT, localizada em Aracaju, Sergipe. Em vista disso, incorporou-se o uso do *smartphone* em sala de aula, agregou-se o *WhatsApp* como suporte das práticas pedagógicas e educativas, combinou-se outras mídias formativas (a exemplo do *Blog*) – mesclou-se o ensino presencial com o *online*. Como também, criou-se o conceito de “*WhatsAula*” e gerou-se fluxos comunicacionais e interacionais em rede-grupo-movimento – intra e extramuros da Universidade. Esta junção foi percebida como extensão da sala de aula, para impulsionar o fazer docente e potencializar o processo de aprendizagem colaborativa, por meio dos usos e apropriações do mensageiro instantâneo. Assim, para responder ao problema e alcançar os objetivos da investigação planeada, primeiramente, realizou-se uma pesquisa de base Bibliográfica. Esta teve como propósito, a articulação de conceitos e ideias pertinentes à temática, aprofundando teórico-metodologicamente a discussão; utilizou-se autores como: Lemos, Lévy, Primo e Santaella e demais autores que surgiram no decorrer do estudo e da necessidade que cada bifurcação demandou. Nesta investigação, *hiperlinka-se* a abordagem de pesquisa qualitativa, classificada como Estudo de Caso; com o enfoque da multirreferencialidade. Por intermédio do Estudo de Caso em tela, busca-se promover maior articulação entre a teoria e a prática na construção do conhecimento nesse contexto híbrido, ubíquo e imersivo. Para isso, a experiência descrita foi articulada por meio da associação de um Desenho Didático conectado a práticas pedagógicas e educativas que favorecem a aprendizagem ubíqua por meio de experiências de *App-Learning*, que se materializa espaço-temporalmente, no uso do *WhatsApp*. Os resultados obtidos possibilitam concluir que o engajamento dos alunos quanto ao uso do *WhatsApp*, articulado ao Desenho Didático e à proposta pedagógica, configura uma experiência de *App-Learning*, principalmente, pelo estabelecimento dos processos de mediação do ensino e da aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Cibercultura. *WhatsAula*. *App-Learning*. *WhatsApp*.

## ABSTRACT

This article seeks to investigate how the app WhatsApp can contribute and be used in several ways in the collaborative learning process by journalism students in the second semester of 2016 studying the discipline “Produção Textual III” at Tiradentes University in Aracaju/SE. Thus, all students were allowed to use their smartphones in the classroom. In addition, they instructed to use the App as a pedagogical support, combined with other formative media (blog), mixing both online and face-to-face teaching methods. It was created the concept of “WhatsClass” and defined communicational and interactional fluxes in net-group-movement in and outside the University. This combination was seen as an extension of the classroom, which main goal was to boost the process of collaborative learning, through the use and appropriation of the instant massager. So, to solve the problem and to reach the planned result, the first step was to choose a basic bibliography. This definition had the purpose of articulate concepts and ideas related to the theme, deepening theory and methodologically the discussion, using authors such Levy, Primo and Santaella as main references and others authors that came up as the discussion developed. This investigation relates to the qualitative research, classified as “Case Studies”, with focus on multi-referentiality. Through the case study, showed to the students on a screen, we intended to promote a higher articulation between theory and practice in the knowledge construction in this hybrid, ubiquitous and immersive context. For that, the experience described was articulated through the association of a Didactic Design connected to pedagogical and educational practices that favor ubiquitous learning through App-Learning experiences, which materializes spatially in the use of WhatsApp. The results obtained allow us to conclude that the students' engagement in the use of WhatsApp, articulated to the Didactic Design and the pedagogical proposal, configures an App-Learning experience, mainly, by establishing the processes of mediation of teaching and learning.

**KEYWORDS:** Education. Cyberculture. “WhatsClass”. App-Learning. WhatsApp

## LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2G	Segunda Geração de Celulares
3G	Terceira Geração de Celulares
4G	Quarta Geração de Celulares
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
APP	Aplicativo Móvel ou Aplicação Móvel
APS	Atividades Práticas Supervisionadas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEDU	Congresso Nacional de Educação
CT	Cidadania e Trabalho
EAD	Educação a Distância
EDGE	Enhanced Data Rates For GSM Evolution ou Taxas de Dados Ampliadas para a Evolução do GSM
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Epub	Electronic Publication ou Publicação Eletrônica
FAM	Faculdade Montenegro
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GIF	Graphics Interchange Format ou Formato para Intercâmbio de Gráficos
GPS	Global Positioning System ou Sistema de Posicionamento Global
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
ILBJ	Instituto Luciano Barreto Júnior
IM	Instant Messaging ou Mensageiro Instantâneo
IOS	Sistema Operacional de Dispositivos da Apple
ME	Medida de Eficiência
MSN	Mensageiro Instantâneo da Microsoft Corporation
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCC	Primeiro Comando da Capital
PDF	Portable Document Format ou Formato de Documento Portátil
PDI	Projeto de Desenvolvimento Institucional
PIT	Plano Individual de Trabalho
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PT III	Produção Textual III
PV	Conversa Privada no <i>WhatsApp</i>
QR CODE	Quick Response Code ou Código de Resposta Rápida
SMS	Short Message Service ou Serviço de Mensagens Curtas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEDx	Tecnologia, Entretenimento, Planejamento
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIT	Universidade Tiradentes
WEB	Rede Mundial de Computadores ou World Wide Web
WI-FI	Wireless Fidelity ou Fidelidade Sem Fio
WI-MAX	Worldwide Interoperability for Microwave Access ou Interoperabilidade Mundial para Acesso de Micro-ondas
ZIP	Formato de Compactação de Arquivos



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Novo paradigma de aprendizado .....	16
<b>Figura 2:</b> Mosaico de fotos durante o CONEDU .....	24
<b>Figura 3:</b> Sala de aula com excelente estrutura física e de conectividade .....	25
<b>Figura 4:</b> Turma de Produção Textual III .....	26
<b>Figura 5:</b> Meme “Chapolin Sincero” .....	27
<b>Figura 6:</b> Eixos de análise .....	30
<b>Figura 7:</b> Jovens conectados, convergentes e em mobilidade .....	36
<b>Figura 8:</b> Interação grupal entre pares no <i>WhatsApp</i> .....	48
<b>Figura 9:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	49
<b>Figura 10:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	51
<b>Figura 11:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	52
<b>Figura 12:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	54
<b>Figura 13:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	56
<b>Figura 14:</b> Arquitetura e desenvolvimento de conceitos em tempos de <i>App-Learning</i> e aluno imerso na rede mediante processo ativo de ensino-aprendizagem .....	58
<b>Figura 15:</b> Capturas de Tela dos <i>Blogs</i> Temáticos elaborados pelos alunos .....	65
<b>Figura 16:</b> Apresentações dos <i>Blogs</i> Temáticos mediadas por tecnologia .....	67
<b>Figura 17:</b> Capturas de Tela de alunos e Professor tecendo conhecimento em rede .....	68
<b>Figura 18:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	69
<b>Figura 19:</b> Alunos exploram outros espaços multirreferenciais de aprendizagem ..	70
<b>Figura 20:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	72
<b>Figura 21:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	74
<b>Figura 22:</b> Tabuleta na porta de um restaurante desconhecido .....	90
<b>Figura 23:</b> <i>Prints</i> dos fluxos interacionais da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	118
<b>Figura 24:</b> Nuvem de palavras-chave obtida a partir das respostas dos pesquisados acerca dos pontos negativos da experiência “ <i>WhatsAula</i> ” .....	126
<b>Figura 25:</b> Nuvem de palavras-chave gerada com base nas respostas dos pesquisados sobre as sugestões – críticas – elogios da experiência “ <i>WhatsAula</i> ” .....	127
<b>Figura 26:</b> Nuvem de palavras-chave originada a partir das respostas dos pesquisados acerca das contribuições da experiência “ <i>WhatsAula</i> ” para a aprendizagem .....	129

## LISTA DE INFOGRÁFICOS

<b>Infográfico 1</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	80
<b>Infográfico 2</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	81
<b>Infográfico 3</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	82
<b>Infográfico 4</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	84
<b>Infográfico 5</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	86
<b>Infográfico 6</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	88
<b>Infográfico 7</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	91
<b>Infográfico 8</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	92
<b>Infográfico 9</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	93
<b>Infográfico 10</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	94
<b>Infográfico 11</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	96
<b>Infográfico 12</b> – <i>Status: Online no WhatsApp</i> .....	100
<b>Infográfico 1</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	103
<b>Infográfico 2</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	104
<b>Infográfico 3</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	105
<b>Infográfico 4</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	106
<b>Infográfico 5</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	108
<b>Infográfico 6</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	109
<b>Infográfico 7</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	110
<b>Infográfico 8</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	111
<b>Infográfico 9</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	112
<b>Infográfico 10</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	113
<b>Infográfico 11</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	115
<b>Infográfico 12</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	116
<b>Infográfico 13</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	118
<b>Infográfico 14</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	120
<b>Infográfico 15</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	121
<b>Infográfico 16</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	123
<b>Infográfico 17</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	124
<b>Infográfico 18</b> – <i>“WhatsAula”</i> : E aí, aprendeu? .....	125

## LISTA DE TABELAS, QUADROS E QR CODE

<b>Tabela 1:</b> Perfil dos alunos-participantes .....	79
<b>Quadro 1:</b> Principais funcionalidades disponíveis entre os <i>Instant Messengers</i> ....	99
<b>QR Code:</b> “Banda Larga Cordel” .....	31
<b>QR Code:</b> “Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar” .....	40
<b>QR Code:</b> “Esse tal de <i>Zap Zap</i> ” .....	46
<b>QR Code:</b> ‘Só Pra Parodiar’: Com Whindersson Nunes .....	89

## SUMÁRIO

1	TELA INICIAL: NOTIFICAÇÃO DE MENSAGEM .....	12
2	CONECTANDO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....	21
2.1	<i>Hiperlinks</i> Metodológicos: Pesquisa Qualitativa e Estudo de Caso .....	21
2.2	A Abordagem Multirreferencial .....	22
2.3	Etapas da Pesquisa .....	23
2.4	“ <i>WhatsAula</i> ”: Um “caso” de estudo .....	24
2.4.1	“Envie sua Localização”: O <i>Lócus</i> da Pesquisa .....	24
2.4.2	Os Interagentes da Pesquisa .....	26
2.5	Instrumentos de Produção de Dados .....	26
2.5.1	A Observação Participante .....	26
2.5.2	Os Questionários para caracterização dos sujeitos e avaliação da “ <i>WhatsAula</i> ” .....	28
2.6	A Análise dos Dados .....	29
3	EDUCAÇÃO NO CIBERESPAÇO: NOVAS FORMAS DE ENSINAR E DE APRENDER .....	31
3.1	Educação Multitela: aprendizagem em rede-grupo-movimento .....	31
3.2	<i>WhatsApp</i> : Conceito, funcionalidades e possibilidades de uso .....	46
4	“ <i>WHATSAULA</i> ”: TUDO HÍBRIDO E MISTURADO .....	58
4.1	<i>Smartphone</i> no modo “aprendizagem” .....	63
5	UM “ZAP ZAP” ATRÁS DO OUTRO: PRODUÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	77
5.1	<i>Status: Online</i> no <i>WhatsApp</i> .....	78
5.2	“ <i>WhatsAula</i> ”: E aí, aprendeu? .....	102
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	132
	REFERÊNCIAS .....	137
	ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	140

## 1 TELA INICIAL: NOTIFICAÇÃO DE MENSAGEM

O ingresso no Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda, da Universidade Tiradentes – Unit, ocorreu no ano de 2005. Nessa época, apesar da pouca interação e mobilidade, a internet já era utilizada para buscar informações sobre os conteúdos vistos em sala de aula e transferência de arquivos. Inclusive, para trocar *e-mail's* com a finalidade de socializar digitalmente algumas demandas universitárias e acessar *sítes* de redes sociais digitais – como o *Facebook*, *Orkut* e *Twitter* – para estreitar laços. Além disso, por intermédio do *MSN Messenger*, possibilitava teclar com os colegas de classe para executar os trabalhos acadêmicos em grupo. Já o celular, com funções restringidas, era bastante utilizado para enviar *SMS* como lembrete da reunião de estudos na Biblioteca da Unit, por exemplo, uma vez que, a internet móvel chegava a passos lentos.

Assim, a partir do Curso e com os avanços tecnológicos e alargamento da *Web*, os verbos teclar, “tremar” (janelas de conversação do *MSN*), anexar, curtir, compartilhar, seguir, tuitar e comentar eram, frequentemente, conjugados. Seja nas relações interpessoais ou nas oportunidades de estágios-trabalhos em Agências de Publicidade e Núcleos de Marketing. A missão que tinha como meta era, aproximar marcas e pessoas por meio de perfis nos *sítes* de redes sociais digitais; o que assegura um extenso domínio quanto ao uso destas plataformas.

Em 2010, novos ventos mudaram o rumo de sua carreira, sendo desafiado a lecionar nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade Montenegro (FAM) – nos Polos em Delmiro Gouveia-AL, Itaparica-PE, Ouro Branco-AL e Petrolândia-PE. Como estes Polos não disponibilizavam acesso à internet – alguns não possuíam sinal de telefonia móvel – as práticas pedagógicas e educativas eram desarticuladas quanto à utilização de artefatos tecnológicos. Dessa forma, embora desprovidos de recursos tecnológicos, o conhecimento e a experiência do âmbito corporativo eram transferidos para o contexto educativo e ensinados nos moldes da pedagogia tradicional.

A função de Educador Social no Projeto 'Conectando com a Vida' do Instituto Luciano Barreto Júnior (ILBJ) – Responsabilidade Social da Construtora Celi em Aracaju-SE – foi assumida em 2013. No ILBJ, as atividades socioeducativas eram

desenvolvidas junto aos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e pessoal (entre 14 e 24 anos). Logo, a Disciplina Cidadania e Trabalho (CT) estimulava os saberes fundamentais para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania, numa perspectiva de infoinclusão. Nesta instituição social e educacional, embora o uso do *smartphone* fosse negado, as aulas eram criativas e inovadoras mediante a utilização da Lousa Digital Interativa recém-implantada.

No segundo semestre de 2015, teve aprovação na seleção simplificada para encargo de Professor do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, do Instituto Federal de Sergipe – IFS. Como resultado, passou a lecionar no Curso de Representante Comercial, Campus Lagarto/SE, localizado a 75 km da capital aracajuana. Em virtude do deslocamento e da jornada de trabalho – aulas intercaladas duas vezes por semana – no primeiro contato com os alunos, foi criado um Grupo da turma no *WhatsApp* para facilitar a comunicação.

Inicialmente, o Grupo intitulado “IFS Pronatec” funcionava como uma agenda semanal da Disciplina – onde se compartilhava lembretes de cunho pedagógico e administrativo. Tempos depois, após uma determinada aula de conteúdo curricular inacabado, os alunos-participantes foram provocados durante um debate realizado no Grupo. Esta atividade tinha como objetivo dar continuidade ao último assunto visto em sala de aula; repentinamente, a discussão tomou proporções significativas num contexto mais participativo fomentando a mediação pedagógica e a interação entre os pares, a saber, Professor-alunos, alunos-Professor e alunos-alunos.

A motivação de estudar os usos de tecnologias na educação, em tempos de Cibercultura, está diretamente implicada a partir desta intervenção realizada, informalmente, com o uso do *smartphone* e do aplicativo *WhatsApp* – para além da sala de aula. Tal feita e desdobramentos impulsionam a investigação acerca das potencialidades destes aparatos tecnológicos e suas possíveis contribuições junto aos processos de ensino e de aprendizagem. Então, ao invés de encarar os dispositivos móveis, os aplicativos e os *sites* de redes sociais digitais como problema educativo; é preferível identificar intencionalidades pedagógicas e aproveitar o interesse dos alunos por esses artefatos tecnológicos digitais. E, também, como estratégia oportuna para personalizar e promover o aprendizado colaborativo em rede-grupo-movimento.

Com a pretensão de aprimorar os estudos acerca da contribuição dos dispositivos móveis e aplicativos na educação – neste caso o *smartphone* e o *WhatsApp* – foi feita a seleção para ingressar no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unit. Este teve início em 2016, vinculado a Linha de Pesquisa ‘Educação e Comunicação’ e considerado um espaço profícuo para articulação de leituras e discussões pertinentes para o desenvolvimento da investigação.

O Ensino Superior contemporâneo, frente às constantes mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, principalmente, no que concerne à presença dos dispositivos móveis, aplicativos e *sites* de redes sociais digitais; tem sido desafiado a repensar seus processos de ensino e de aprendizagem. Isso porque, de um modo geral, as práticas pedagógicas e educativas não estão articuladas ao estilo de vida móvel de Professores e alunos em tempos de *App-Learning* (SANTAELLA, 2016).

Dentre essas transformações, podemos citar as questões sociais, políticas, econômicas e culturais – que se desdobram em novas formas de comunicação-interação, de apreensão espaço-temporal e de sociabilidade – com a digitalização da informação e a emergência da Cibercultura. Na atualidade um dos principais desafios do Professor tem sido disputar atenção do aluno, com as tecnologias e as novas mídias, dizem os críticos. Não obstante, em muitos casos, percebemos que o principal problema deste tipo de crítica está na concepção superficial do que é a educação ou de como o Professor deve se apropriar das tecnologias e das experiências do tempo presente.

Ao observar este cenário por outro ângulo, buscamos encará-lo a partir do entendimento de como melhor aproveitar as potencialidades tecnológicas da Cibercultura em sala de aula para apoio didático-pedagógico nas práticas docentes. Mais especificamente, por meio do uso do aplicativo *WhatsApp* – mensageiro instantâneo que impulsiona novos fluxos comunicacionais, interacionais, de produção e de compartilhamento de informações-conhecimentos. Mediante mensagens ilimitadas com fotos, imagens, vídeos e áudios; além da criação de grupos e outras funcionalidades. Observemos a narrativa que segue, na qual utilizamos nomes fictícios:

Diego Alves tem 17 anos e os verbos multitelar, curtir, compartilhar, seguir, tuitar, comentar e *stalkear* fazem parte do seu cotidiano. Introspectivo em sala de

aula e interativo com os perfis em *sites* de redes sociais e aplicativos nas relações interpessoais; este estudante de jornalismo é hiperconectado e multitela. Todos os dias, ao acordar, com o dedo na tela do *smartphone* ele checa suas inúmeras mensagens no *WhatsApp* e *Facebook* e deixa um recadinho no *Twitter* – que, automaticamente, atualiza suas outras redes sociais por estar vinculado.

A caminho da Universidade, apertando os fones contra as orelhas, ele aciona o *Spotify* e faz um *Snapchat* cantando ‘*We Found Love*’ da Rihanna – para exercitar o inglês que aprendeu por meio do aplicativo *Duolingo*. Nas aulas, na Universidade, sempre que precisa copiar algo, ele utiliza o recurso ‘Bloco de Notas’ do *Tablet* ou tira fotos da lousa. A timidez o impede de participar ativamente das discussões e de mostrar o que sabe, mas não ofusca o seu bom desempenho acadêmico.

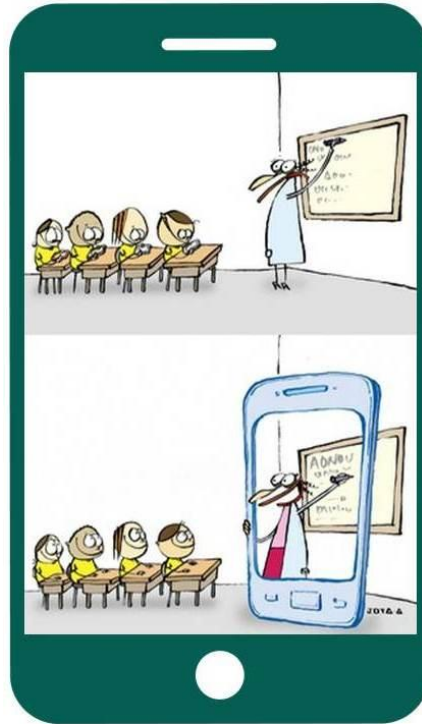
Por outro lado, no Grupo da Turma do *WhatsApp*, o futuro jornalista interage a todo o momento. Adora um textão e, por incrível que pareça, ele articula os debates em pauta (no Grupo) com áudios e vídeos de autoria, compartilha conteúdos complementares e cria *memes* com os colegas e Professores. Os *links* de suas vídeo-aulas no *YouTube* lançados no Grupo impulsionam os estudos, “viralizam” rapidamente e são alvo de elogios dentro-fora da sala de aula. Com muitos seguidores e poucos amigos, Diego não perde a oportunidade de postar fotos no *Instagram* com Beatrice e Gabriela – seja no intervalo das aulas ou nas reuniões de trabalhos acadêmicos.

No surgir das dúvidas, ele pede ajuda aos universitários no Grupo da Turma do “*Uátzap*”. Quando não convencido, chama os Professores no “pv” e, após sanar as supostas questões; tira um *print screen* (captura de tela) da conversa e compartilha com os colegas em que – com a instantaneidade da internet – o tempo de resposta e os *emoticons-emojis* encurtam os processos comunicativos. Antes de dormir, Diego pega o *notebook* e faz a linha “*hashtag* blogueirinho” – ao relatar em seu *Blog* suas ações habituais.

Ao ponderar os motes suscitados nas entrelinhas desta narrativa, fundamentada no perfil contemporâneo e nos usos e apropriações tecnológicas do aluno. Constatamos que os dispositivos móveis, os aplicativos e os *sites* de redes sociais digitais são imprescindíveis nos cotidianos dos alunos e podem contribuir para um novo estilo de aprendizagem.



**Figura 1:** Novo paradigma de aprendizado.



**Fonte:** <http://bit.ly/2AtExYc> **Acesso em:** 27 julho 2017.

Aliado ao que visualizamos acima (**Figura 1**), entendemos que no modelo de ensino tradicional, expositivo – em que o Professor é transmissor e o aluno é uma central de armazenamento e memória de conhecimentos – a tecnologia é vista como o fim e não como o meio para possibilitar a formação autônoma do aluno como sujeito ativo. Sujeito esse, capaz de buscar, interpretar e produzir, adequadamente, o conhecimento, dentro-fora da sala de aula. Portanto, nesse tipo de aula, os dispositivos móveis (*smartphone*, *tablet*, computador portátil etc.) concorrem e ganham do Professor na atenção do aluno.

Esse aluno pode checar informações instantaneamente, acessar qualquer outro conteúdo mais importante e, se, a exposição dialogada do Professor não for interessante, especialmente o *smartphone* com acesso à internet, o aplicativo *WhatsApp* e os *sites* de redes sociais digitais serão bem mais atraentes que a aula. Na contemporaneidade, envolver o estudante ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de construção colaborativa de sua aprendizagem; exige do Professor uma mudança de papel – passando a ser um mediador-facilitador. Dessa maneira, os dispositivos móveis estão deixando de ser os vilões para se tornar importantes aliados nos processos de ensino e de aprendizagem.

Os artefatos tecnológicos da Cibercultura oferecem vantagens que podem ser incorporadas na ação docente e no desenvolvimento de uma formação mais efetiva. Assim, a integração desses artefatos tecnológicos é inevitável, pois eles já fazem parte do cotidiano dos jovens. Ao ignorá-los, os pares, a saber, Professor-alunos, alunos-Professor e alunos-alunos; perdem a grande oportunidade de utilizá-los em benefício da relação dialógica e dos processos de ensino e de aprendizagem. Nesse bojo, as práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da Cibercultura têm configurado novas formas de compartilhar, receber, produzir e armazenar a informação e o conhecimento. Isso por meio de redes de colaboração e de coautoria. Logo, na sala de aula atual, os artefatos tecnológicos ciberculturais auxiliam as práticas pedagógicas e educativas; onde, o aluno é protagonista e parte ativa do processo e o Professor seu guia no mundo do conhecimento.

Todavia, nessa era da conectividade e de mutações aceleradas, as tecnologias digitais estão afetando-mudando a forma como se produz, se consome, se relaciona e, até mesmo, exercemos a cidadania. Ao mesmo tempo, têm o potencial de gerar impactos e redefinições no cerne dos processos de ensino e de aprendizagem; uma vez que, a educação caminha para se tornar cada vez mais online, híbrida, ubíqua e calcada em modelos colaborativos.

Em vista disso, para a configuração de uma experiência de ensino onde o *smartphone* se estabeleceu como principal mediador da aprendizagem, introduzimos o *app WhatsApp* no suporte das práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III. Junto com ele, combinamos outras mídias (a exemplo do *Blog*), mesclando o ensino presencial com o *online*, criamos o conceito de “*WhatsAula*” e geramos fluxos comunicacionais e interacionais em rede-grupo-movimento – intra e extramuros da Universidade. Esta combinação foi o que planejamos para ampliar as discussões e o espaço da sala de aula a experiência de Educação *Online*. Como também, para impulsionar nossas práticas pedagógicas e educativas e potencializar o processo de aprendizagem colaborativa, por meio dos usos e apropriações do mensageiro instantâneo.

Tendo em vista o escopo desta investigação, procuraremos responder ao seguinte problema de pesquisa: **Como o aplicativo *WhatsApp* pode contribuir com o processo de aprendizagem colaborativa, ao ser utilizado pelos alunos do componente curricular Produção Textual III?**

Partimos do pressuposto de que: O uso, cada vez mais, intenso de dispositivos móveis e de tecnologias digitais trouxe novas possibilidades para a Educação. Com o auxílio da tecnologia, os Professores e os alunos têm em mãos os suportes necessários para construir e ampliar seus conhecimentos de modo contínuo e de forma colaborativa. É verificável que, existe uma propagação significativa do aplicativo *WhatsApp* – e de todas as mudanças sociais que ele tem provocado desde a sua criação. Por isso, defendemos que, suas funcionalidades e suas possibilidades educativas de uso contribuem para aprimorar as experiências (dentro-fora da sala de aula) e o processo de aprendizagem colaborativa em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III.

Deste modo, ao nos lançarmos em busca de respostas para as inquietações que o tema conjuga, a presente pesquisa tem como *objetivo geral* investigar a contribuição e os usos do aplicativo *WhatsApp* no processo de aprendizagem colaborativa por jovens universitários de 2016.2, em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III, do Curso de Comunicação Social: Jornalismo, da Universidade Tiradentes (UNIT/SE).

Para tanto, com o intuito de atingir este objetivo geral, estabelecemos os seguintes *objetivos específicos*:

- Compreender as possibilidades de uso do *WhatsApp* como suporte para as práticas de ensino e espaço colaborativo de aprendizagem;
- Demarcar como os alunos estão utilizando as funcionalidades do *WhatsApp*, em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III, para a construção colaborativa de sua aprendizagem;
- Mapear o nível de participação e interação dos alunos a partir das atividades desenvolvidas no Grupo do *WhatsApp*;
- Verificar como o *WhatsApp* contribui para o processo de aprendizagem colaborativa com base na percepção dos alunos e avaliação das atividades desenvolvidas por meio da experiência “*WhatsAula*”.

Por outro lado, a elaboração de uma pesquisa científica reflete escolhas, caminhos e riscos a serem trilhados pelo pesquisador na relação com o objeto de estudo. Assim, para responder ao problema anteriormente citado e alcançar os

objetivos da investigação planeada, primeiramente, realizamos uma pesquisa de base Bibliográfica. Esta teve como propósito, a articulação de conceitos e ideias pertinentes à temática, além de aprofundar teórico-metodologicamente a discussão; utilizando autores como: Lemos, Lévy, Primo e Santaella e demais autores que surgiram no decorrer do estudo e da necessidade que cada bifurcação demandou. Nesta investigação, *hiperlinkamos* a abordagem de pesquisa qualitativa, classificada como Estudo de Caso; com o enfoque da multirreferencialidade.

Destacamos que, por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, os alunos-participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>1</sup>, visto que, pretendemos divulgar os resultados desta pesquisa, com o objetivo de compartilhar o conhecimento adquirido. Portanto, após este ponto de partida, a pesquisa foi organizada da seguinte maneira:

Na primeira seção, **Conectando Estratégias Metodológicas**, explicaremos as estratégias metodológicas utilizadas e seus desdobramentos, destacando suas adequações ao presente estudo.

Na segunda seção, **Educação no Ciberespaço: Novas formas de Ensinar e Aprender**, argumentaremos a relação entre os artefatos tecnológicos digitais da Cibercultura e Educação. Em seguida, serão discutidas as novas formas de ensinar, aprender e colaborar em rede-grupo-movimento e em contextos de *App-Learning*. Apresentaremos, também, à propagação do *WhatsApp* e as mudanças socioculturais que este *app* (como é comumente chamado), tem provocado desde a sua criação.

Na terceira seção, **“WhatsAula”: Tudo Híbrido e Misturado**, discutiremos os conceitos de Educação *Online*, Sala de Aula Invertida, Ensino Híbrido, Aprendizagem Ubíqua e Colaborativa. E as estratégias de personalização elegidas para aperfeiçoar e enriquecer nossas práticas pedagógicas e educativas e ressignificar nossos atos de currículo; conforme as narrativas resultantes da experiência denominada de “*WhatsAula*”, aqui compartilhadas. E, também, evidenciaremos os usos e as contribuições do *WhatsApp* – enquanto aplicativo de

---

<sup>1</sup> Projeto de Pesquisa submetido na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes (CEP/UNIT), sob parecer de número: 1.744.734 (**Anexo 1**).

suporte para o nosso fazer docente e espaço colaborativo de aprendizagem – junto ao componente curricular Produção Textual III.

Na quarta seção, **Um “Zap Zap” atrás do outro: Produção e Discussão dos Dados**, apresentaremos a fase exploratória da pesquisa por meio de Infográficos – baseada na produção e discussão dos dados obtidos mediante aplicação de dois questionários junto aos sujeitos.

Na quinta seção, **Considerações Finais**, publicizaremos algumas conclusões da pesquisa e possíveis respostas ao problema em tela.

## 2 CONECTANDO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Nesta seção explicaremos as estratégias metodológicas utilizadas e seus desdobramentos, destacando suas adequações ao presente estudo. Na *home screen* – tela inicial – de uma pesquisa científica constam escolhas e percursos teórico-epistemológico-metodológico a serem clicados e delimitados pelo pesquisador em navegação com o seu objeto de estudo na Cibercultura. Assim, nesta investigação, *hiperlinkamos* a abordagem de pesquisa qualitativa – classificada como Estudo de Caso – com o enfoque da multirreferencialidade.

### 2.1 *Hiperlinks* Metodológicos: Pesquisa Qualitativa e Estudo de Caso

Como delineamento metodológico e para o desenvolvimento da investigação, optamos pela abordagem de pesquisa qualitativa – classificada como Estudo de Caso. Para tanto, nos apoiamos em André (2008), Stake (1994) e Yin (2015).

Na Educação, o estudo de caso aparece nas décadas de 1960 e 1970 apenas como estudo descritivo de uma unidade: uma escola, um professor, um grupo de alunos, uma sala de aula. Um marco importante na introdução dessa perspectiva de estudo de caso qualitativo, na área educacional, foi a Conferência internacional realizada em Cambridge, Inglaterra, em 1975 (ANDRÉ, 2008, p. 14-15).

No tocante ao conceito deste tipo de pesquisa, há que se considerar um ponto comum no panorama da Conferência mencionada: “o estudo de caso sempre envolve uma instância em ação”. Este, entretanto, se constitui como um conceito muito amplo, o que, para André (2008, p. 15), pode levar a conclusões equivocadas.

O estudo de caso não é um método específico de pesquisa sequer uma escolha metodológica, mas uma forma particular de estudo e uma escolha do objeto a ser estudado (STAKE, 1994).

De acordo com Yin (2015, p. 17), o uso do estudo de caso é apropriado quando se pretende investigar o “como” e o “por que” de um conjunto de eventos contemporâneos. O autor assegura que o estudo de caso é uma investigação empírica que permite o estudo de um fenômeno contemporâneo (o “caso”) dentro de

seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Este é o “caso” da pesquisa que apresentamos, cujo objetivo é investigar um fenômeno da Cibercultura, onde os alunos-participantes utilizam o aplicativo *WhatsApp* em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III para a construção colaborativa de sua aprendizagem. O estudo de caso possui um potencial enorme de contribuição aos dilemas da prática educacional e podem fornecer informações valiosas. Por esse motivo, André (2008, p. 35-36) enfatiza que os princípios éticos precisam ser levados em consideração; por respeito aos sujeitos, de modo que sejam evitados prejuízos aos participantes.

Isto posto, concordamos com esta autora e destacamos que, nossos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O TCLE objetiva esclarecer e proteger os sujeitos da pesquisa, assim como, nós pesquisadores, no transcorrer do trabalho.

## **2.2 A Abordagem Multirreferencial**

A abordagem multirreferencial, foi concebida por Jacques Ardoino, Professor da Universidade de Vincennes (Paris VIII), e seu grupo de trabalho. Para Ardoino (1998), o surgimento da multirreferencialidade está ligado ao reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade inerentes às práticas educativas, sempre na perspectiva de uma pluralidade de olhares e linguagens, reconhecidas como necessárias à compreensão do fenômeno complexo que é a Educação. Ainda segundo Ardoino (1998), a multirreferencialidade pode ser entendida antes de tudo como o reconhecimento do valor da pluralidade. Assim, de modo sintético, tem-se uma nova perspectiva para a compreensão dos fenômenos educativos: a da pluralidade e da heterogeneidade dos saberes e práticas.

A multirreferencialidade, mais que um conceito, apresenta-se como uma epistemologia, um modo de ver o mundo no qual nos inserimos. Um modo de compreender a ciência, o conhecimento, o outro e a nossa atuação no social e conosco mesmos (BARBOSA, 2012, p. 63-64).

Em vista disso, optamos pelo enfoque da multirreferencialidade, por compreendermos que esta abordagem nos orienta para um tipo de saber que se distingue daquele que é configurado na ótica do cartesianismo e do positivismo; “ainda hoje utilizados como “certos”, “verdadeiros” e “infalíveis”, quando se pretende entender a realidade e construir conhecimento” (SANTOS; SANTOS, 2017, p. 37). E, também, por entendermos que o problema de pesquisa em tela, demanda a compreensão multirreferencial dos fenômenos sociais no âmbito educacional, em tempos de Cibercultura – em que “a aprendizagem não se dá entre quatro paredes, ela está além dos muros da escola/universidade, numa relação híbrida com todos os *espaçotempos* que nos cercam” (ROCHA, 2012, p. 58).

Por esse ângulo, consideramos o mensageiro instantâneo *WhatsApp*, em práticas de ensino e de aprendizagem em rede-grupo-movimento, como sendo um espaço-tempo multirreferencial para a construção colaborativa de saberes e ampliação das discussões e do espaço da sala de aula.

### **2.3 Etapas da Pesquisa**

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa (2016.1), realizamos um estudo piloto com 23 alunos matriculados no componente curricular Produção Textual III (PT-III), ministrado pela Professora Cristiane Porto, no Curso de Comunicação Social: Jornalismo, da Universidade Tiradentes – UNIT, localizada em Aracaju, Sergipe. Dos 23 alunos-participantes, três do sexo masculino e 20 do feminino, com idades entre 18 e 40 anos.

A gênese dessa etapa de testagem tem sua origem, na participação enquanto monitor de PT-III e implementação do aplicativo *WhatsApp*; a fim de dinamizar e potencializar os processos de ensino e de aprendizagem. Diante deste contexto, este laboratório de testagem possibilitou a verificação da “*WhatsAula*” e suas limitações, avaliação de suas consequências, possíveis correções e adequação das estratégias; sendo importante etapa para a pesquisa em prática.

Os resultados acerca de nossas vivências, nesta etapa, foram apresentados à sociedade, no III Congresso Nacional de Educação – CONEDU, em Natal, Rio Grande do Norte, com o propósito de publicizar os primeiros achados e fomentar novas discussões (**Ver Figura 2**).



**Figura 2:** Mosaico de fotos durante o CONEDU.



**Fonte:** Arquivo pessoal de André Alves (2017).

Este momento foi, sem dúvida, muito especial, de trocas e interações, como também, um espaço oportuno para disseminarmos nossa produção e ampliarmos nossas redes e nossos repertórios. O caso-piloto pode assumir, então, o papel de um “laboratório”, permitindo que você observe os diferentes fenômenos a partir de muitos ângulos distintos ou tente abordagens diferentes experimentalmente (YIN, 2015, p. 101).

Na segunda etapa (2016.2), momento de execução da pesquisa, efetivamos a experiência “*WhatsAula*”, simultaneamente, com a realização do Estágio Docente Supervisionado – conforme estudo de caso descrito a seguir.

## **2.4 “*WhatsAula*”: Um “caso” de estudo**

### 2.4.1 “Envie sua Localização”: O *Lócus* da Pesquisa

André Alves está com Cristiane Porto e outras 21 pessoas em Universidade Tiradentes – Unit. 20 de outubro às 21:47 – Aracaju.

**Figura 3:** Sala de aula com excelente estrutura física e de conectividade.



**Fonte:** Arquivo pessoal de André Alves (2017).

O *lócus* da pesquisa foi a Sala 29, do Bloco F, lotada no 2º andar do Complexo de Pós-Graduação (*Lato e Stricto Sensu*), da Universidade Tiradentes – Unit, *Campus* Farolândia, em Aracaju-Se. Esta sala foi alocada para as aulas do componente curricular Produção Textual III (PT-III), ministrado pela Professora Cristiane Porto. Com uma infraestrutura moderna, possui Rede *Wi-Fi*, projetor multimídia, bancadas funcionais com tomadas de energia para que os alunos possam conectar-carregar seus dispositivos móveis (*smartphone, tablet, computador portátil* etc.) e apoiar materiais diversos (**Ver Figura 3**).

Ressaltamos que, nossa pesquisa não se restringe ao componente curricular PT-III e ao espaço da sala de aula como *lócus* privilegiados de construção de saberes; por considerarmos, também, os plurais espaços-tempos multirreferenciais de aprendizagens – decorrentes dos usos dos dispositivos móveis e aplicativo *WhatsApp* em contexto de *App-Learning*.

### 2.4.2 Os Interagentes da Pesquisa

Participaram desta pesquisa 21 alunos do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Unit, regularmente matriculados no componente curricular PT III, no terceiro período, do semestre 2016.2 (**Figura 4**).

**Figura 4:** Turma de Produção Textual III.



**Fonte:** Arquivo pessoal de André Alves. Clique do aluno Anderson de Menezes (2017).

Destes, 12 (57,1%) são do sexo masculino e nove (42,9%) do sexo feminino. A maior parte dos alunos encontra-se na faixa etária entre 19 e 25 anos (81%), até 18 anos (4,8%), entre 26 e 30 anos (4,8%) e entre 31 e 40 anos (9,5%). Em relação ao estado civil, 20 (95,2%) são solteiros e um (4,8%) divorciado.

## 2.5 Instrumentos de Produção de Dados

### 2.5.1 A Observação Participante

As abordagens positivistas criaram a ideia do observador imparcial, que, não pode levar em consideração as subjetividades da realidade sequer exercer influência sobre o objeto de investigação. Logo, no estudo de caso, o investigador assume um

papel importante na relação sujeito-objeto a partir de um dos procedimentos de observação mais utilizados na pesquisa qualitativa. A observação participante é um método interativo de recolha e análise de informação que requer uma implicação do investigador nos acontecimentos e fenômenos no contexto da ação (RODRÍGUEZ, 1999).

**Figura 5:** Meme “Chapolin Sincero”.



**Fonte:** <http://geradormemes.com/meme/6xy750> **Acesso em:** 15 dezembro 2017.

Segundo Meirinhos e Osório (2010), o fundamental desta observação participante é a integração do investigador no campo de observação. Em razão disso, o observador é considerado parte ativa do campo observado, pois, além de observar desde a perspectiva de um membro participante; pode influenciar o que observa devido à sua participação. Portanto, não compartilhamos da ideia do meme “Chapolin Sincero” – ancorado em imagens do herói picaresco Chapolin Colorado – que propaga por meio de um humor ácido: “Falo nada, só observo” (Ver Figura 5); pois, enquanto observador participante, não basta apenas observar, é preciso participar.

Corroborando com este pensar, Yin (2015, p. 119) diz que a observação participante é um modo especial de apreciação. Nesta, o investigador não é simplesmente um observador passivo, mas pode assumir uma variedade de papéis no estudo de caso, podendo efetivamente participar dos acontecimentos a serem

estudados. A observação participante não se revela uma tarefa fácil, pois requer certa aprendizagem que permita ao pesquisador desempenhar o duplo papel de investigador e de participante. Este deve ser capaz de “perceber a realidade do ponto de vista de alguém de “dentro” do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo” (YIN, 2015).

Sobre este aspecto, o observador participante pode aproximar-se num sentido mais profundo e fundamental às pessoas e comunidades estudadas e aos problemas que as preocupam. Esta aproximação que situa o investigador no papel dos participantes, permite obter percepções da realidade estudada que dificilmente se poderiam conseguir sem se implicar de maneira efetiva (RODRÍGUEZ, 1999).

A observação participante, que ocorreu ao longo das aulas de Produção Textual III, nos possibilitou uma aproximação dos sujeitos e compreensões de suas ações dentro-fora da sala de aula e, principalmente, nos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”. No transcorrer da apreciação, procuramos compreender os processos de ensino e de aprendizagem colaborativa, implementados por intermédio do dispositivo móvel – *smartphone* – e aplicativo *WhatsApp* entre pares, a saber, Professor-alunos, alunos-Professor e alunos-alunos. Além disso, nos apropriamos das possibilidades de uso do *WhatsApp* como suporte para as práticas de ensino e espaço colaborativo de aprendizagem. E ainda, das especificidades de participação-interação, engajamento, compartilhamento de informações e produção colaborativa de conteúdos-conhecimentos em contexto de *App-Learning*.

Ao passo que a convivência avançava, o campo de observação se alargava e o vínculo entre sujeitos e pesquisadores se fortaleceu, oportunizando mais interpretações sobre suas ações. Em relação aos registros do campo, fotografamos e anotamos informações pontuais acerca das aulas de PT-III e nos apropriamos do histórico de compartilhamentos armazenados nos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”, como dispositivos de memória de nossas vivências.

#### 2.5.2 Os Questionários para caracterização dos sujeitos e avaliação da “*WhatsAula*”

Na fase exploratória da pesquisa, consideramos os instrumentos para a produção dos dados foram aplicados junto aos sujeitos por meio da plataforma para gestão de questionários *online* – *Google Forms*; durante o trabalho em campo.

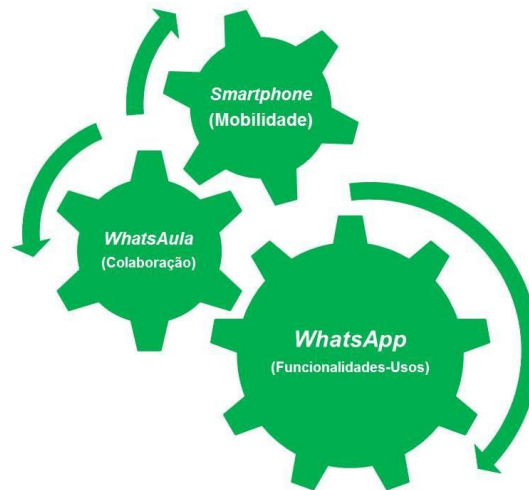
No início da Unidade I, aplicamos o **Questionário-1**, intitulado “*Status: Online no WhatsApp*”, para identificação de perfis, familiaridade, frequência e formas de acesso e conexão e intensidade de uso dos alunos-participantes com o *app WhatsApp* nos cotidianos. Já no final da Unidade II, aplicamos o **Questionário-2**, denominado “*WhatsAula: E aí, aprendeu?*”, para avaliação das atividades desenvolvidas por meio da experiência “*WhatsAula*” – a partir dos usos-apropriações e da percepção dos alunos-participantes – como também; das possíveis contribuições do aplicativo *WhatsApp* para a construção colaborativa de sua aprendizagem.

Por se tratar de um objeto de estudo contemporâneo e conectado ao estilo de vida móvel de Professores e alunos neste momento de conexão contínua, os resultados da fase exploratória da pesquisa foram apresentados por intermédio de **Infográficos**. Estes foram baseados na produção e discussão dos dados gerados mediante aplicação dos **Questionários 1-2** junto aos sujeitos. Os **Infográficos**, com o auxílio da computação gráfica e com a exigência de informações, cada vez mais, sucintas e atrativas, publicizam os efeitos da experiência “*WhatsAula*” de forma a facilitar a compreensão de nossas práticas pedagógicas e educativas e atração do leitor para os achados.

## 2.6 A Análise dos Dados

A análise e interpretação de dados nos estudos de caso, assim como na maioria das pesquisas qualitativas, é uma atividade complexa, pois não há consenso acerca dos procedimentos a serem adotados; por se tratar de um processo que de certa forma se dá simultaneamente à sua produção (GIL, 2009, p. 91).

**Figura 6:** Eixos de Análise.



**Fonte:** Desenvolvido pelo autor (2017).

Posteriormente, a recolha dos dados produzidos, detectamos os motes que guiaram a análise deste estudo de caso. Neste enquadramento, a análise dos dados, girou em torno dos seguintes eixos: 1) Dispositivos móveis, mais especificamente, a utilização dos *smartphones*, devido à sua mobilidade, popularização e ascensão – impulsionados pela internet; 2) Aplicativo *WhatsApp*, por suas funcionalidades e possibilidades de uso em práticas de ensino e espaço colaborativo de aprendizagem; 3) Experiência “*WhatsAula*”, a partir da participação-interação-colaboração junto as atividades desenvolvidas em rede-grupo-movimento.

Com a engrenagem em movimento (**Figura 6**) e eixos que se acionam mutuamente, seleccionamos algumas capturas de telas (*print screen*) dos fluxos comunicacionais e interacionais da “*WhatsAula*” para subsidiar as análises; uma vez que o histórico de compartilhamentos armazenados contribui com o enriquecimento desta experiência.

Na próxima seção, apresentaremos conceitos, ideias e reflexões acerca dos temas mais clicados nesta pesquisa e ancorados em sólida argumentação; em tempos de *App-Learning*.

### 3 EDUCAÇÃO NO CIBERESPAÇO: NOVAS FORMAS DE ENSINAR E DE APRENDER



Confira por meio do QR Code  
"Banda Larga Cordel" – Gilberto Gil (2008).

Nesta seção, argumentaremos a relação entre os artefatos tecnológicos digitais da Cibercultura e Educação. Em seguida, serão discutidas as novas formas de ensinar, aprender e colaborar em rede-grupo-movimento e em contextos de *App-Learning*. Neste caso, elegemos o aplicativo *WhatsApp* como suporte que transforma os processos de ensino e de aprendizagem, reforça nossos objetivos, potencializa nossas práticas pedagógicas e educativas, viabiliza a mensuração da colaboração, propicia a mediação e a construção do próprio conhecimento desta comunidade híbrida. Comunidade, como fluxos de interação, de aprendizagem, de produção colaborativa e de compartilhamento. A partir daí, buscaremos ampliar as discussões e os espaços e tempos da sala de aula. Apresentaremos, também, à propagação do *WhatsApp* e as mudanças socioculturais que este *app* (como é comumente chamado), tem provocado desde a sua criação. Tudo isso margeado pelas definições técnicas, funcionalidades e possibilidades de uso para *fins* didático-pedagógicos.

#### 3.1 Educação Multitela: aprendizagem em rede-grupo-movimento

Com a mobilidade e a interconexão dos dispositivos móveis em rede, as informações produzidas por multiusuários passaram a circular nas estruturas do espaço virtual (Ciberespaço) – livremente e de maneira descentralizada – favorecendo a troca de mensagens instantâneas e reconfigurando as práticas culturais contemporâneas (Cibercultura). Nesse contexto, com a inserção de aplicativos e *sites* de redes sociais digitais na Educação, os processos de ensino e de aprendizagem ganharam novos delineamentos; o que possibilitou novos modos de comunicação, de interação, de produção, de circulação de informações e saberes e formas de ser.



O Ciberespaço emergiu da interconexão mundial dos computadores e das memórias destes (LÉVY, 2010), como fluxos interacionais de todos para todos; a partir de uma perspectiva comunicativa bidirecional, aberta e multimodal – inaugurando um novo panorama social. Por “navegar no Ciberespaço”, Santaella (2004, p. 45) o descreve como:

[...] todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. [...] Ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis.

Como consequência dessa dinamicidade, onde as pessoas em rede-grupo-movimento se correspondem mutuamente; os diversos modos de comunicação-interação (e de sociabilidade) e a constante busca de informações no espaço “Ciber” – por meio de interfaces plurais – produziram uma nova cultura: a Cibercultura.

Para além da cultura da internet, trata-se de uma nova cultura mediada por artefatos tecnológicos digitais, em que a circulação de informações e a construção do conhecimento são resultantes dos processos comunicacionais e dos fluxos interacionais; entre sujeitos em mobilidade, no Ciberespaço. Lévy (2010, p. 17) define Cibercultura como “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Segundo André Lemos e Pierre Lévy (2010, p. 29), “o ciberespaço já fez da cultura um lugar de produção de conteúdo, de conexão livre entre pessoas e grupos e de reconfiguração da vida social, política e cultural”.

Assim, o Ciberespaço possibilita que os indivíduos naveguem-alimentem o seu universo de informações; a partir dessa nova relação entre os processos comunicacionais sociais, a cultura e as tecnologias digitais. Por outro lado, André Lemos e Pierre Lévy (2010, p. 45) asseguram que, esta relação é potencializada pelas três “leis” fundadoras da Cibercultura: a liberação do polo da emissão, o

princípio de conexão em rede e a reconfiguração de formatos midiáticos e práticas sociais.

A “liberação do polo de emissão” ou “liberação da palavra”, fez com que qualquer internauta multitelas possa não apenas ser consumidor; mas também gerador de conteúdo, ter voz, ter audiência, ou seja, ser emissor – sem pedir autorização. De acordo com André Lemos e Pierre Lévy (2010, p. 25, grifo nosso), a “liberação da palavra” permite “a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, consumir, produzir e distribuir informação sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo”. Dessa forma, fez também emergir novas mediações, novos formadores de opinião e novas ressignificações socioculturais.

Da liberação da expressão pública em redes telemáticas (abertas e mundiais) surge o princípio de conexão em rede – diretamente associado à comunicação móvel no seu aspecto de ubiquidade e conexão por redes sem fio ou outras formas de comunicação entre pessoas ou máquinas. Nessa perspectiva, Lemos (2008, p. 20), afirma que:

A conectividade generalizada põe em contato direto homens e homens, homens e máquinas mas também máquinas e máquinas que passam a trocar informação de forma autônoma e independente. Nessa era da conexão o tempo reduz-se ao tempo real e o espaço transforma-se em nãoespaço, mesmo que por isso a importância do espaço real e do tempo cronológico, que passa, tenham suas importâncias renovadas.

Já o processo reconfigurante de formatos midiáticos e práticas sociais trata-se de “reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes” (LEMOS, 2008, p. 18). Por reconfiguração, este autor defende a ideia de modificação das estruturas sociais, das instituições e das práticas comunicacionais. Consequentemente, podemos redimensionar o fazer pedagógico com suporte de artefatos tecnológicos e de modo colaborativo, plural e aberto a partir das três potências maiores do Ciberespaço (produzir, distribuir e compartilhar) e da Cibercultura (emissão, conexão e reconfiguração); estimulando os alunos em direção às suas habilidades e potencialidades máximas.

Na sociedade contemporânea conectada, movente e participativa; as tecnologias têm afetado o modo de conceber a educação e de desenvolver o

trabalho docente. Portanto, com “todo mundo na ampla discussão” (GIL, 2008), fazer uso ou não destas no âmbito educacional já não é mais a questão. Há uma tendência, cada vez mais, pujante de inserção dos dispositivos móveis, aplicativos e *sites* de redes sociais digitais junto aos processos educativos contemporâneos; como um recurso estratégico voltado para uma ação pedagógica personalizada e diferenciada das abordagens tradicionais.

Por outro lado, em função dos múltiplos espaços de aprendizagem e das amplas possibilidades de comunicação propostas pelo digital em rede; a música Banda Larga Cordel, de Gilberto Gil, nos convida a refletir sobre a inclusão digital, com banda larga e até redes sem fio. Pois, embora o acesso às tecnologias digitais tenha aumentado, muitos cotidianos escolares e sociais brasileiros se encontram, por exemplo, sem possibilidade de conexão à banda larga e distanciados dos atuais fluxos interacionais de comunicação e formativos. Visto que as contradições e desigualdades sociais são constituídas por condições econômicas e culturais.

Seja por fios, cabos ou sem fio (3G, 4G, *Wi-Fi*, *Bluetooth*, *WiMax*); os artefatos tecnológicos (*notebooks*, *smartphones*, *tablets*, entre outros) interferem e medeiam os processos informacionais e comunicacionais dos indivíduos. Logo, propõem reconfigurações aos processos de ensino e de aprendizagem, exigem do Professor realinhar sua conduta e formular novas estratégias pedagógicas e educativas – ao incorporá-las à dinâmica da sala de aula. Assim como, fazem parte dos cotidianos dos alunos de todas as regiões do País e de todas as classes sociais e prometem moldar o nosso futuro.

Multitelas, convergentes, portáteis e multimídias, os aparatos tecnológicos dispõem de um conjunto de possibilidades que podem ser incorporadas (e exploradas) as novas formas de ensinar e aprender. A principal delas é aprender em qualquer lugar: dentro-fora dos espaços institucionais. Nessa perspectiva, iniciativas educacionais inovadoras vêm se apropriando dos dispositivos móveis, dos aplicativos e dos *sites* de redes sociais digitais para ampliar as discussões, os espaços e tempos da sala de aula – para além do horário e dos muros da Universidade.

Por meio dos dispositivos móveis, à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. É para essa direção que aponta a evolução dos dispositivos móveis, atestada pelos celulares multifuncionais de última geração, a saber: tornar absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento. (SANTAELLA, 2010, p. 19).

Podemos destacar nesse contexto, mais especificamente, a utilização dos *smartphones*, devido à sua popularização e ascensão – impulsionados pela internet. Os números da Fundação Getúlio Vargas – FGV/SP<sup>2</sup>, publicizados em Abril/2016, sinalizam que o Brasil chegou a 168 milhões de *smartphones* em uso. A pesquisa mostra ainda que há mais *smartphones* que computadores no País. Por meio de um levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>3</sup>, também em Abril/2016, constatou-se que o *smartphone* é o principal meio de acesso à internet para o usuário doméstico. Segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL<sup>4</sup>, divulgados em Fevereiro/2017, o mês de Janeiro/2017 encerrou com 243,4 milhões de linhas móveis em operação. De acordo com a FGV/SP, para 2018, a projeção de dispositivos *smarts*, conectados à internet, será de dois por habitante (236 milhões).

Afinal, estas estatísticas descortinam o quanto a mobilidade está presente no dia a dia dos brasileiros, principalmente, dos mais jovens, que “por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber [...]” (SERRES, 2013, p. 19). Sem o Ciberespaço, um telefone celular seria tão só e apenas um telefone. A convergência tecnológica permitiu integrar sistemas de comunicação, computação e informática; transformando o telefone celular em um “telefone inteligente” (*smartphone*).

Assim, o aproveitamento didático deste aparato multifuncional vem sendo reconhecido pelos inúmeros recursos disponíveis, pela mobilidade, pela ubiquidade e conectividade com o Ciberespaço. Potencializada pelos usos dos dispositivos móveis, a mobilidade é uma das principais características da Cibercultura. Ela

<sup>2</sup> Dados da Pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas – FGV/SP. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1761310-numero-de-smartphones-em-uso-no-brasil-chega-a-168-milhoes-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

<sup>3</sup> Dados da Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1757972-celular-se-torna-principal-meio-de-acesso-a-internet-nos-lares-diz-ibge.shtml>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

<sup>4</sup> Dados da Pesquisa realizada pela Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/dados/component/content/article?id=283>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

permite ao utilizador desenvolver atividades que envolvam o acesso à internet em qualquer lugar e horário – mesmo em movimento – incorporada aos espaços e práticas educativas e aos cotidianos; numa dinâmica que vincula a escola à cultura digital e oferece um conjunto de possibilidades para a aprendizagem.

**Figura 7:** Jovens conectados, convergentes e em mobilidade.



**Fonte:** Compartilhamento via *WhatsApp* (2017).

Compartilhar o mesmo espaço físico não significa mais compartilhar da mesma experiência. Onde quer que estejamos, movimentamos conosco possibilidades muito mais interessantes do que o lugar e o momento que vivemos: tudo na palma da mão.

Logo, a imagética anterior (**Figura 7**) apresenta desdobramentos no presente quanto ao uso de dispositivos móveis em tempos de Cibercultura. É um grande engano pensar que os dispositivos móveis são geradores de “solidão conectada”. Por meio destes, encurtamos distâncias, interagimos com pessoas-lugares-coisas plurais, produzimos conhecimento, filmamos-fotografamos-postamos tudo

instantaneamente e até o “joguinho” é muito mais divertido; entre tantas outras coisas.

Quando o assunto é transporte público – seja por motivos como o trânsito e o excesso de passageiros – os ônibus são os que mais atrasam. Portanto, a espera em pontos de ônibus ou em estações de trem-metrô tem sido mais prazerosa com os olhos e dedos na tela, como também, com fones de ouvido. Enquanto aguarda, o usuário pode ler um livro, um jornal ou uma revista, trocar um “zap zap” atrás do outro, dar *likes-corações-match*, ver TV ou ouvir músicas. Tudo isso por meio de impressos, aplicativos, *sites* de redes sociais digitais ou plataformas de *streaming*<sup>5</sup>; ou seja, é possível escolher e explorar diversos formatos e suportes disponíveis.

Por outro lado, um comportamento que não existia poucas décadas atrás, são pessoas se esbarrando por estar distraídas enquanto utilizam seus dispositivos móveis em *Shoppings Centers* ou pelas ruas de quase todas as grandes cidades do mundo. Ainda de olho na cena, observamos um choque de gerações, onde, de um lado, em tempos não tecnologizados – entremeio a uma leitura silenciosa e solitária – o jornal impresso circulava como fonte única de acesso à informação confiável. De outro, em tempos de hiperconectividade e convergência midiática, o Ciberespaço acelerou a velocidade com que as informações passaram a circular pelo digital em rede, em larga escala, em diversas plataformas digitais, telas e suportes e sem filtro; além de intensificar os fluxos comunicacionais.

Em seu livro “A Cultura da Convergência”, Henry Jenkins (2008), alicerça seu argumento em três pilares: convergência midiática, cultura participativa e inteligência coletiva. A convergência midiática considera a relação que os sujeitos estabelecem com seus fluxos interacionais de informação e comunicação que perpassam os múltiplos suportes e plataformas; sejam estes digitais ou analógicos. A ideia de convergência proposta pelo autor é pautada como processo cultural e não pelo determinismo tecnológico. Por esse ângulo, em um mundo tecnologizado e de

---

<sup>5</sup> Nada de *download*, é só dar o play. Com o Ciberespaço agora é possível assistir filmes e ouvir, comprar, alugar e vender música a um preço bastante acessível e de uma forma completamente diferente; mediante plataformas de *streaming*. Estas distribuem-transmitem conteúdos em formatos digitais e em oposição à descarga de dados, ou seja, as informações não são armazenadas pelo usuário em seu próprio dispositivo móvel – não ocupando espaço de memória; para a posterior reprodução. Exemplos de serviços como esse são a *Netflix* e o *Spotify*.

convergência entre mídias, onde os processos de comunicação-interação são mediados pelas possibilidades tecnológicas da Cibercultura; Jenkins argumenta que:

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação tecnologias existentes, as indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final [...]. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. [...] A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação. (JENKINS, 2008, p. 41-42).

A *cultura participativa* insere o sujeito hiperconectado, produzindo, compartilhando e consumindo informações (e saberes); em contextos de colaboração e participação ativa. Onde, as mídias tradicionais são direcionadas de um para todos e os artefatos tecnológicos do tempo presente são de todos para todos. Com isso, neste novo paradigma de comunicação entre os sujeitos – convergente, interativo, dialógico, imersivo e surpreendente – as informações e os conhecimentos são gerados por todos e consumidos por todos; fluindo de múltiplas ambiências digitais e assumindo formatos diversificados.

Já a *inteligência coletiva* serve para caracterizar o comportamento de consumidores e produtores midiáticos contemporâneos; além de permitir o desenvolvimento de redes, o intercâmbio de informações e formas plurais de acesso, construção e compartilhamento de conhecimentos com o auxílio dos dispositivos móveis-multitelas e do digital em rede.

Vislumbrar novas possibilidades, novos contextos e novas realidades – *online* ou não; sempre fascinou os jovens. Seja por meio de suas interações sociais, de suas formas de consumo e de suas relações com as mídias tradicionais e com os artefatos tecnológicos na contemporaneidade. No entanto, a construção do novo mundo (digital), binário e conectado não é feita a partir de um *reset* do velho mundo (analógico); mais da convergência de mídias e evolução de diferentes suportes. Sob outra perspectiva, muitos discutem o fim do jornal impresso e a primazia de sua versão digital, mais o que se tem notado é uma evolução do suporte e não o seu fim. Outro exemplo também discutido é o desaparecimento do livro que já foi pedra,

argila, madeira, couro, papiro, papel encadernado e; nos últimos anos, se transformou em *PDF*, *ePUB*, *App*, *WEB* e Nuvem.

Os termos *Web 1.0*, *2.0*, *3.0* e *4.0* são aplicados para caracterizar as diferentes fases da internet, cada uma com suas particularidades e evoluções. A *Web 1.0*, primeira fase da internet, se estende pela década de 1990 e apresenta os primeiros *sites* corporativos e páginas estáticas. Nessa fase, a internet já se caracteriza como uma fonte de informações, porém não oferece ao usuário possibilidade de interação e criação de conteúdo.

Além da limitação tecnológica de acesso ao ciberespaço, o próprio ciberespaço se constituiu inicialmente, em sua fase *web 1.0*, com tecnologias que não permitiam a exploração radical da noção de interatividade, aqui entendida como dinâmica de intervenção autoral e comunicacional da emissão e da recepção na cocriação da mensagem nas interfaces *online*. (SANTOS, 2014, p. 26-27).

Já a segunda fase da *Web* tem como principal marco o surgimento de *sites* de relacionamento, que permitem reunir usuários em comunidades. A partir deste momento, os usuários passam a “ter voz” e participar da produção de conteúdo. Santos (2014, p. 27-28), comentando e citando Jones (2009), diz:

O ciberespaço evolui da *web 1.0* para a *web 2.0*. Na *web 1.0* os *sites* são grandes repositórios de conteúdos criados por especialistas em informática para o internauta navegar, assistir e copiar. Na *web 2.0*, quando os *blogs* e as redes sociais (Facebook, Youtube, Twitter, Wiki, etc.) mobilizam maior participação e autoria social no ciberespaço, os internautas podem expressar colaboração e compartilhamento no ciberespaço.

O início do século XXI é caracterizado por transformações relevantes, especialmente no tocante à relação da sociedade com o saber. Atualmente essa nova relação é marcada pelo alargamento da Cibercultura, dos artefatos tecnológicos da *Web 2.0*, da produção e do compartilhamento de conteúdos e saberes em ambiências digitais; por meio de dinâmicas colaborativas. Isto posto, se faz cada vez mais necessário pensar a educação neste contexto e refletir acerca das possibilidades de usos dos recursos tecnológicos da *Web 2.0* – como dispositivos



formativos e de suporte das novas estratégias pedagógicas e educativas – articuladas com a vigente relação aluno-conhecimento.

A *Web 2.0* é ancorada na ideia de colaboração e de compartilhamento. Nesta perspectiva, observamos que as tecnologias da *Web 2.0* que mais se ampliam e se respaldam na colaboração e no compartilhamento de saberes são *sites* de redes sociais digitais. Embora muitos desses artefatos tecnológicos não tenham sido desenvolvidos para fins educacionais, há diversas experiências de usos bem sucedidas nos processos de ensino e de aprendizagem do tempo presente – em que as possibilidades de socialização e de interação são pedagogicamente bastante eficazes.

Para exemplificarmos, o uso do *Facebook*, se expandiu para experiências educacionais com o intuito de reinventar a sala de aula. Este artefato tecnológico da *Web 2.0* também oferece diversos recursos que viabilizam o compartilhamento de conteúdo em grupos de usuários e a construção colaborativa de conhecimento; entre várias outras possibilidades que podem ser exploradas neste espaço de aprendizagem guiado pelos cliques do digital em rede. Autoras como Porto e Santos (2014), organizaram uma coletânea de textos-experimentações-pesquisas sobre a potência educacional do *Facebook*, para orientar Professores e Instituições de Ensino quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas e educativas inovadoras em tempos de Cibercultura (acessar **QR Code**).



Com seu *smartphone*, clique em seu leitor de **QR Code** e acesse o Livro “*Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar*” das autoras Porto e Santos.

As mudanças incorporadas à *Web 3.0* são ainda mais significativas. Nesta fase, os aprimoramentos na organização e sistematização das informações disponíveis tornam os resultados mais precisos. Surge, então, o conceito da *web* semântica, que inaugura um processo mais complexo e “interpretativo” na utilização dos artefatos tecnológicos digitais. Santaella (2013, p. 40), baseando-se no termo “*Web 2.0*” cunhado por Tim O’Reilly em 2007, classifica a internet em três fases:

Dentro da primeira, encontra-se o *desktop* que vai de 1980 a 1990, com seus sistemas de arquivo, *e-mail*, servidores, bancos de dados. Essa era inclui, de 1990 a 2000, a Web 1.0 e seus suplementos: http, HTML, trabalhos em equipe, intranets, Java, portais. Então, de 2000 a 2010, atravessamos a era WWW, com a Web 2.0, as redes sociais, os blogues e wikis, XML/J2EE. Na aproximação da terceira era, a da Web semântica, de 2010 a 2020, já começa a aparecer a computação na nuvem, a Web com banco de dados, os agentes pessoais inteligentes e a *Rule Interchange Linked Data* (Formato para intercâmbios entre linguagens e dados).

Esta autora apresenta as características de cada fase demonstrando a evolução e o nível de refinamento tecnológico da sociedade, no intervalo de dez anos de utilização. Hoje, somam-se a estas evoluções, a mobilidade e a ubiquidade para marcar o nascimento da *Web 4.0*. Essa nova fase funciona como um enorme sistema operacional dinâmico e inteligente, capaz de utilizar e interpretar as informações e os dados disponíveis para suportar a tomada de decisões. Isso tudo de forma automática, por meio de um sistema complexo de inteligência artificial.

Portanto, a Cibercultura móvel e ubíqua permite aos utilizadores não apenas acessarem informações e se comunicar-interagir, mas também produzir-participar-colaborar-compartilhar conteúdos-saberes em rede-mobilidade e de forma rápida e instantânea; ocasionando a fusão do Ciberespaço com o espaço físico. Em que, por meio de *software* para dispositivos móveis, a exemplo do aplicativo *WhatsApp*, os sujeitos podem criar imagens, textos e vídeos, instantaneamente, enquanto se deslocam pelos espaços plurais nos cotidianos. Em vista disso, é possível se apropriar desta interface com intencionalidade pedagógica para personalizar as experiências de ensino e de aprendizagem; propiciando um ambiente formativo.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, emergentes no contexto da Cibercultura e da *Web 2.0*, a exemplo dos *sites* de redes sociais digitais, alteraram, substancialmente, o modo como nos posicionamos diante do mundo e da construção colaborativa de conteúdos e saberes; conseqüentemente os modos de ensinar e de aprender. A partir da *Web 2.0*, conceitos como leveza, praticidade, interação e interatividade foram inseridos nos cotidianos dos sujeitos; alterando a forma de se comunicar e de navegar na rede. Os aplicativos interativos mútuos que se interfaceiam no Ciberespaço, a exemplo do *WhatsApp*, levam em consideração a

interação como uma ação na conexão-relação entre pares de interagentes. Recuero (2014), destaca que:

[...] as interações promovem as relações sociais, porém, a interação reativa (PRIMO, 2002), por não proporcionar uma construção entre os atores, uma troca dialógica, estabelece conexões entre eles, mas concede basicamente o sentimento de pertencimento de um agente a um grupo-rede. Já a interação mútua (PRIMO, 2002) oferece a condição para que se estabeleçam laços dialógicos.

Os “celulares inteligentes” (*smartphones*) ao invés de apenas armazenar informações de telefones, efetuar e atender ligações, enviar e receber mensagens de texto (SMS); realizam diversas tarefas mais avançadas. Por intermédio de processadores e sistemas operacionais modernos (*Android, iOS, Windows, Blackberry, Others*, entre outros) – similares aos utilizados em computadores – também permitem acesso à internet a qualquer momento e a instalação e utilização de aplicativos móveis multifuncionais com melhoramentos em desempenho e usabilidade constantes.

Os aplicativos são elementos significativos que tornam o *smartphone* um artefato tecnológico tão prático e integrado com os cotidianos. Instalados de forma fácil e rápida, estes despontaram como *softwares* para dispositivo móvel de maior preferência, são utilizados para facilitar a vida do usuário e podem trazer inúmeras funcionalidades; como comunicação, entretenimento e serviços. As pessoas estão a todo momento conectadas aos *apps*: seja para conversar via *WhatsApp*, ouvir músicas mediante *Spotify*, comprar livros na *Amazon* ou solicitar um *Uber*, por exemplo.

O crescimento no mercado mundial de aplicativos alarga aceleradamente ano após ano. Um estudo divulgado pela *App Annie*<sup>6</sup> (Janeiro/2017), revela que o número de aplicativos disponíveis cresceu mais de 82% no último ano – e que 90% dos *apps* “baixados” são gratuitos. Segundo a pesquisa, em 2016 foram realizados 13 bilhões de *downloads* na *App Store* (Loja de aplicativos para *iOS* – sistema operacional móvel da *Apple*) e 90 bilhões de *downloads* no *Google Play Store* (Loja de aplicativos para *Android* – sistema operacional móvel do *Google*). O relatório

---

<sup>6</sup> Dados da Pesquisa “*App Annie*” Disponível em: <<https://olhardigital.uol.com.br/noticia/pesquisa-mostra-crescimento-no-setor-de-apps-em-2016/65395>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

da *App Annie* afirma que os desenvolvedores receberam mais de US\$ 35 bilhões vindos de lojas de aplicativos.

Os dados da *App Annie* indicam que o *WhatsApp*, *Facebook*, *Facebook Messenger*, *Instagram* e *Snapchat* figuram o *ranking* de aplicativos mais “baixados” no mundo. Mais do que entreter, os aplicativos e *sites* de redes sociais digitais, desde que bem utilizados a favor da educação, podem se tornar importantes espaços formativos de interação, de produção e compartilhamento de saberes. Posto isto, o *smartphone*, pela sua abrangência e pluralidade de recursos, é um dispositivo importante para tornar absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição-construção de conhecimentos. Isto é, ideal para incorporar e suportar o *Mobile Learning* ou *M-Learning* – aprendizagem móvel (ou com mobilidade) ou o *App-Learning* – aprendizagem por meio de aplicativos.

O *m-learning* (aprendizagem móvel ou com mobilidade) se refere a processos de aprendizagem apoiados pelo uso de tecnologias da informação ou comunicação móveis e sem fio, cuja característica fundamental é a mobilidade dos aprendizes, que podem estar distante uns dos outros e também de espaços formais de educação, tais como salas de aula, salas de formação, capacitação e treinamento ou local de trabalho. (SACCOL; SCHLEMMER; BARBOSA; p. 25; 2011).

Tudo está convergindo para a mobilidade e portabilidade. Sejam aparelhos de TV, computadores, livros e, por que não, o saber. *M-Learning* nada mais é que utilizar um dispositivo móvel para ensinar e aprender. Os *smartphones* apresentam as condições favoráveis para que os Professores desenvolvam abordagens de ensino híbrido que incluam aplicações destes dispositivos dentro-fora da sala de aula.

O mais importante de aprender em rede-grupo-movimento, em qualquer lugar e a qualquer momento por meio de dispositivos móveis e aplicativos; não é a tecnologia ou a mobilidade do usuário, apenas, mais o potencial transformador que este modelo de ensino híbrido pode agregar à aprendizagem. Este gera experiências significativas dentro do contexto da livre participação, colaboração, interação e coautoria entre os sujeitos imersos no Ciberespaço. Cabe enfatizar que, tanto *M-Learning* quanto *App-Learning* são conceitos atuais e de grande relevância

para as práticas educativas contemporâneas. Ambos trazem contributos imprescindíveis para a mediação docente em tempos de Cibercultura.

Contudo, os dispositivos móveis, os aplicativos e os *sites* de redes sociais digitais não foram idealizados, especificamente, para atividades educacionais, por isso é imprescindível que as práticas pedagógicas e educativas relacionadas ao *M-Learning* e *App-Learning*, sejam muito bem planejadas.

Nos dias que correm, na era *mobile* e das conectividades, temos uma série de aplicativos e soluções de navegação logada no Ciberespaço. Seja *app* de Bancos, de Companhias Aéreas, de Compras On-line e até para auxiliar nos estudos. Já não podemos viver sem uma quantidade cada vez maior deles. Para isso, basta ter memória, sistema operacional e dispositivos móveis compatíveis para as inúmeras possibilidades de aplicativos úteis, seguros, e, em sua grande maioria, grátis. No tocante à segurança, muitos destes, utilizam a geolocalização, reconhecimento facial, utilização da identidade via impressão digital, validação de dados digitais etc – com o intuito de garantir uma navegação mais segura e instantânea aos usuários.

Na Cibercultura, os jovens se organizam e se desenvolvem com aplicativos. Por isso, usar *apps* para criar e desenvolver atos de currículo (não somente no Ensino Superior) é relevante para o estímulo do estudo, da leitura e da escrita em fluxos interacionais processados, colaborativamente, em rede-grupo-movimento. Dentro-fora do quadrado sala de aula, os *softwares* para dispositivos móveis são considerados boas estratégias pedagógicas e educativas e têm ajudado a potencializar a comunicação-autonomia-criatividade de Professores e alunos totalmente ativos e engajados – que passam de consumidores a produtores de conteúdos e saberes.

As práticas pedagógicas e educativas em contextos de *App-Learning* propiciam ensinar e aprender de forma simples e lúdica, em poucos cliques. Ao conciliar aprendizagem e tecnologia, um mundo de oportunidades se abre na tela, objetivando potencializar os estudos; desde a prática de idiomas até o preparo para o Exame da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB.

O Duolingo é um dos aplicativos de idiomas mais conhecidos. Este proporciona, para falantes de português, cursos grátis de inglês, espanhol, francês, alemão e italiano. Por intermédio do EDU.app – *app* com foco específico para o

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – é possível acessar videoaulas, exercícios, dicas de prova e *playlists* especiais para ouvir enquanto estuda. Além de também auxiliar no estudo para o Enem, o EstudaVest disponibiliza videoaulas, simulados, calendário e banco de questões dos vestibulares de todas as regiões do Brasil e ainda traz um *ranking* que sinaliza o desempenho do usuário em relação aos demais.

Em qualquer lugar, em qualquer momento e sem ter que estar conectado à internet, o *Wattpad* é um aplicativo que permite compartilhar novas histórias com outros leitores e escritores, fazer *download* e ler mais de 10 milhões de livros digitais gratuitos. Já o *app* oficial do Tecnologia, Entretenimento, Planejamento – TED oportuniza acompanhar os acontecimentos da atualidade a partir de uma série de conferências TED, em formato de vídeos e áudios, destinadas à disseminação de ideias. Estas são realizadas pelo mundo inteiro e, no Brasil, a experiência TED tem chegado pelos palcos (e telas) do TEDx. Por outro lado, o aplicativo Pense+ (OAB), relacionado ao Exame de Ordem Unificado, foi desenvolvido para intensificar os estudos dos candidatos que se preparam para o Exame da OAB. Nele, o aspirante pode treinar com as provas anteriores, planejar a rotina de estudos e ainda acompanhar seu desempenho.

Estas possibilidades de *App-Learning* têm despertado não só o interesse e a atenção de Professores e de alunos, mas, também, de desenvolvedores de aplicativos com intencionalidades pedagógicas. Logo, é equivocado pensarmos o *App-Learning* como uma extensão do *M-Learning* ou que ambos sejam considerados um *upgrade* da Educação On-line; uma vez que estes fenômenos englobam os mesmos princípios da Cibercultura. Em vista disso, Santos e colaboradores (2015), diferenciam Educação a Distância de Educação *Online*.

A modalidade da educação a distância tem como princípio a lógica comunicacional das mídias de massa (impressos, televisão e rádio), ou seja, a transmissão e a recepção de conteúdos estáticos e fechados, impossibilitando a participação dos praticantes culturais na produção e atualização desses conteúdos. Já a educação *online* tem um grande potencial comunicacional e pedagógico quando interfaces colaborativas da Web 2.0 são articuladas a uma mediação docente intensa e provocadora. Para isso, o professor precisa conhecer as funcionalidades dessas interfaces para que possa explorá-las de acordo com suas necessidades.

As perspectivas atuais da educação se apropriam dos dispositivos móveis, dos aplicativos e *sites* de redes sociais digitais e outros artefatos tecnológicos para maximizar os processos de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, compreendemos que *App-Learning* – aprendizagem por meio de aplicativos – são fluxos interacionais híbridos, ubíquos e multitelas, geridos por atos de currículo mediados pelo digital em rede, que potencializam o fazer docente e a aprendizagem colaborativa em rede-grupo-movimento; além de articulados ao estilo de vida móvel de Professores e alunos em tempos de Cibercultura.

Nesta lógica, apresentaremos o conceito, as funcionalidades e possibilidades de uso do mensageiro instantâneo *WhatsApp*, por considerarmos um dispositivo com potência para viabilizar nossas práticas pedagógicas e educativas; visando atingir nosso objetivo de que é possível ensinar e aprender de forma colaborativa e em rede-grupo-movimento para além dos muros da Universidade.

### 3.2 *WhatsApp*: Conceito, funcionalidades e possibilidades de uso



Cordel "Esse tal de Zap Zap"  
Izabel Nascimento (2015)  
Assista no QR Code acima.

E agora a moda pegou  
Pelas "Redes Sociais"  
É no "Face" ou pelo "Zap"  
Que o povo conversa mais  
Talvez não saiba o motivo  
Que esse tal de aplicativo  
É mais lido que os jornais.

Fundado em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, na cidade estadunidense de Santa Clara, na Califórnia, a rapidez com que o *WhatsApp Inc* se difundiu superou o crescimento do *Facebook* e, fez com que Mark Zuckerberg, presidente e co-fundador da rede social, comprasse em fevereiro de 2014 o aplicativo por US\$ 19 bilhões. A popularidade do *Instant Messenger* já não é uma pauta nova para ninguém. Esse tal de "Zap Zap" também circula em Cordel. Em 2015, a

cordelista sergipana Izabel Nascimento passou o “Zap” pro papel (Acessar **QR Code**).

O *app* de troca de mensagens está nas mãos de todo mundo há um bom tempo e não há dúvidas de que, ele veio para ficar. Um estudo feito pela *Opinion Box* (2015)<sup>7</sup>, plataforma digital de pesquisa, indagou o seguinte: “Se você pudesse instalar um único Aplicativo no seu *Smartphone*, qual seria?”. O grande vencedor foi o *WhatsApp*, escolhido por 56% das mulheres e 50% dos homens. Também foi o preferido pelos mais jovens: 45% dos respondentes com idades entre 16 e 29 anos o escolheriam, frente a 37% das pessoas com 30 a 49 anos e 26% entre aqueles com 50 anos ou mais. Em segundo lugar ficou o *Facebook*.

*WhatsApp* é um trocadilho com *What’s Up* (E aí?). O site do desenvolvedor descreve-o como um *app*<sup>8</sup> (como é comumente chamado) multiplataforma que permite trocar mensagens instantâneas de texto (e multimídia) com o auxílio de dispositivos móveis (*smartphone*, *tablet*, computador portátil etc.). Não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com outros utilizadores que também possuam esta aplicação habilitada em seus dispositivos – só é preciso estar *conectado à internet* (4G/3G/2G/EDGE ou *Wi-Fi* quando disponível).

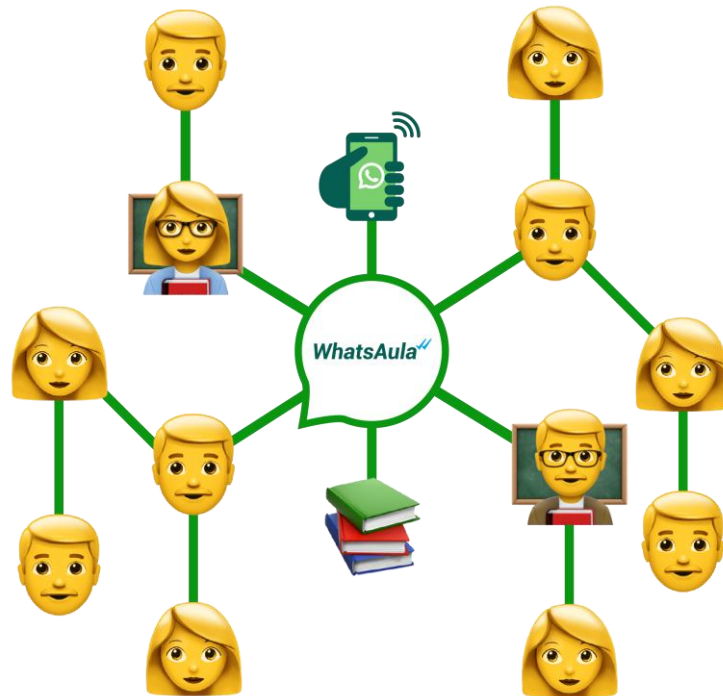
Além das mensagens básicas, os usuários deste mensageiro podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com fotos, imagens, vídeos e áudios em tempo real – mediante uma interface moderna, agradável e fluida. Por que usar o *WhatsApp* como suporte para as práticas de ensino e espaço de aprendizagem colaborativa em rede-grupo-movimento:

<sup>7</sup> Dados da *Opinion Box*. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/tecnologia/noticia/2015/05/whatsapp-e-o-app-preferido-dos-brasileiros-afirma-pesquisa-4765352.html>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

<sup>8</sup> Um aplicativo ou aplicação móvel, conhecido normalmente por seu nome abreviado *App*, é desenvolvido para ser instalado em um dispositivo móvel (*smartphone*). Os *Apps* tem o propósito de facilitar o dia a dia de seu utilizador, fornecendo-lhe as mais diversas funcionalidades com inúmeras possibilidades de uso.



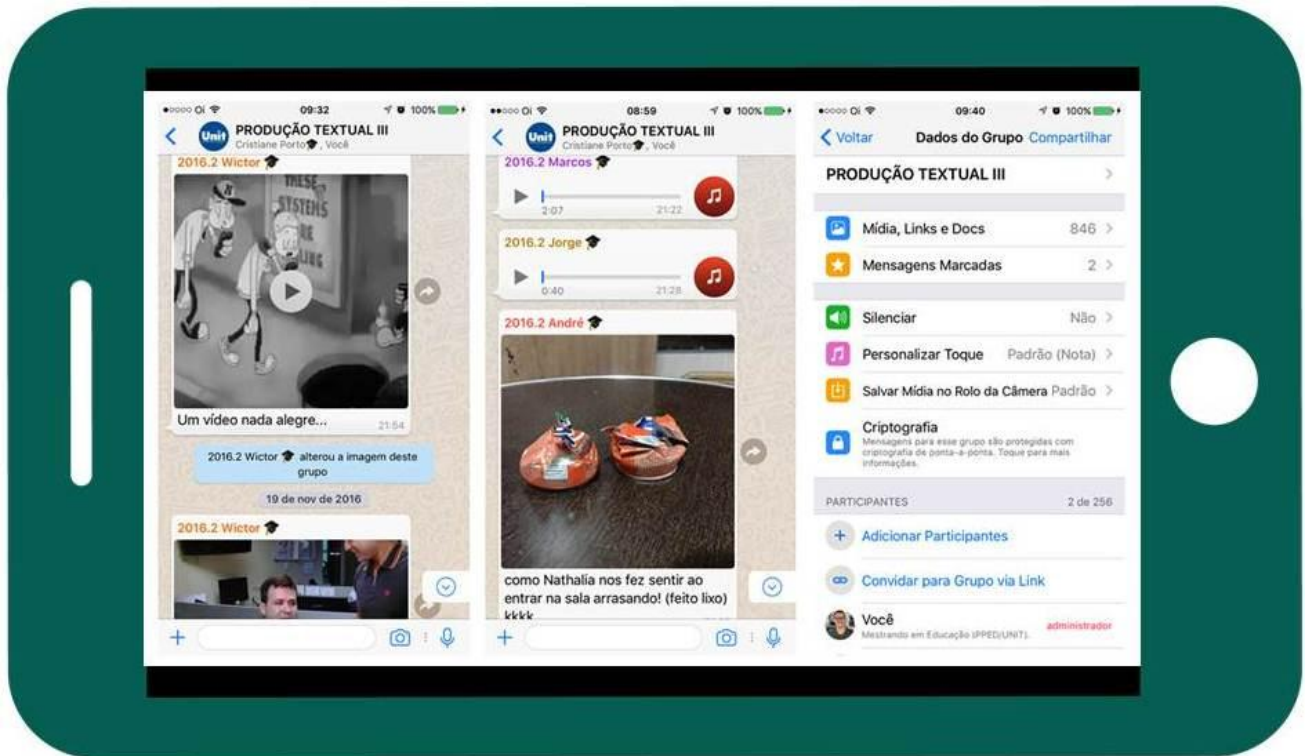
**Figura 8:** Interação grupal entre pares no *WhatsApp*.



**Fonte:** Desenvolvido pelo autor (2017).

O aplicativo do ícone verde funciona com um número telefônico e se integra perfeitamente com a agenda de contatos existente. Dessa forma, é possível criar Grupos que agregam contatos. Ao criar o Grupo, é permissível adicionar um avatar (foto da turma) na janela de conversas, nomeá-lo de maneira criativa (ambos editáveis pelos Administradores do Grupo: Professor e Líder de turma). Considera-se o perfil da classe, o componente curricular ou o conteúdo-atividade da vez e adiciona até 256 alunos-participantes. As interações grupais (**Figura 8**) acontecerão independente do Professor salvar ou não, todos os contatos dos alunos-participantes em sua agenda.

Figura 9: Prints dos fluxos interacionais da “WhatsAula”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

A Figura 9 acima demonstra como algumas funcionalidades do *WhatsApp* foram exploradas por nós pesquisadores e sujeitos desta pesquisa. Antes de criarmos o Grupo da Turma, todos os números telefônicos dos alunos foram salvos na Agenda de Contatos do *smartphone* do pesquisador principal. Estes foram registrados com o semestre letivo, seguido do nome do(a) aluno(a) e representados com o *emoticon* do capelo (chapéu de formatura): 2016.2 Wictor 🎓<sup>9</sup>.

Grupo ‘Produção Textual III’ criado com sucesso. Este grupo contou com 21 alunos-participantes. Conforme capturas de tela, constam apenas dois professores-participantes (de 256), isso porque os 21 interagentes foram removidos com o término das práticas de ensino do componente curricular; para análise dos dados produzidos nos fluxos interacionais da “WhatsAula”.

<sup>9</sup> Tal feitura objetiva preservar os números telefônicos e garantir os princípios éticos desta investigação, uma vez que, os alunos-participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta pesquisa foi submetida na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes (CEP/UNIT); sob parecer substanciado de número: 1.744.734.

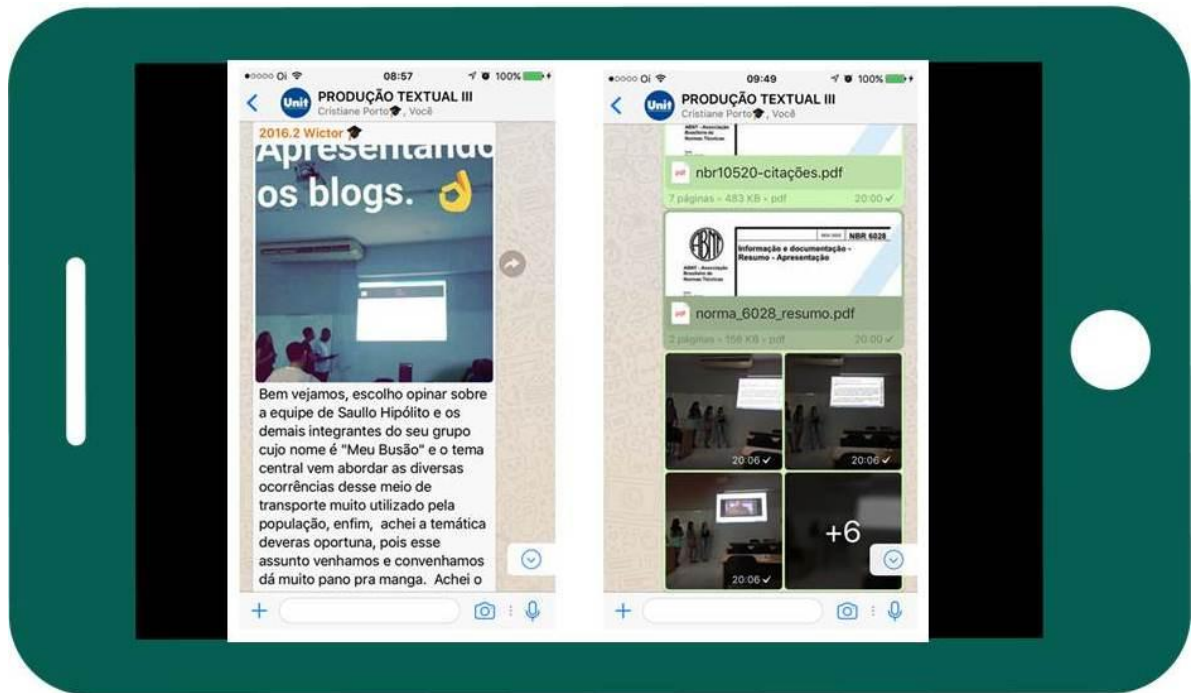
Quanto ao perfil do grupo, inserimos como avatar a logomarca padrão da Universidade Tiradentes. Esta, por sua vez, foi alterada pelo aluno @Wictor em alusão ao Novembro Azul (2016) – campanha de conscientização com ênfase na prevenção e no diagnóstico precoce do câncer de próstata. Além de ter compartilhado vídeo e foto, a iniciativa do aluno em editar a imagem ilustrativa da janela de conversas realça seus níveis de autonomia e engajamento com este novo jeito de ensinar e de aprender. Já em contribuição com a apresentação do *Blog* Temático ‘*Cultura Pop*’, enquanto os alunos @Marcos e @Jorge dispararam áudios (percebam o tempo de duração de ambos), o aluno @André produziu uma foto criativa para sinalizar como estava se sentindo com o desempenho do grupo, em especial da aluna @Nathália, em tom de elogio e bom humor.

Disponível em três versões, o maior *Messenger* instantâneo do mundo pode ser acessado tanto no *Smartphone* (*WhatsApp Messenger*) como no Computador (*WhatsApp Web* ou *WhatsApp Desktop*). O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo que pode ser "baixado" gratuitamente em Lojas de aplicativos como *App Store* e *Google Play Store*, por exemplo. Já as versões *Web* e *Desktop* para computadores, permitem enviar e receber mensagens por meio do navegador de internet ou diretamente na máquina do utilizador, respectivamente. Por conseguinte, é o usuário quem decide como utilizar o *app*, uma vez que, as três versões funcionam exatamente do mesmo modo (**Infográfico 4 - Página 84**).

O *WhatsApp* permite desenhar, escrever e inserir *emoticons/emojis* em fotos, imagens e vídeos tornando os fluxos interacionais dinâmicos e descontraídos. Para isso, basta acessar a função da “Câmera” ou selecionar o arquivo nos álbuns/pastas do dispositivo móvel para edição, em seguida, anexá-lo a conversa.

Sem precisar anexá-los a *e-mails*, o *WhatsApp* propicia enviar arquivos em PDF ou em ZIP, de até 100MB, para os contatos, por meio da opção “Documento” no menu de compartilhamentos – como também; arquivos do *Word*, *Excel* e *PowerPoint*. No Grupo, basta o Professor ou aluno-participante enviar arquivos em formatos diferenciados e, com um simples toque, fazer o *download* – facilitando o compartilhamento de anexos e enriquecendo a experiência de uso. Estes arquivos podem ser fotos, vídeos, documentos (nas extensões citadas), localização, contato; entre outros.

**Figura 10:** *Prints* dos fluxos interacionais da “WhatsAula”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

Na **Figura 10** verificamos que o aluno @Wictor – integrante do grupo ‘*Cultura Pop*’ – ilustrou o seu olhar crítico com uma fotolegenda produzida durante a apresentação da equipe ‘*Meu Busão*’. Ao voltarmos nosso olhar à fotografia, observamos que o aluno @Wictor explorou o recurso do *app* que possibilita compartilhar-escrever e inserir *emoticon* em fotos-imagens; tornando o seu comentário mais completo e criativo. E, também, notamos que os membros do *Blog* em cena, articularam sua apresentação com o projetor multimídia e *smartphone* – juntos e misturados.

Outro ponto, é que após a aula expositiva proferida pela Professora Titular do componente curricular – Profa. Dra. Cristiane Porto – e apresentações dos *Blogs* Temáticos, disponibilizamos arquivos (em PDF) da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT e fotos do protagonismo dos alunos. Sem dúvidas, estas funcionalidades do “*Uátzap*” dinamizam os fluxos interacionais da “*WhatsAula*”, facilitam o compartilhamento de materiais que complementam a aula e contribuem para a apreensão do conteúdo.

É vantajoso, também, acessar o histórico de compartilhamentos de “*Mídias*” (imagem, áudio e vídeo), “*Links*” de *sites* diversos e “*Documentos*” enviados-

recebidos nos fluxos interacionais por meio do menu “Dados do Grupo”; além do quantitativo de mensagens sinalizadas como favoritas. Em meio a tantas mensagens trocadas entre pares (professor-alunos, alunos-professor, alunos-alunos), estes conteúdos podem ser localizados com facilidade, enviados, automaticamente, para os álbuns/pastas do dispositivo móvel ou armazenados na rolagem de conversas. Por conseguinte, basta clicar sobre o menu “Dados do Grupo” e selecionar qualquer uma das abas (“Mídia”, “Documentos” ou “Links”) para resgatar o conteúdo desejado.

Ainda em “Dados do Grupo”, é possível silenciar o “assobio” inconfundível do “Zap Zap”, personalizar o “toque de alerta”, salvar as mídias recebidas no rolo da câmera, acessar a lista de participantes (“X de 256”), adicionar e convidar participantes para o Grupo via *Link*, limpar conversa e sair do Grupo. Já por intermédio da aba “Exportar Conversa”, o *WhatsApp* viabiliza o envio do histórico/*backup* das mensagens de texto (em formato .txt) e multimídia dos fluxos interacionais por e-mail ou na nuvem – favorecendo o arquivamento de todas as informações publicizadas no Grupo durante à conversação. Por outro lado, no rodapé deste menu, é registrado o iniciador, a data e o horário de criação do Grupo (**Figura 11**).

**Figura 11:** *Prints* dos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”.



**Fonte:** Capturas de Tela por André Alves (2017).

Conforme capturas de tela acima, ao acessarmos o menu “Dados do Grupo”, vemos que os fluxos interacionais da experiência “*WhatsAula*” acumularam 846 compartilhamentos de mídias-*links*-documentos por parte dos interagentes e, apenas, duas mensagens foram marcadas como favoritas pelo pesquisador principal. Frisamos, também, que não sentimos a necessidade de eleger um(a) aluno(a) como administrador(a) da “*WhatsAula*”, por se tratar de uma experiência restrita aos matriculados no componente curricular Produção Textual III; cuja incumbência de adicionar-excluir-mediador era exclusivamente nossa.

Recursos de texto riscado, negrito e itálico foram adicionados ao *WhatsApp*, permitindo que os pares personalizem o seu processo de escrita nos fluxos interacionais. Para enviar frases ou palavras riscadas, basta inserir o acento til (~) no início e fim da frase ou palavra. Para ativar o negrito, usar o caractere asterisco (\*) antes e depois da frase ou palavra. Caso queira aplicar o itálico na formatação, só acrescentar o *underline* ( \_ ) ao início e fim da frase ou palavra.

O *WhatsApp* também admite alterar o estilo da letra utilizada na conversa. A fonte *FixedSys* remete à máquina de escrever, tem maior tamanho e espaço entre os caracteres e, por uma questão estética, poderá ser aproveitada para destacar alguma informação relevante do texto. Para usá-la, basta inserir três sinais de acento grave (```) no começo e no final da frase. Vale ressaltar que, no transcorrer dos fluxos interacionais, é possível empregar vários tipos de formatação ao mesmo tempo; para isso, é só combinar os códigos.

Após liberar as formatações de texto, o *app* disponibilizou o recurso de citação, que possibilita responder a mensagens específicas nas conversas em Grupo, inclusive, marcar o usuário a quem está se referindo. Assim, os pares poderão saber para qual mensagem (e interagente) a resposta foi direcionada. Para explorar esta funcionalidade, basta selecionar-pressionar a mensagem, clicar em “Responder” e depois enviar normalmente. Este recurso também é válido para as mídias compartilhadas durante os fluxos interacionais. Por outro lado, para citar alguém no Grupo, basta usar o símbolo arroba (@) antes de escrever o nome do utilizador e enviar a mensagem.

Outra função deste *app* é poder ter acesso aos detalhes de confirmação de envio (um tracinho cinza ou verde), entrega e visualização de uma determinada mensagem/arquivo mediante sinalização do indicador *Double Check* (*checagem*

*dupla*) – ver quando e quantos alunos-participantes receberam (dois tracinhos cinzas ou verdes) e visualizaram (dois tracinhos azuis) o que foi compartilhado no Grupo – se habilitados nas configurações de privacidade de cada usuário (**Figura 12**).

**Figura 12:** *Prints* dos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

Os *screenshots* acima (os famosos "*prints*" de *WhatsApp*) sinalizam como alguns recursos foram explorados pelos interagentes. Na mensagem de agradecimento, nos apropriamos de uma escrita cordial personalizada com *emoticons* e com o recurso do negrito. Os alunos @Wictor e @Victória reagiram com sentimento de vínculo afetivo a partir da função de citação, respondendo sobre a mensagem. Em outro momento, o aluno @Wictor explora a funcionalidade de citar os colegas @Nathália e @Saullo de forma descontraída e bem humorada.

Já a aluna @Nathália compartilha com os futuros jornalistas da “*WhatsAula*” uma dica de leitura, ao fotografar o Livro “História da Imprensa no Brasil” – empréstimo da Biblioteca da Unit. Este livro mostra como a imprensa começou no Brasil em 1808 e como vem atuando duplamente: tanto como observadora quanto como protagonista da nossa história. Os primeiros impressos, a relação com os

poderosos, a tecnologia alterando a forma de comunicação; as grandes empresas, a imprensa alternativa, o passado e o futuro da imprensa.

Após a exibição da película “Diplomacia” em sala de aula, o debate aconteceu por meio dos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”. O filme narra como uma discussão tensa entre um diplomata sueco e um general alemão, madrugada adentro e na véspera, evitou que um dos crimes mais terríveis da história fosse perpetrado: a aniquilação de Paris na II Guerra. Mesmo com o encerramento da discussão, o aluno @André disparou sua argumentação tardiamente por ter esquecido o dispositivo móvel em casa. Desta maneira, a nossa validação acerca do posicionamento do aluno foi visualizada por todos os interagentes conforme *double check* (dois tiques azuis) em tela.

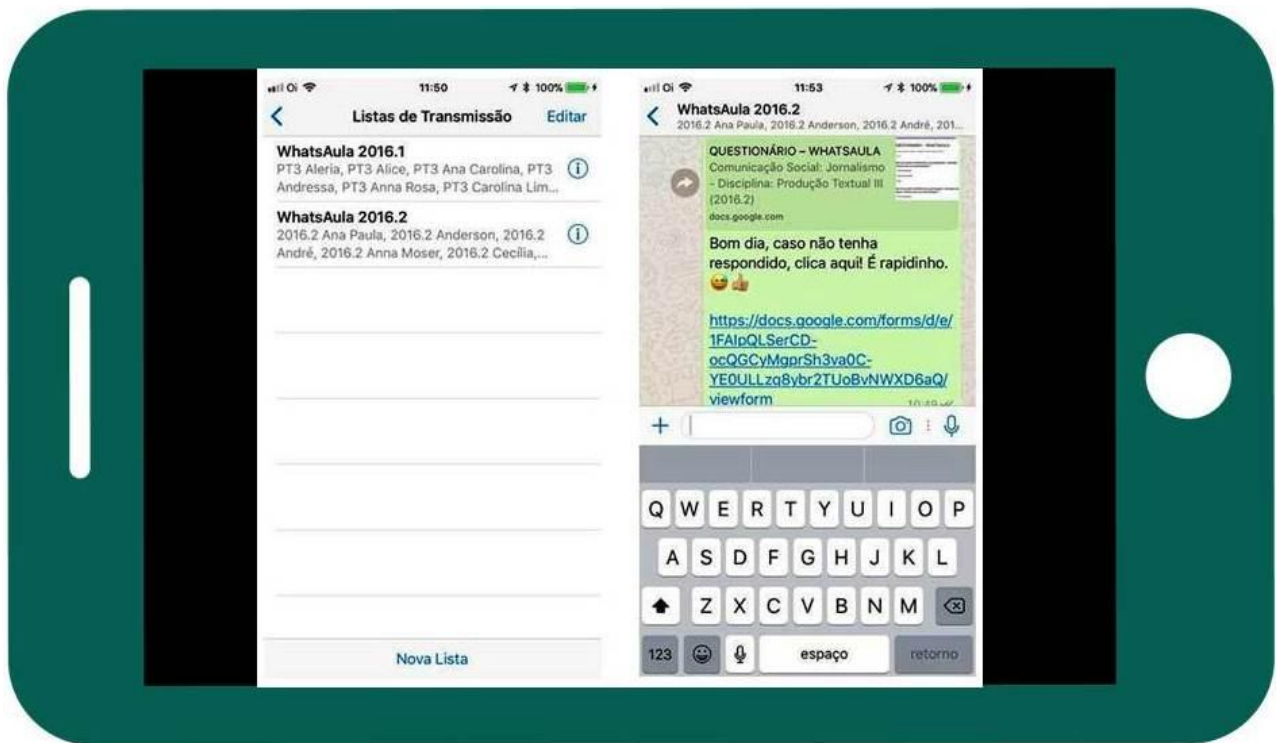
O campo *status* do *WhatsApp*, junto à foto de perfil, é um indicador em tempo real do que se está fazendo ou pensando, mantendo os pares informados. Este, por sua vez, pode ser preenchido com frases pré-programadas do *WhatsApp* (“Disponível”, “Ocupado”, “Em reunião” etc.) ou personalizado com frases de pensadores/escritores, trechos de músicas e/ou *emoticons/emojis*, por exemplo. Agora chamado de “Recado”, devido atualização mais recente, também é possível exibir no *status*; fotos, *GIFs* e vídeos que somem em 24 horas – semelhante à função “*Stories*” (Minhas Histórias) do *Snapchat*, *Instagram* e *Facebook Messenger Day*.

Outro recurso são marcadores que informam quando os interagentes estão “On-line”, “Digitando” uma mensagem, “Gravando” um áudio e, até mesmo, a hora de seu último acesso: “Visto por Último”; se habilitados, individualmente, nas configurações de privacidade. Outra característica do *Instant Messenger* é a pluralidade de *emojis/emoticons* – ícones ilustrativos usados nos fluxos interacionais que personalizam a comunicação e possibilitam incorporar elementos de humor, reações e sensações (modulações no modo de enunciação) – ver **Figura 12**.

Outra possibilidade interessante do “*Uátzap*” são as “Listas de Transmissões” para enviar ou encaminhar, individualmente, mensagens de texto, vídeos, imagens e áudio para várias pessoas ao mesmo tempo.



Figura 13: Prints dos fluxos interacionais da “WhatsAula”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

Após disponibilizarmos na “WhatsAula” os *links* gerados por intermédio da plataforma para a gestão de questionários *online* – *Google Forms* – enquanto instrumentos de produção de dados, criamos “Listas de Transmissões” (Figura 13) com os alunos-participantes para lembrá-los de responder os questionários. Estas listas foram produzidas tanto na etapa de testagem (2016.1) quanto na aplicação definitiva da experiência (2016.2).

A criptografia (em grego: *kryptós*, “escondido”, e *gráphein*, “escrita”) ponta a ponta do *WhatsApp* é um fator importante de segurança que codifica as mensagens – sejam elas individuais ou em Grupos – para que somente o autor e o destinatário tenham acesso ao conteúdo e o teor do que é trocado nos fluxos interacionais do aplicativo. Ou seja, durante a encriptação, o conteúdo das mensagens é transformado da sua forma original para outra ilegível; impedindo que ele seja interceptado por *hackers*, criminosos, incluindo o próprio *WhatsApp*.

O fenômeno que se tornou o *WhatsApp Messenger* já não surpreende ninguém. Segundo dados da pesquisa “Panorama Mobile Time/Opinion Box”

(Abril/2016)<sup>10</sup>, o *WhatsApp* lidera o *ranking* dos *Instant Messengers* (Mensageiros Instantâneos) mais presentes na *home screen* dos brasileiros, lança novos recursos regularmente<sup>11</sup> e não há mais dúvida de que a concorrência tem um caminho bem longo para alcançá-lo.

É inegável que o *WhatsApp*, na atualidade, se apresenta como o mais novo frenesi Ciber-cultural capaz de potencializar os processos comunicacionais-interacionais, os modos de ensinar e de aprender, as práticas de leitura e também de expressão escrita. Atentos à propagação deste *app* e de todas as mudanças sociais que ele tem provocado desde a sua criação – além de suas funcionalidades e possibilidades de uso elencadas acima – elegemos o *WhatsApp* como suporte para as práticas de ensino e espaço colaborativo de aprendizagem.

Em função disso, na próxima seção, exporemos um conjunto de atividades realizadas em nossas práticas pedagógicas e educativas do componente curricular Produção Textual III, com o suporte do *WhatsApp* e em contextos de *App-Learning*. Além do mais, como os aspectos técnicos do aplicativo são apropriados pelos interagentes durante os fluxos interacionais da experiência “*WhatsAula*”. Em seguida, demonstraremos os dados obtidos por intermédio de **Infográficos**; além da análise e interpretação destes para as considerações conclusivas da investigação.

Acreditamos que, a partir dos registros da “*WhatsAula*”, adquirimos dados importantes acerca da adoção de estratégias de ensino diversificadas e apoiadas pelo uso de dispositivos móveis e mensageiros instantâneos. Estas envolvem os alunos na construção colaborativa do conhecimento em rede-grupo-movimento – transformando momentos e espaços informais e não formal em oportunidades de aprendizagem formal.

---

<sup>10</sup> Dados da Pesquisa “Panorama *Mobile Time/Opinion Box*” Disponível em: <<https://revistapronews.wordpress.com/2016/06/28/panorama-mobile-timeopinion-box-aponta-uso-de-apps-no-brasil-por-eles/>>. Acesso em: 8 maio 2017.

<sup>11</sup> O *WhatsApp* é atualizado regularmente. Ao baixar a versão mais recente, é possível receber todos os recursos e melhorias disponíveis; como também, correções de *bugs* (erros). Logo, cabe ressaltar que estes pesquisadores exploraram algumas funcionalidades vigentes até a execução desta pesquisa; além de utilizar o iPhone 6 com iOS 10.3.2 (sistema operacional móvel da *Apple*) em suas análises.

#### 4 “WHATSAULA”: TUDO HÍBRIDO E MISTURADO

- “- São as minhas Memórias, Dona Benta.  
 - Que Memórias, Emília?  
 - As Memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley, o anjinho e o sabugo. É o ensaio duma fita para a Paramount.  
 - Emília! – exclamou Dona Benta. – Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso?  
 - Minhas Memórias – explicou Emília – são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver”

(MONTEIRO LOBATO, Memórias da Emília, 2016, p. 154).

Nesta seção, discutiremos os conceitos de Educação *Online*, Sala de Aula Invertida, Ensino Híbrido, Aprendizagem Ubíqua e Colaborativa. E as estratégias de personalização elegidas para aperfeiçoar e enriquecer nossas práticas pedagógicas e educativas e ressignificar nossos atos de currículo; conforme as narrativas resultantes da experiência denominada de “*WhatsAula*”, aqui compartilhadas. Em seguida, evidenciaremos os usos e as contribuições do *WhatsApp* – enquanto aplicativo de suporte para o nosso fazer docente e espaço colaborativo de aprendizagem – junto ao componente curricular Produção Textual III.

**Figura 14:** Arquitetura e desenvolvimento de conceitos em tempos de *App-Learning* e aluno imerso na rede mediante processo ativo de ensino-aprendizagem.



Fonte: Desenho Didático desenvolvido pelo autor (2017).

Na Cibercultura, a posição central do Professor no ato de ensinar começou a ser questionada com intensidade a partir do momento em que o Ciberespaço acelerou a velocidade com que as informações e os conteúdos passaram a circular pelo digital em rede – livremente e de maneira descentralizada – ocasionando, conseqüentemente, produções de outras educações, inclusive a Educação *Online*. A Educação *Online*, situada no contexto da Cibercultura, tem como fundamentos o hipertexto e a interatividade e impõe uma nova reconfiguração social, cultural, econômica e política, ao colocar em xeque o esquema clássico da informação com o polo de emissão liberado, abrindo espaço para o diálogo e a participação colaborativa (SANTOS, 2014).

Dessa forma, neste Desenho Didático, problematizamos a bricolagem de práticas educativas no contexto da Cibercultura, que possibilita novas formas de aprendizagem para configurar um ambiente de ensino, onde o Professor, em vez de exibir conteúdos, pode propor oportunidades de aprendizagem e estabelecer conexões com os alunos e com os dispositivos – de forma mais participativa e engajada. Propomos assim um processo educativo implicado em um modelo onde os alunos também são produtores ativos de informação e conteúdo, dentro-fora da sala de aula – em rede-grupo-movimento – e o professor um mediador ou facilitador do processo educativo, e os dispositivos digitais disponíveis não efetuam apenas função de coisas, mas se tornam causa e produzem efeito na rede.

Assim, de um lado, no ensino tradicional, a sala de aula serve para o Professor transmitir informação para o aluno que, após a aula, deve estudar e ser avaliado. De outro, na Sala de Aula Invertida, o aluno estuda antes e a aula se torna um lugar de aprendizagem ativa, onde há perguntas, discussões e atividades práticas (VALENTE, 2014, p. 05).

Portanto, nessa mesma direção, Lemos e Perl (2014), entendem que a Sala de Aula Invertida “é uma metodologia na qual os alunos devem aprofundar o conhecimento de um assunto de forma autônoma, sem necessariamente estar em um espaço escolar, e trazer os seus achados para discussão em sala de aula”. Dessa forma, optamos por uma adaptação da Sala de Aula Invertida, como uma estratégia de aprendizagem ativa para reconfigurar o espaço da sala de aula; na qual o Professor, em vez de exibir conteúdos, pode propor oportunidades de

aprendizagem e estabelecer conexões com os alunos – de forma mais ativa e envolvente.

Além do mais, o nosso planejamento contemplou ações de forma mais motivadora e integrada ao currículo, envolvendo o aluno, a universidade e os cotidianos dentro do contexto das possibilidades do digital em rede e de inovação. Nessa perspectiva, realçamos que, a Sala de Aula Invertida é uma solução pedagógica, não meramente tecnológica. Isto é, embora existam momentos misturados com os dispositivos móveis, os aplicativos e os *sites* de redes sociais digitais; o entusiasmo não está nos artefatos tecnológicos, e sim, em aprimorar os processos de ensino e de aprendizagem – centrado no protagonismo do aluno.

Para Mattar (2017, p. 107):

Se a palavra “ensino” está associada ao professor no centro, muitos defendem que “aprendizagem” representaria, hoje, melhor o aluno no centro. Mas temos uma palavra muito mais antiga, “educação”, que representa um processo ativo de “ensino e aprendizagem”, sem obsessão por centros.

Compreendemos a inversão dos processos de ensino e de aprendizagem como um modelo onde os alunos também são produtores ativos de informação e conteúdo dentro-fora da sala de aula – em rede-grupo-movimento – e o professor um mediador ou facilitador do processo educativo. Basicamente, com a Sala de Aula Invertida, “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula” (BERGMANN E SAMS, 2016, p. 11).

Podemos acrescentar ainda que, o Ensino Híbrido é a convergência de dois modelos de aprendizagem: o presencial, em que o processo acontece no quadrado da sala de aula; e o *online*, que utiliza os artefatos tecnológicos para ressignificar e impulsionar o ensino. A partir desta configuração, Professores e alunos, ensinam e aprendem, simultaneamente, em tempos e locais plurais e em rede-grupo-movimento – intensificando os fluxos comunicacionais e interacionais com vantagem para a construção colaborativa de saberes. Nesta perspectiva, Moran (2015, p. 27) argumenta que:

A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços.

O autor trata do hibridismo na educação, em que o contexto educativo está e precisa sofrer constantes mudanças, se apropriando dos artefatos tecnológicos como forma de fomentar a interatividade entre os pares com o mundo. E, agora, com a maior conectividade e mobilidade, os espaços educacionais ultrapassam os muros da sala de aula, partindo para múltiplos ambientes capazes de ensinar de uma maneira mais dinâmica e personalizada.

Entre outros aspectos decorrentes das condições propiciadas pelas tecnologias do acesso e da conexão contínua, notáveis são aqueles que afetam diretamente as formas de ensinar e de aprender. Por este ângulo, Santaella (2013), denominou de “Aprendizagem Ubíqua” as novas formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos móveis.

Quando nos referimos à *m-learning*, ainda estamos no domínio da educação formal e da não-formal porque se trata do desenvolvimento de métodos e recursos que têm como alvo o processo de aprendizagem incorporado a uma sistemática pré-determinada. A *m-learning* é vista como uma extensão da sala de aula e é executável a partir de um sistema de ensino-aprendizagem previamente estabelecido. É óbvio que a *m-learning* recorre à comunicação ubíqua, mas a aprendizagem, que se desenvolve graças aos seus procedimentos, está relativamente prevista e incorporada às expectativas do planejamento educacional. Já a aprendizagem ubíqua, espontânea, contingente, caótica e fragmentária é totalmente informal. (SANTAELLA, 2013, p. 303).

Essa modalidade de aprendizagem aberta, inaugurada na era da mobilidade, não se confunde com nenhuma forma de aprendizagem existente até hoje. Nem com a *E-Learning* – que se pode traduzir por aprendizagem em ambientes virtuais – sequer com o que vem sendo chamado de *M-Learning*; ou seja, aprendizagem móvel. Nessa lógica, intitulamos nossa experiência de “*WhatsAula*”, devido a sua imersão dentro-fora da Universidade associados a experiências de *App-Learning* (SANTAELLA, 2016) – aprendizagem por meio de aplicativos – apoiada por dispositivos móveis e aplicativo *WhatsApp*. Uma vez que, se utilizássemos a

denominação de “*WhatsAVA*”, estaríamos associando a modalidade *E-Learning*. Por outro lado, se cunhássemos de “*WhatsSala*”, restringiríamos nossas práticas pedagógicas e educativas apenas ao espaço da sala de aula.

A “*WhatsAula*” possibilita que os alunos construam seus conhecimentos de forma colaborativa, em rede-grupo-movimento; a partir da interação com os pares por meio da intencionalidade pedagógica da Aprendizagem Ubíqua com a experiência de *App-Learning*. Assim sendo, a experiência de *App-Learning* aqui projetada, não está restrita ao uso de dispositivos digitais móveis de modo aleatório, mas com o objetivo de promover a Aprendizagem Colaborativa articulada a um Desenho Didático e curricular associada a eles. A experiência de *App-Learning* é mediada por aplicativos e *sítes* de redes sociais digitais que potencializam esse processo. Com isso, os alunos podem interagir, compartilhar e produzir informações e conteúdos de forma colaborativa, ultrapassando as barreiras espaço-temporal de relações e associações entre pares.

Para esse efeito, a partir deste Desenho Didático, engajamos os alunos para trabalhar em grupos fixos até o término do semestre, associados a aplicativos, especialmente o *WhatsApp*, e outras ambiências formativas em rede (*Blog*) que potencializassem a interação entre pares e a participação ativa na construção do conhecimento. Isso tudo de uma maneira mais autônoma; além de estimular debates, reflexões e exercícios práticos na rotina acadêmica e fluxos interacionais.

A educação contemporânea tem se apoiado nas tecnologias digitais para sinalizar diversas possibilidades de ensino e de aprendizagem contínua, contextualizada e significativa. Seja para aprender com mobilidade (enquanto se está em movimento), de forma invertida, misturada, ubíqua (em qualquer lugar, a qualquer momento) e colaborativa e em rede-grupo-movimento. “Cada uma das formas de aprendizagem apresenta potenciais e limites que lhe são próprios, evidentemente, não se trata de uma mera somatória, mas de um jogo de complementaridades, o que torna o processo educativo muito mais rico” (SANTAELLA, 2013).

Em vista disso, para a configuração de uma experiência de ensino onde o *smartphone* se estabeleceu como principal mediador da aprendizagem, introduzimos o *app WhatsApp* no suporte das práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III. Junto com ele, combinamos outras mídias (a exemplo do *Blog*),

mesclando o ensino presencial com o *online*, criamos o conceito de “*WhatsAula*” e geramos fluxos comunicacionais e interacionais em rede-grupo-movimento – intra e extramuros da Universidade. Esta combinação foi o que planejamos para ampliar as discussões e o espaço da sala de aula a experiência de Educação *Online*. Como também, para impulsionar nossas práticas pedagógicas e educativas e potencializar o processo de aprendizagem colaborativa, por meio dos usos e apropriações do mensageiro instantâneo, conforme elucidaremos a seguir.

#### 4.1 *Smartphone* no modo “aprendizagem”

A “*WhatsAula*” figura-se como uma experiência de Educação *Online*, permeada pelo uso intencional e pedagógico de dispositivos móveis, mais especificadamente o *smartphone*. Bem como, situada ao contexto de *App-Learning* por intermédio dos usos do *WhatsApp* como aplicativo de suporte para o processo de aprendizagem colaborativa em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III (PT-III). Por isto, concordamos com Buckingham (2005, p. 294)<sup>12</sup> quando ele afirma que: “a todas estas novas formas de aprendizagem fora da sala de aula são atribuídas novas possibilidades significativas, especialmente como fonte de motivação para os jovens que perderam a sua confiança na escola tradicional”.

Para tanto, no primeiro dia de aula do semestre 2016.2 (Agosto a Dezembro), discutimos sobre o Desenho Didático do componente curricular PT-III junto aos alunos do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Unit, matriculados no terceiro período, com definição clara da dinâmica a ser desenvolvida e da sistemática de avaliação.

A turma composta por 21 alunos foi dividida em quatro grupos. Cada grupo demarcou os temas centrais a serem pautados no transcorrer do semestre por meio de assuntos específicos, a saber: *Cultura Pop*, *Meu Busão*, *Sete Artes* e *Violência a Grupos Vulneráveis*. Após esta seleção temática, motivada por critérios dos alunos, determinamos que estes (em grupo) tinham, como incumbência produzir textos

---

<sup>12</sup> “A todas estas nuevas formas de <<aprendizaje fuera del aula>> se les atribuyen nuevas y significativas posibilidades, especialmente como fuente de motivación para aquellos jóvenes que han perdido su confianza en la escuela tradicional”. (BUCKINGHAM, 2005, p. 294).



argumentativos opinativos, crônicas, resenhas – a cada semana e ao longo do semestre – pautando um assunto referente ao seu eixo temático. Feito isto, definimos a mídia social *Blog*<sup>13</sup> como uma ambiência formativa e complementar das atividades de produção de textos colaborativos.

A escolha da mídia social *Blog* se deu porque ela permite atualização rápida e constante de postagens sobre um assunto em particular; além de combinar textos, imagens, vídeos e *links* para outras páginas da *Web* relacionadas ao tema. No caso do ensino de Jornalismo, os *Blogs* têm servido, também, como repositório de exercícios.

A utilização de *blogs* na educação possibilita o enriquecimento das aulas e projetos através da publicação e interação de ideias na Internet. Basta adequá-los aos objetivos educacionais, para que o conhecimento seja construído através da interação dos recursos informáticos e das capacidades individuais, criando um ambiente favorável para a aprendizagem. (VIEIRA; HALU, 2008, on-line).

Portanto, por meio da “*WhatsAula*”, o protagonismo dos alunos é defendido e colocado em prática. Uma vez que, com a liberação do polo de emissão, é possível se apropriar do *Blog* como mais um espaço de autoria em rede para produzir e circular informações livremente – apoiadas na mediação docente – contribuindo com a construção colaborativa de conteúdos e saberes.

---

<sup>13</sup> Confira o endereço do *Blog* Temático de co-autoria dos pesquisados: *Cultura Pop* (<http://minutos15.blogspot.com.br/>), *Meu Busão* (<http://meubusao.weebly.com/>), *Sete Artes* (<https://seteartes.wordpress.com/>) e *Violência a Grupos Vulneráveis* (<http://vulneraveisbrasil.blogspot.com.br/>).

Figura 15: Capturas de Tela dos Blogs Temáticos elaborados pelos alunos.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

Conforme evidenciam as capturas de tela anteriores (Figura 15), os futuros jornalistas criaram os *Blogs Temáticos*, para gerar múltiplos conteúdos relacionados ao eixo temático do grupo, exercitar sua potência argumentativa opinativa e estilos de escrita em narrativas jornalísticas. Promovendo um ambiente de discussão que amplia a sala de aula, ao passo que a coautoria e o conhecimento ganham visibilidade e são compartilhados em forma de *posts*.

*Cultura Pop*: <http://minutos15.blogspot.com.br/>

**DESCRIÇÃO:** Olá visitante, seja muito bem-vindo! *Cultura Pop* será o tema central deste blog, aqui nós trataremos semanalmente um conteúdo relacionado a este tema. Mas primeiramente vamos entender do que se trata a *Cultura Pop*. Ouvimos essa expressão rotineiramente, geralmente associada a uma música ou artista, mas a *Cultura Pop* não é referente a música pop e a gente que curte esse tipo de música como muitos pensam. Mas então o que realmente define a *Cultura Pop*? Vídeo 1: Entrevista com o Professor de comunicação social da Universidade Tiradentes, Cristiano Leal. Vídeo 2: Na música além dos Beatles, Madonna, Elvis Presley e Michael Jackson são apontados como grandes ícones pop. A *Cultura Pop* alimenta produtos para um público essencialmente jovem, principalmente na moda e estilo. Atualmente pode ser definida como algo que está na boca do povo, qualquer manifestação em que o povo produz e participa de forma ativa. Imagética 1: “No futuro, todas as pessoas serão famosas durante quinze minutos”. É inspirado em uma frase do ilustre pintor e cineasta Andy Warhol que nomeamos este blog.

*Meu Busão*: <http://meubusao.weebly.com/>

**DESCRIÇÃO:** O "*Meu Busão*" é uma atividade realizada por alunos da Universidade Tiradentes, localizada em Aracaju/SE. Tal atividade faz parte da disciplina Produção Textual III, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Porto. O blog tem como objetivo, retratar tudo o que acontece no transporte coletivo da Grande Aracaju que é composta por mais três municípios: Barra dos Coqueiros, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro. Diversas situações que ocorrem diariamente nos ônibus serão abordadas aqui, desde a violência (nosso primeiro tema) como também, dicas de segurança; o dia a dia do motorista e cobrador; comportamento dos passageiros; histórias tristes e engraçadas envolvendo o coletivo; manutenção dos ônibus; ética dentro do transporte dentre outros.

*Sete Artes*: <https://seteartes.wordpress.com/>

**DESCRIÇÃO:** André Machado-20 anos: Só lê livro ruim por vontade própria, músico e odeia descrever a si mesmo. Cecília Oliveira-20 anos: Apaixonada pela leitura e escrita; Aspirante a ser escritora; Viciada em café & chá; Amante da literatura; Colecionadora de meias e canecas; Enamorada pelos personagens; Enfeitiçada por séries e filmes; fascinada pelos anos 90 e anos 20 e etc... Evaldo Filho-19 anos. Fã de ficção científica. Fanático por todos os tipos de animação. Luta de kickboxe. Apaixonado por Lara Croft, viciado em jogar Tomb Raider. Louco pra jogar Overwatch. Victória Valverde-19 anos: Leitora ávida. Apaixonada por palavras. Gosta de pensar que sabe cantar. Se apaixona por personagens fictícios constantemente. Drama queen e fangirl profissional.

*Violência a Grupos Vulneráveis*: <http://vulneraveisbrasil.blogspot.com.br/>

**DESCRIÇÃO:** Diante de tantos acontecimentos alarmantes e muitas vezes, absurdos, surgiu a necessidade de um blog que retratasse a necessidade de mostrar à população o que acontece com as pessoas ditas minorias e por tantas ocasiões postas à margem pela própria sociedade, como é o caso dos idosos, deficientes, homossexuais, crianças e adolescentes, mulheres, índios, negros e estrangeiros. Enfim, pessoas que por serem minoria passam por algum sofrimento, seja ele por causa da sua raça, cor, opção sexual ou sexo. Alguns deles já tem bastante dificuldade em adentrar na sociedade, o tratamento pela sociedade é muito diferente, o que interfere diretamente na vida destes grupos. Para algumas pessoas, o fato de ter uma opção sexual diferente da maioria, já o deixa a mercê do preconceito. Além destas, existem aquelas que fazem da violência uma forma de mostrar seu desagrado com a opinião do próximo. "E onde está a graça nisso tudo?". Abordaremos nesse blog uma forma de mostrar à população o que acontece à essas pessoas, também mostraremos quais os caminhos a percorrer para atingirem seus direitos, minimizando assim, os acontecimentos desagradáveis. Nesse blog, o sensacionalismo não será a palavra-chave, a intenção será mostrar à população o que infelizmente acontece à essas pessoas e aproveitando guiar no caminho para que estes saibam o que fazer nesses casos, não permitindo esse tipo de violência. Faremos o uso de vídeos com entrevistas à agredidos, etc. Sempre que possível com as autoridades para que relatem sobre fatos e estatísticas dando uma dimensão real do problema. A apologia à esse ou aquele tipo de opção, principalmente sexual não serão utilizadas. Iremos nos ater aos fatos, até mesmo porque a violência à esse grupo é pouco divulgado pela imprensa, exibido somente quando pode ser usado o sensacionalismo. "Ser diferente não é um problema. O problema é ser tratado diferente".

A cada semana, todas as noites de segunda-feira, os grupos apresentavam em sala de aula produções textuais de coautoria, as quais contemplaram os diversos gêneros textuais estabelecidos no currículo, além de estimulados a inserir mídias alternativas como esquetes teatrais, paródias, charges, poemas e crônicas. No decorrer das apresentações, além da projeção do texto postado no *Blog* Temático por intermédio do projetor multimídia, os integrantes do grupo, utilizavam *notebook* e *smartphone* como dispositivos de leitura e acesso ao conteúdo-informação. Os dispositivos digitais (e analógicos) ali disponíveis, integrados, entraram em cena, mediando a apresentação (**Figura 16**).

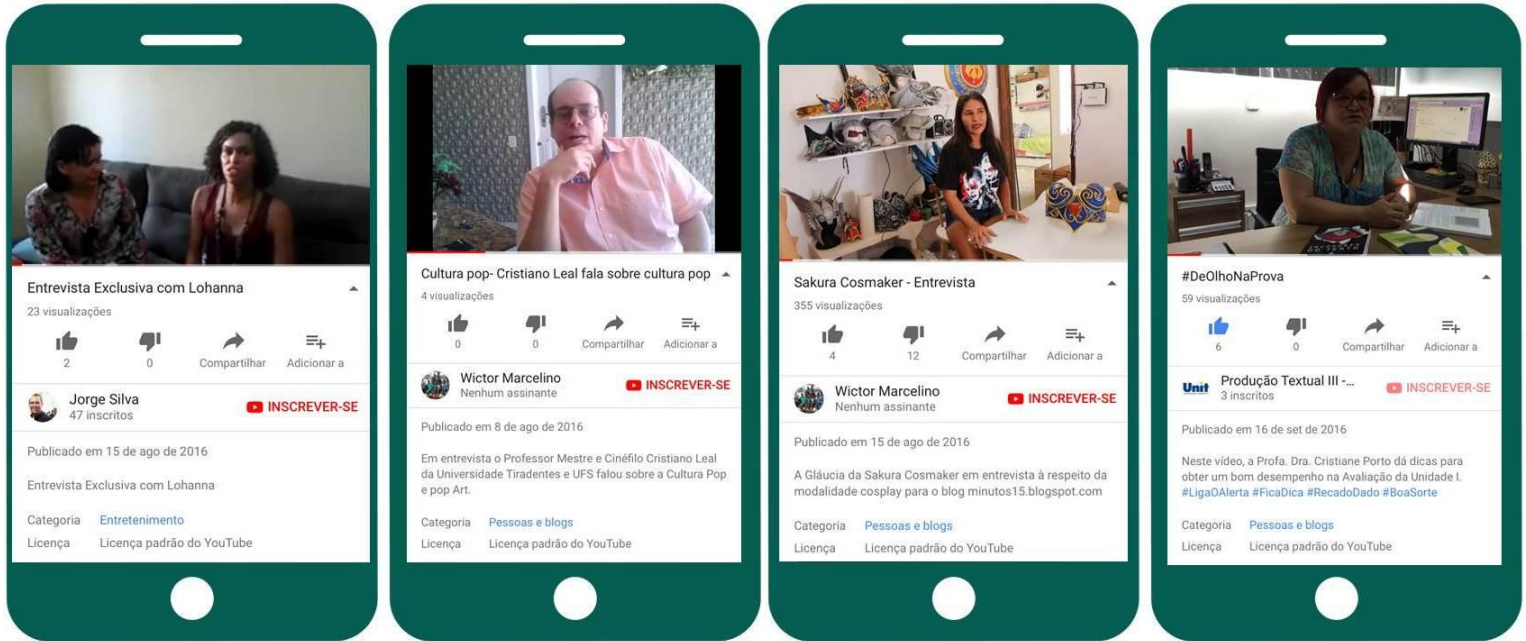
**Figura 16:** Apresentações dos *Blogs* Temáticos mediadas por tecnologia.



**Fonte:** Arquivo pessoal de André Alves (2017).

O mosaico de fotos acima ilustra as múltiplas formas de apresentação dos *Blogs* Temáticos. Observamos que, os alunos – em grupo – exploram a criatividade com caracterização e encenação teatral, possuem autonomia tecnológica, recriam novos usos e recombinaem vários artefatos tecnológicos (projetor multimídia + *smartphone*) para auxiliá-los nesse contexto híbrido de ensino e aprendizagem.

**Figura 17:** Capturas de Tela de alunos e Professor tecendo conhecimento em rede.



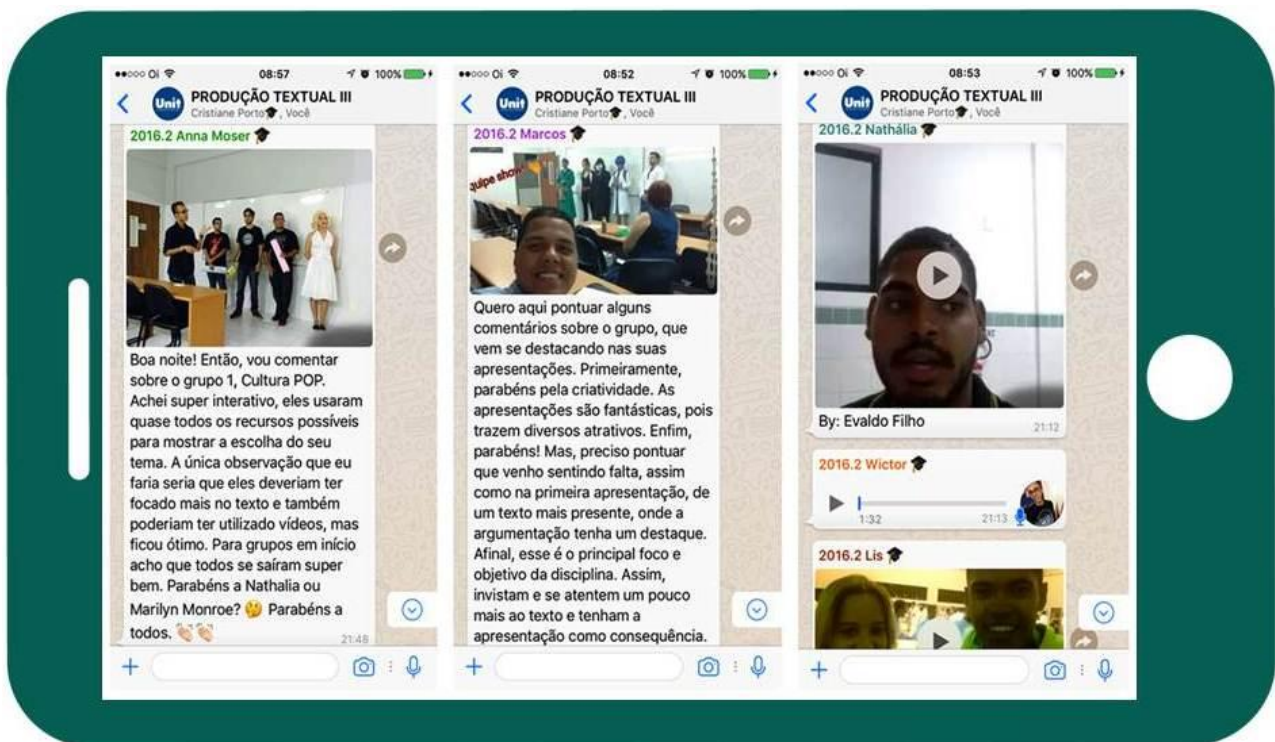
**Fonte:** Capturas de Tela por André Alves (2017).

No transcorrer das apresentações, os alunos também bricolaram inúmeros vídeos de autoria para o enriquecimento de suas produções textuais, além de utilizar o *YouTube* como repositório e “linkar” junto as postagens do *Blog* Temático. Na primeira captura de tela, a aluna @AnaPaula, integrante do *Blog Violência a Grupos Vulneráveis* entrevistou a Transexual sergipana Adriana Lohanna dos Santos acerca da homofobia, cujo vídeo foi postado no canal do aluno @Jorge. Nas duas capturas de tela centrais, os membros do grupo *Cultura Pop* entrevistaram o Professor Cristiano Leal, dos Cursos de Jornalismo e Publicidade da Unit e, também, Gláucia da *Sakura Cosmaker*, sobre o universo da *Cultura Pop* e os participantes e adeptos – da modalidade *Cosplay*, respectivamente. Já a Professora de PT-III, Cristiane Porto, costumava gravar vídeos no *YouTube* para compartilhar na “*WhatsAula*” com dicas e conteúdos do componente curricular (**Figura 17**).

Em alguns momentos, durante a discussão geral em sala de aula, percebemos que a maioria dos alunos demonstrava interesse ao debate, porém, outros, permaneciam apáticos, sem a mínima importância na aula, sendo a única participação ativa a utilização do *smartphone* ou a conversa paralela com os colegas. Desta forma, o aplicativo *WhatsApp* funcionou como um aparato

tecnológico estruturante das atividades propostas no componente curricular PT-III. O que pode contribuir para as estratégias pedagógicas e educativas adotadas serem transformadoras e participativas. Por meio do grupo da turma no aplicativo *WhatsApp*, nomeado “Produção Textual III”, a cada sequência de apresentações todos os alunos prestavam bastante atenção, selecionavam um determinado assunto explanado por cada *Blog* Temático e comentavam seu olhar crítico (individualmente) na “*WhatsAula*” por intermédio de mensagens de texto, fotolegenda das apresentações e gravações de vídeo e áudio (**Figura 18**).

**Figura 18:** *Prints* dos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”.



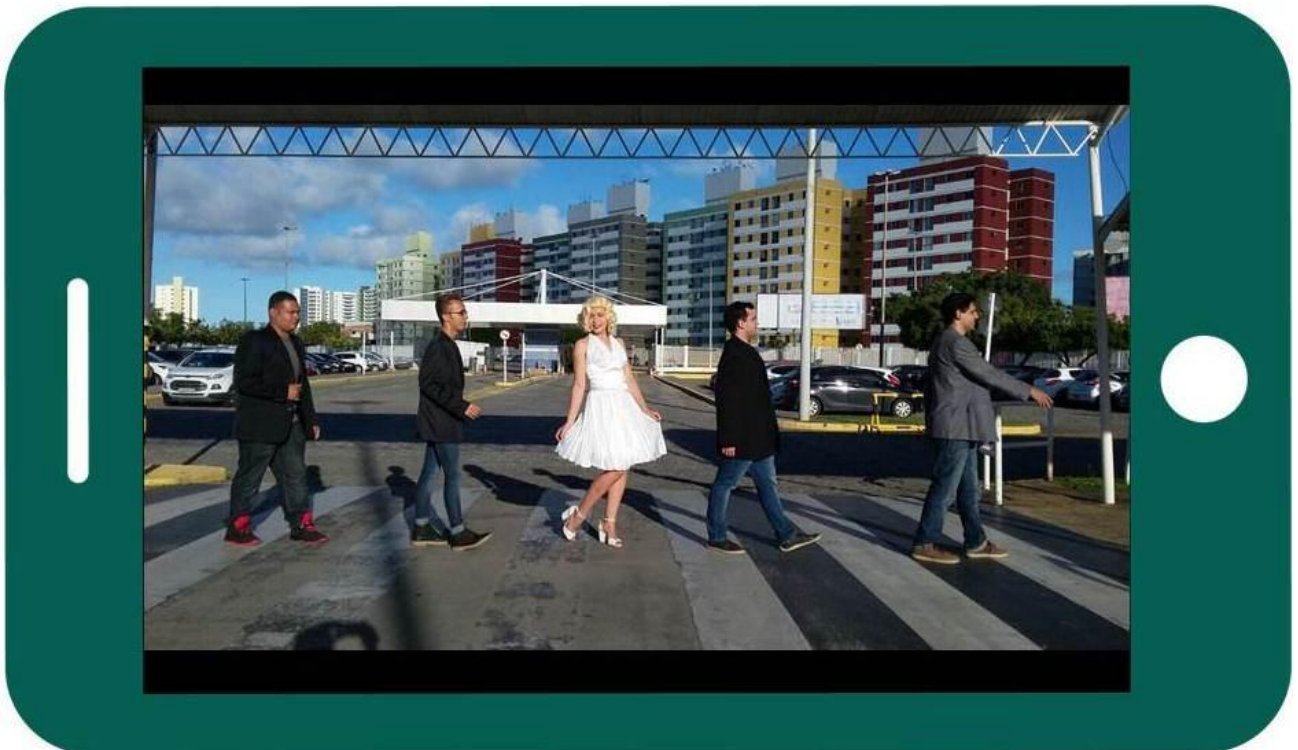
**Fonte:** Capturas de Tela por André Alves (2017).

Os *prints* anteriores evidenciam as formas plurais de interação, de compartilhamento e de apropriação das funcionalidades do *app* por parte dos alunos. A aluna @AnnaMoser, da equipe *Violência a Grupos Vulneráveis* disparou uma fotolegenda, elogiando a performance do *Blog Cultura Pop*, em que seus integrantes produziram uma releitura da foto dos *Beatles* para o álbum *Abbey Road* – que fez daquela faixa de pedestres um dos locais mais famosos de Londres, Inglaterra. Além do mais, utilizaram cartazes, vídeos e, mediante esquete teatral, a

aluna @Nathália interpretou a atriz, modelo norte-americana e estrela de cinema de Hollywood, Marilyn Monroe (**Figura 19**). O aluno @Marcos colocou a cara na tela para enaltecer as qualidades do grupo em cena e registrar sua crítica quanto ao texto produzido por meio de uma *selfie*-legenda.

Já o aluno @Evaldo teceu sua argumentação por intermédio de um vídeo gravado com o *smartphone* da colega de turma @Nathália, pois o seu dispositivo móvel havia descarregado. O aluno @Wictor registra seu comentário por meio de áudio, enquanto @Lis dupla com @Saullo, na gravação de um vídeo. Portanto, os alunos propagam suas autorias, cocriando o currículo, por intermédio dos usos e apropriações do mensageiro instantâneo *WhatsApp*, dentro-fora da sala de aula e dos múltiplos espaços multirreferenciais de aprendizagem.

**Figura 19:** Alunos exploram outros espaços multirreferenciais de aprendizagem.



**Fonte:** Arquivo pessoal de André Alves. Clique do Grupo *Cultura Pop* (2017).

Os textos produzidos e postados pelos alunos nos *Blogs* Temáticos estabeleciam conexões com o conteúdo. E, assim, as discussões das

apresentações em sala de aula ocorriam mais timidamente e, para nossa surpresa, o debate sempre tomava proporções mais significativas por meio do aplicativo *WhatsApp*. Em vista disso, verificamos um contexto mais participativo, fomentando a mediação pedagógica e os fluxos interacionais entre pares – mesclando o ensino presencial com o *online*, dentro-fora da sala de aula e em rede-grupo-movimento. De tal modo, concordamos com Bacich e colaboradores (2015, p.42), quando estes afirmam que:

O modelo híbrido, misturado, com foco em valores, competências amplas, projeto de vida, metodologias ativas, personalização e colaboração, com tecnologias digitais. O currículo é mais flexível, com tempos e espaços integrados, combinados, presenciais e virtuais, nos quais nos reunimos de várias formas, em grupos e momentos diferentes, de acordo com a necessidade, com muita flexibilidade, sem os horários rígidos e o planejamento engessado.

Logo, este modelo híbrido une o modo presencial com o *online* de ensinar e aprender, para criar uma combinação do “melhor dos dois mundos” que o Ensino Superior contemporâneo pode proporcionar a seus alunos, com ênfase na aprendizagem significativa.

Outra possibilidade com o aplicativo foi o seu uso como recurso de produção de textos colaborativos, das práticas de leitura e de expressão escrita. Dessa maneira, os alunos eram sujeitos a temas atuais e expressavam sua opinião sobre, como forma de debater, enriquecer e também exercitar os conteúdos vistos em sala de aula. As atividades de produção de textos colaborativos, propostas no grupo da turma, ocorriam em diversos momentos, deixando os alunos livres para “alimentar” os fluxos interacionais da “*WhatsAula*” com seus textos, opiniões e, também, referências sobre o assunto em pauta. Porém, com um prazo estabelecido para o fim das postagens – além do nosso acompanhamento e mediação e, até mesmo, entre os próprios universitários, “[...] sendo que a base da aprendizagem colaborativa está na interação e troca entre os alunos, com o objetivo de melhorar a competência dos mesmos para os trabalhos colaborativos em grupo” (LEITE et al., 2016, on-line).



Figura 20: Prints dos fluxos interacionais da “WhatsAula”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

Esta atividade gerou fluxos interacionais intensos, mediante a contribuição argumentativa de todos os interagentes, sem exceção. Por consequência, elegemos, em consenso com a turma, por critério de melhor desempenho, junto as apresentações do *Blog Temático*, o Grupo *Cultura Pop*, para filtrar todas as opiniões compartilhadas na “WhatsAula” e condensá-las em um único texto. Com este desafio lançado, os membros do *Cultura Pop* ganharam uma semana de dispensa das apresentações do *Blog*. Logo, devido à complexidade da incumbência, selecionamos somente duas produções textuais colaborativas e algumas capturas de tela (**Figura 20**) acerca do posicionamento crítico de alguns alunos que consideramos relevantes. Tais como: o aluno @Leonardo aponta inúmeras falhas quanto ao texto final e o aluno @Wictor é bem taxativo ao discordar e relatar a satisfação e dificuldades encontradas durante o processo de compilação e produção textual colaborativa.

## Texto Colaborativo “Corpo Perfeito”:

Vale tudo para obter um corpo perfeito? Especialistas da área médica alertam constantemente para os perigos de cirurgias desnecessárias, de usar produtos químicos inadvertidamente, de apelar para profissionais (nem sempre da área médica) que fazem o serviço a preços módicos. Mesmo assim, é crescente o número de pessoas que se dispõem a realizar os mais variados procedimentos, em busca do corpo dos seus sonhos - ou daquele que a moda e os meios de comunicação apresentam como perfeito. Só para dar um exemplo, uma pesquisa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência mostrou que as cirurgias estéticas em adolescentes aumentaram 141% em quatro anos. Diante desse quadro, é o caso de se perguntar: teria o corpo perfeito se transformado também num objeto de consumo? O consumismo, afinal, chegou à forma física e à anatomia, assim como tem invadido vários outros aspectos da vida contemporânea? Tem gente que quer porque quer ter um corpo que a sociedade considera escultural e perfeito; com barriga trincada, pernas torneadas e braços enormes. Hoje esse ideal tornou-se mais comercial do que tudo. E tal consumo não se limita apenas a objetos e bens estéticos como equipamentos de musculação ou cosméticos. Homens e mulheres - em idade cada vez mais precoce - buscam uma transformação imediata da sua imagem física. Para isto recorrem a recursos estéticos e cirúrgicos. A sociedade caminha numa constante busca ao corpo perfeito. É claro que os dois sexos sofrem com inseguranças para com suas silhuetas. Mas é a mulher a maior consumidora de produtos e procedimentos estéticos. De acordo com pesquisa encomendada em agosto de 2016, pelo site 'meupatrocínio.com', o sexo feminino gasta com a boa aparência quatro vezes mais do que os homens. Desde criança, meninas sofrem com padrões da mídia e sociedade. Crescem brincando com *Barbies* magras, loiras, perfeitas e de cintura fina. Com isso acham que devem ser como suas bonecas. A fase muda, mas os padrões socioculturais ainda moldam suas mentes. Esse fenômeno tem se amplificado na atual cultura das mídias sociais, com os seus *likes* e compartilhamentos. É em busca de reconhecimento nesses espaços virtuais que muitas pessoas caem na chamada “ditadura da beleza”. Quem não quer exibir (e se exibir) numa praia, com seu biquíni ou sunga, para depois ostentar - além de um belo físico - aquele bronzeado de dar inveja? Acreditamos que muitos. O problema não está aí. Afinal a vaidade é inerente ao ser humano. O problema está na deturpação desse conceito. O que temos observado é a busca por um padrão de beleza cada vez mais artificial e que erroneamente é disseminado como o ideal. Muitos se arriscam em busca de um corpo que na maioria das vezes é inalcançável. Por essa razão as cirurgias estéticas tem se tornado cada vez mais popular no Brasil. Nosso país tem o terceiro maior mercado de Beleza do mundo, atrás dos Estados Unidos e Japão. O número de academias também tem crescido e aumentado esse comércio. Por motivos como esses, o bisturi tem sido o sonho de consumo de jovens e adolescentes no Brasil. Porém, um corpo perfeito nem sempre é um corpo saudável. A estética corporal não é somente uma questão de beleza, mas também uma questão de saúde. O ser humano é possuidor de um bem gigantesco: o direito ao livre arbítrio. Diversos processos de manipulação estética são expostos - direta e indiretamente - a qualquer pessoa que se importe com o olhar da sociedade. O "x" da questão é a forma com que algumas pessoas buscam para realizar esse desejo. O que representa, por vezes, um perigo à sua saúde e até mesmo um risco à sua vida. Devemos ficar atentos e sempre buscar a ajuda de um bom profissional para que ele nos oriente a como agir. Nesse ínterim há também a cultura do estupro, dos assédios e da própria mentalidade da população que vê o corpo da mulher como um produto, algo feito para o prazer do homem. Entretanto, nem tudo é malefício. Hoje em dia, muitas meninas sabem dar o valor a seu corpo ao fazer suas regras, sentindo-se à vontade, sem que haja resistência dentro de si. Elas são contra padrões impostos pela sociedade de massa que ainda costuma pensar de forma uniforme e retilínea. O ser humano precisa começar a malhar a mente e a espiritualidade. O corpo perfeito vai além das capas de revistas e do que dita a moda e a publicidade. Não tenha vergonha do seu corpo, tenha vergonha em querer ser quem você não é. Lembre-se: mente sã é corpo são!

Figura 21: Prints dos fluxos interacionais da “WhatsAula”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

Ainda nessa perspectiva, a aluna @AnnaMoser emite um parecer favorável acerca desta experiência de ensinar e aprender juntos e sinaliza que “Intolerância Religiosa” foi o tema da Redação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM<sup>14</sup>. Um ponto curioso foi o fato da aluna @AnaPaula compartilhar sua avaliação sobre esta experiência por meio de arquivos em PDF. Assim como a aluna @AnnaMoser, o aluno @Evaldo utiliza o termo “brincadeira”, por se tratar de uma prática pedagógica e educativa dinâmica, mas ambos reconhecem o quanto esta ação potencializa a aprendizagem. Por outro lado, o aluno @Saullo expõe os erros detectados junto ao produto final e não perde a oportunidade de elogiar (Figura 21).

<sup>14</sup> O tema da redação do Enem 2016 foi “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”.

## Texto Colaborativo “Intolerância Religiosa”:

O preconceito religioso é um termo que descreve uma atitude mental que é caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar as diferenças ou crenças religiosas de outros. Pode constituir uma intolerância ideológica ou política ou resultar em perseguições religiosas. Ambas têm sido comuns através da história. A maioria dos grupos religiosos já passou por tal situação numa determinada época. Perseguição, neste caso, pode referir-se a prisões ilegais, espancamentos, torturas, execução injustificada, negação de benefícios, direitos e liberdades civis. Implicando também em confisco de bens e destruição de propriedades, ou incitamento ao ódio, entre outros transtornos pessoais e coletivos. Mesmo no Brasil, um país com fortes influências africanas, o preconceito ainda se dissemina. O que não deveria acontecer. Especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Bahia, pois existe uma grande penetração do Candomblé e da Umbanda, duas de muitas outras religiões de influência africana, devido aos seus ancestrais escravos. Segundo o IBGE, em 1991 existiam quase 700 mil adeptos a essas religiões. Tendo em vista a grande importância para a sociedade brasileira, para a formação do cidadão e inclusão dessa cultura, que é muito forte entre nós, em 2003, foi regida a lei de número 10.639, que passou a exigir que as escolas brasileiras com ensino fundamental e médio incluíssem o ensino da história afro-brasileira. Ainda assim, o preconceito e a exclusão social continuaram firmes, mesmo em um país tão miscigenado. Um fator que estimula a segregação são os próprios líderes das religiões que pregam o ódio ao diferente, alegando que, por se divergente, é errado. Com essas insinuações, as pessoas tornam-se violentas, acreditando que esta atitude seja um mal necessário para chegar à suposta salvação. Entretanto, os mesmos que estimulam a violência com um discurso religioso, muitas vezes estão envolvidos na política. Estes aprovam leis baseadas na filosofia da sua religião, sem levar em consideração as demais representações presentes na sociedade. A ignorância só piora uma situação já complicada. A mídia não ajuda, muitas vezes reforçando estereótipos, dando voz apenas as histórias negativas. Atualmente, temos como exemplo a Islamofobia. A aversão ao islamismo acontece principalmente nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Israel, devido aos atentados terroristas. Em todo o mundo, há uma longa história de preconceito religioso. Por exemplo, a Cristandade é culpada de terríveis crimes contra o judaísmo ao longo dos últimos 2.000 anos. Todo judeu na Inglaterra foi expulso. Os poucos últimos foram perseguidos até uma torre e queimados vivos. No entanto, quando Hitler assassinou seis milhões de judeus, era raça, não fé, o critério decisivo. Porém, a sociedade e alguns religiosos já procuram o bom senso. O Papa Francisco, por exemplo, é um líder conhecido por adotar uma postura de bom convívio, respeitando as diferenças. O que causa o exercício da crítica religiosa, que é diferente da intolerância. O direito de criticar dogmas e encaminhamentos de uma religião é assegurado pela liberdade de opinião e expressão. Porém, isso deve ser feito de forma que não haja desrespeito e ódio ao grupo religioso a que é direcionado. Como há muita influência religiosa na vida político-social brasileira, as críticas às religiões são comuns. Todavia, essas críticas são essenciais ao exercício de debate democrático e devem ser respeitadas em seus devidos termos. O que falta na sociedade como um todo é humildade para saber ouvir o outro, amar o próximo e, acima de tudo, respeitar. O respeito é fundamental para que haja o equilíbrio de egos no mundo. Respeitar não significa ser passivo à opinião do outro, e sim saber ouvir e procurar entender o que emite uma opinião. É necessário exercitar a empatia.

Sabemos que a aprendizagem colaborativa não está ancorada exclusivamente nos artefatos tecnológicos, mas estes têm potencializado oportunidades para que se criem espaços colaborativos nos processos de ensino e de aprendizagem. Espaço este onde Professores e alunos colaboram mutuamente em rede-grupo-movimento para a construção do conhecimento. Em razão disso,

utilizamos o *WhatsApp* como um recurso para a aprendizagem colaborativa que, com seus múltiplos usos e apropriações no Ciberespaço pode contribuir para a realização de diversas atividades grupais.

Durante as atividades, os componentes do processo interativo no Ciberespaço, chamados aqui de “interagentes” (PRIMO, 2007), se apropriaram dos recursos disponibilizados pelo aplicativo, como mensagens de texto, fotos, imagens, vídeos e áudios para postar seus questionamentos e contribuições sobre as produções dos seus colegas ou intervenções dos Professores.

Como forma de colaborar para a aprendizagem, a cada semana, selecionamos o grupo que se destacasse como melhor apresentação do *Blog* Temático. Este ficava responsável por supervisionar a atividade no *app*, reunir todas as informações publicizadas e unificar em um texto as diversas colaborações que, posteriormente, seriam apresentadas na aula como produto final. Dessa maneira, os alunos desenvolviam as habilidades que o gênero argumentativo exige, isso porque, a dificuldade de argumentação é um problema comum entre boa parte destes, e aprendiam de maneira colaborativa – o que tornava o ambiente educativo mais atrativo.

Tal procedimento da junção da tecnologia e ensino torna o aluno mais autônomo e, por conseguinte, responsável pela construção do próprio conhecimento, de uma maneira mais autoral e colaborativa. É importante salientarmos que, as ações propostas são parte do bloco de ‘Medida de Eficiência (ME)’<sup>15</sup>, que compreende o desenvolvimento de atividades práticas e teóricas (apresentação de trabalhos acadêmicos, produção de resenhas de livros, seminários etc.), individuais ou em grupo, com enfoque na autonomia do aluno e relacionadas à atuação profissional futura. Ações estas, referentes às produções de textos argumentativos opinativos, apresentações dos *Blogs* Temáticos e das Resenhas de Livros e construção do Diário de Bordo. Bacich e demais autores (2015, p. 114) discorrem sobre autonomia, afirmando que, “o mais importante dessa modalidade de

---

<sup>15</sup> De acordo com o Regulamento Acadêmico de Graduação da Unit, a Medida de Eficiência corresponde às Atividades Práticas Supervisionadas (APS), desenvolvidas por meio de exames práticos ou trabalhos realizados individualmente ou em grupo, que confirmam sentido aos saberes universitários e proporcionem o desenvolvimento do aluno. Sua aferição possui como princípio o acompanhamento contínuo do estudante nas atividades previstas no plano de ensino do componente curricular, para cada unidade.

ensino híbrido é possibilitar ao estudante autonomia no aprendizado, pois ele conduz o ritmo e a busca de informações que precisa para aprender”.

Esta dinâmica repetiu-se no decorrer das Unidades I e II, percorrendo todo o Plano Individual de Trabalho (PIT) do Professor. Contemplamos um arsenal de aparatos tecnológicos, não isolados, mas combinados, que possibilitaram o acesso, disseminação e construção colaborativa do conhecimento junto aos pares nos mais diversos “ambientes e ambiências de aprendizagem” – sejam presenciais ou *online*.

**Adriano Conceição:** “Devido o compartilhamento de muitas informações, às vezes, não conseguia acompanhar o grupo da turma. E, também, as atividades no *Whatsapp* não valiam nota”.

Por fim, tudo o que estava previsto no PIT foi cumprido. As avaliações desenvolvidas em cada unidade programática foram compostas por: Prova Contextualizada (englobando todos os conteúdos ministrados), Medida de Eficiência e demais trabalhos – que compuseram uma avaliação contínua. Esta composição ocorreu de maneira processual, por meio da participação ativa, produção textual, qualidade dos trabalhos apresentados, Prova Contextualizada e frequência ao longo do semestre. Por outro lado, os fluxos interacionais da “*WhatsAula*” não eram considerados termômetro avaliativo, ou seja, não valiam nota. E, como produto final de cada unidade, os alunos tinham que desenvolver um “Diário de Bordo” acerca de suas impressões, relatos e reflexões sobre as vivências práticas do componente curricular PT-III.

Na seção seguinte, demonstraremos a intensidade de uso dos interagentes junto ao *app* do ícone verde nas telas, nos cotidianos e dentro-fora da sala de aula; por meio de fluxos comunicacionais e interacionais constantes.

## **5 UM “ZAP ZAP” ATRÁS DO OUTRO: PRODUÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesta seção, apresentaremos a fase exploratória da pesquisa por meio de **Infográficos** – baseada na produção e discussão dos dados obtidos mediante

aplicação de dois questionários junto aos sujeitos. O **Questionário-1**, intitulado “*Status: Online no WhatsApp*”, para identificação de perfis, familiaridade, frequência e formas de acesso e conexão e intensidade de uso dos alunos-participantes com o *app WhatsApp* nos cotidianos. O **Questionário-2**, denominado “*WhatsAula: E aí, aprendeu?*”, para avaliação da experiência “*WhatsAula*” a partir da percepção dos alunos matriculados no componente curricular Produção Textual III (PT-III). Ministrada no semestre 2016.2, do Curso de Comunicação Social: Jornalismo, da Universidade Tiradentes (Unit), localizada em Aracaju-Se – *corpus* delimitado para este Estudo de Caso. Como também, os possíveis usos do aplicativo *WhatsApp* para a construção colaborativa de sua aprendizagem. Os instrumentos de produção de dados foram aplicados por meio da plataforma para gestão de questionários *online* – *Google Forms*.

### 5.1 **Status: Online no WhatsApp**

O **Questionário-1** foi formulado com base em um teste desenvolvido por pesquisadores do **Instituto Delete**<sup>16</sup>, primeiro núcleo de pesquisa especializado em “*Detox Digital*” institucionalizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Ainda que o nosso foco não seja avaliar o uso consciente, abusivo ou dependente do *WhatsApp* por parte dos pesquisados; optamos por elaborar questões baseadas no “*Teste Delete*”. Visto que este possibilita obtermos dados significativos a partir da identificação de perfis; além de detectarmos a frequência, as formas de acesso e conexão, a intensidade de uso e a familiaridade dos alunos-participantes com o *app WhatsApp* nos cotidianos.

Com os futuros jornalistas formados pela Universidade Tiradentes – Unit e como termômetro para a produção de dados empíricos, aplicamos o **Questionário-1** no início da Unidade I. Este possui 15 perguntas fechadas (também conhecidas como questões “objetivas”), sendo que o preenchimento foi voluntário e anônimo com o auxílio do *Google Forms*. Consequentemente, optamos por identificar com nomes fictícios o espaço de fala dos alunos-participantes acerca de suas

---

<sup>16</sup> Conheça o Instituto Delete e saiba mais sobre o uso consciente de tecnologias: <http://www.institutodelete.com/>

impressões e experimentações, que consideramos importantes, para contextualizar as discussões. Todos os alunos, regularmente matriculados no componente curricular PT-III, responderam ao questionário; o que assegura os principais achados desta fase exploratória.

Dos 21 que responderam, 12 (57,1%) são do sexo masculino e nove (42,9%) do sexo feminino. A maior parte dos alunos encontra-se na faixa etária entre 19 e 25 anos (81%), até 18 anos (4,8%), entre 26 e 30 anos (4,8%) e entre 31 e 40 anos (9.5%). Em relação ao estado civil destes, 20 (95,2%) são solteiros e um (4,8%) divorciado; conforme evidenciado na **Tabela 1** abaixo:

**Tabela 1:** Perfil dos alunos-participantes.

CARACTERÍSTICAS DO PÚBLICO-ALVO		TOTAL	PERCENTUAL (%)
SEXO	 MASCULINO	12	57,1 %
	 FEMNINO	9	42,9 %
FAIXA ETÁRIA	 ATÉ 18 ANOS	1	4,8 %
	 ENTRE 19 E 25 ANOS	17	81 %
	 ENTRE 26 E 30 ANOS	1	4,8 %
	 ENTRE 31 E 40 ANOS	2	9,5 %
ESTADO CIVIL	 SOLTEIRO	20	95,2 %
	 DIVORCIADO	1	4,8 %
BASE DE CÁLCULO		21 ALUNOS	

**Fonte:** Dados organizados com base no questionário fechado elaborado e aplicado pelo autor (2017).

Nessa direção, os alunos da contemporaneidade apresentam um perfil diferenciado em face das formas de acesso propiciadas por uma conexão que se expande e se reconfigura a todo o momento. Além do mais, eles possuem a disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na *Web*. Diante disso, sempre envolvidos de *smartphones*, computadores e outros aparatos tecnológicos em rede;

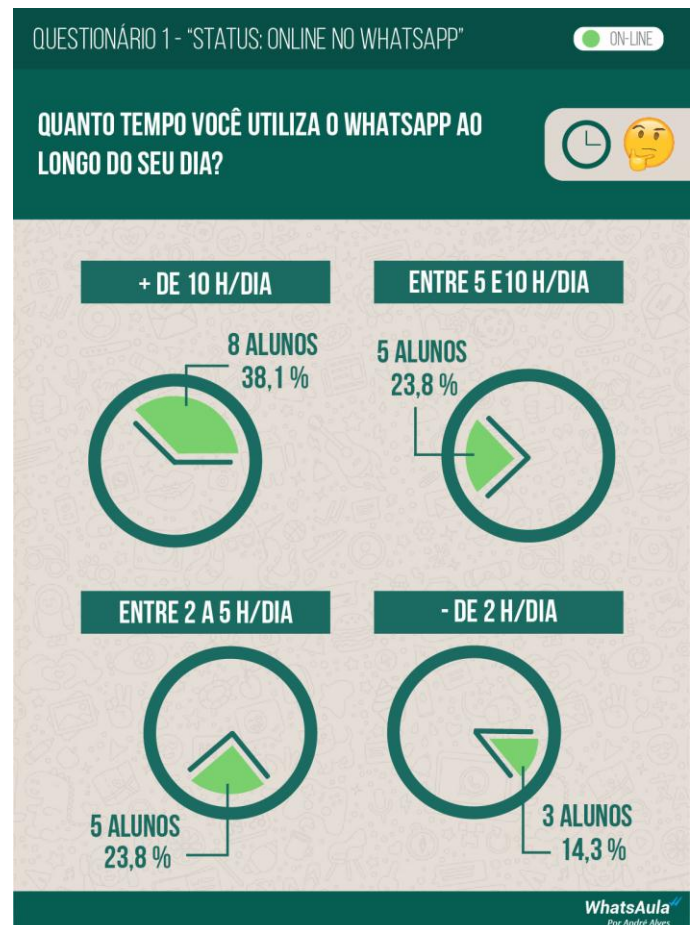


eles dominam de forma simples e descomplicada qualquer dispositivo digital e se relacionam com as pessoas de maneira diferente – atravessada pela hiperconectividade. Em consequência, não necessitam de formação tecnológica, pois “já sabem mais” que os Professores que ainda estão se adaptando a Cibercultura.

Nessa perspectiva, os jovens (alunos) de hoje fazem parte de uma geração imersa quase que totalmente na tecnologia e levam uma vida intensamente influenciada pela internet, por dispositivos digitais (e móveis), pelos diversos aplicativos, sites de redes sociais e plataformas de informação e comunicação disponíveis. Quer dizer, quanto mais jovens, mais frenética são as suas conexões com o mundo digital. Atrelado a isso, os Professores precisam seguir o fluxo com a aquisição de competências e habilidades tecnológicas e com as vantagens que as tecnologias digitais podem oportunizar dentro-fora da sala de aula – em um contexto diverso da sua formação e conectado a realidade do aluno.

Posto isto, consideramos pertinente integrar novos recursos à prática pedagógica, assim como, proporcionar novas maneiras de ensinar, aprender e desenvolver o currículo com o suporte da tecnologia. E, assim, manter o foco não somente nos processos e nos artefatos tecnológicos; mas no resultado, ou seja, na aprendizagem significativa do aluno.

### INFOGRÁFICO 1



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Ao serem indagados quanto ao tempo de utilização do *WhatsApp* ao longo do dia, oito (38,1%) alunos responderam que acessam o *app* mais de 10 horas, cinco (23,8%) entre 2 e 5 horas, cinco (23,8%) entre 5 e 10 horas e três (14,3%) menos de 2 horas por dia.

## INFOGRÁFICO 2



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Quando questionados sobre com que frequência eles sentem necessidade de acessar o *app*, oito (38,1%) alunos afirmaram que sempre, oito (38,1%) quase sempre, quatro (19%) às vezes e 1 (4,8%) quase nunca.

## INFOGRÁFICO 3

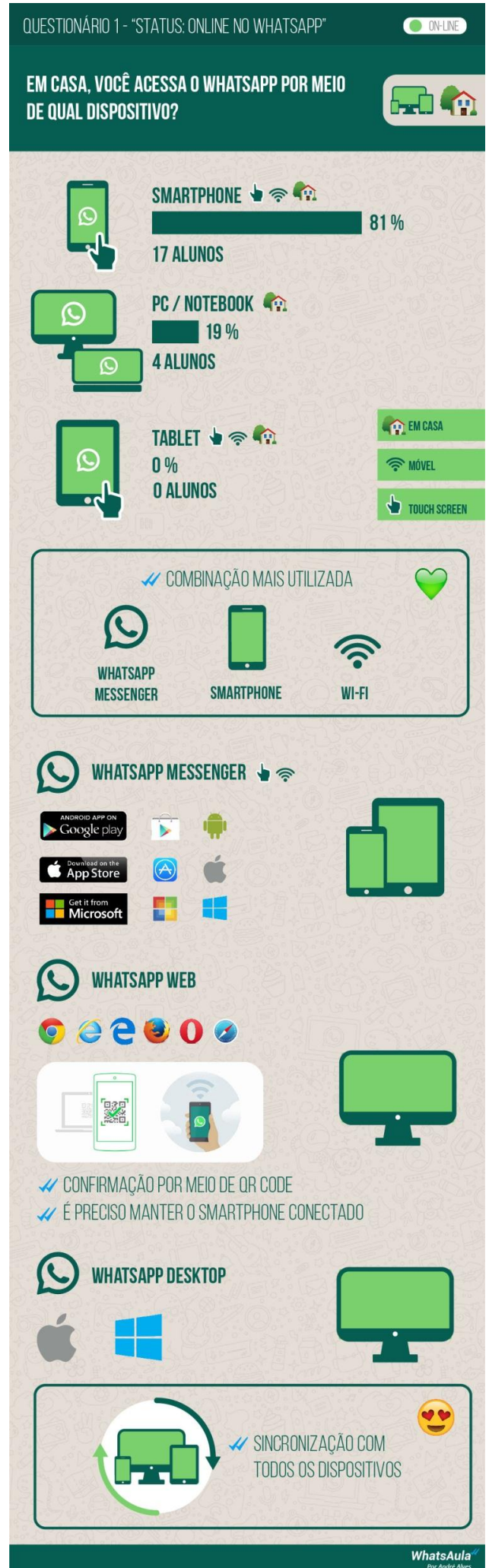


Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Por outro lado, quando interrogados sobre com que frequência, quando saem do *WhatsApp*, costumam voltar a acessar, dez (47,6%) participantes declararam que quase sempre, cinco (23,8%) sempre, cinco (23,8%) às vezes e um (4,8%) quase nunca.

Prático e ágil, o *WhatsApp* representa o principal canal de comunicação para os sujeitos desta pesquisa. Isso porque, com relação ao tempo de utilização e a frequência de acesso, os resultados dos **Infográficos 1-2-3** evidenciam o quanto este *app* é usado intensamente ao longo do dia pelos alunos para trocar e visualizar mensagens e compartilhar conteúdo em diversos formatos. O que demonstra a relevância que este *software* para dispositivo móvel possui em tempos de conectividade e fluxos interacionais.

INFOGRÁFICO 4



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Outro fator importante a ser observado é que, em casa, 17 (81%) alunos afirmaram acessar o *WhatsApp* por meio do dispositivo móvel *Smartphone* e 4 (19%) por intermédio do Computador (*Notebook-Desktop*). Leve, compacto e em formato de prancheta, o *Tablet* não desponta como opção de acesso do *WhatsApp* para os sujeitos; apesar de apresentar diversas funcionalidades em tela sensível ao toque (*Touch Screen*)<sup>17</sup>.

Para proporcionar uma comunicação mais abrangente, o *WhatsApp* está disponível tanto no *Smartphone* (*WhatsApp Messenger*) como no Computador (*WhatsApp Web* ou *WhatsApp Desktop*). As três versões funcionam exatamente da mesma maneira e depende do usuário optar como utilizar o *app*. O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo que pode ser "baixado" gratuitamente em diversos sistemas operacionais, por exemplo, na *App Store* (Loja de aplicativos para *iOS* – sistema operacional móvel da *Apple*) e no *Google Play Store* (Loja de aplicativos para *Android* – sistema operacional móvel do *Google*). O *WhatsApp Web* permite acessar o mensageiro pelo computador por meio de um navegador de internet (*Chrome*, *Safari*, entre outros).

Para isso é necessário, parear o celular com o *browser*, usando o "QR Code"<sup>18</sup>. Além dele, o *WhatsApp Desktop* é uma versão disponível no *site* oficial do aplicativo para *download* diretamente na máquina. Dessa forma, as mensagens enviadas e recebidas são automaticamente sincronizadas entre os dispositivos, podendo ser visualizadas nas três modalidades.

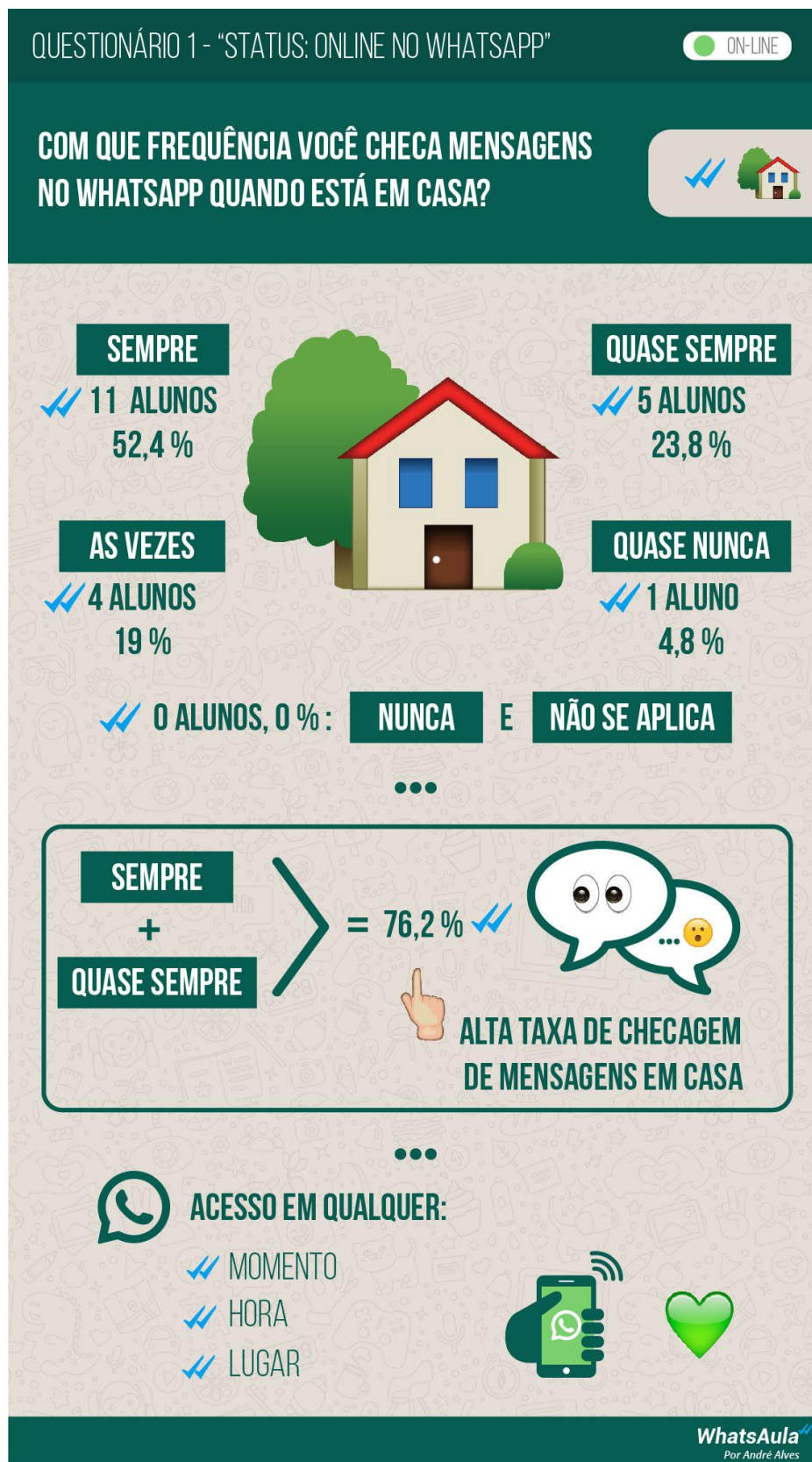
As versões *Web* e *Desktop* do *WhatsApp* não são um dos recursos favoritos entre os alunos. O dado indica que, mesmo estando em casa, a maior parte dos pesquisados prefere acessar o *WhatsApp Messenger* para conversar, enviar fotos, vídeos, organizar contatos, grupos, arquivar recados e mais funções; via *smartphone* (81%) e *Wi-Fi*.

---

<sup>17</sup> O *Touch Screen* é um *display* eletrônico capaz de detectar o toque em uma determinada área de exibição por meio da pressão exercida sobre ela. O funcionamento destas telas baseia-se no uso de sensores que detectam o toque e transformam-no em comando. *Smartphones*, *tablets* e caixas eletrônicos de bancos, dentre tantos outros; utilizam esta tecnologia que elimina os teclados e *mouses*, aumentando ainda mais a interação do mundo real com o *online*.

<sup>18</sup> *QR Code* é a sigla de "*Quick Response*" que significa resposta rápida. Eles são uma espécie de evolução dos códigos de barras tradicionais e podem ser facilmente escaneados mediante enquadramento com a câmera do *smartphone* – como um meio de transmitir informações rapidamente. Convertido em acesso a conteúdo, dependendo do código, você pode ser redirecionado para um *site*, receber um SMS ou acessar-baixar um aplicativo; entre outras decodificações.

## INFOGRÁFICO 5



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

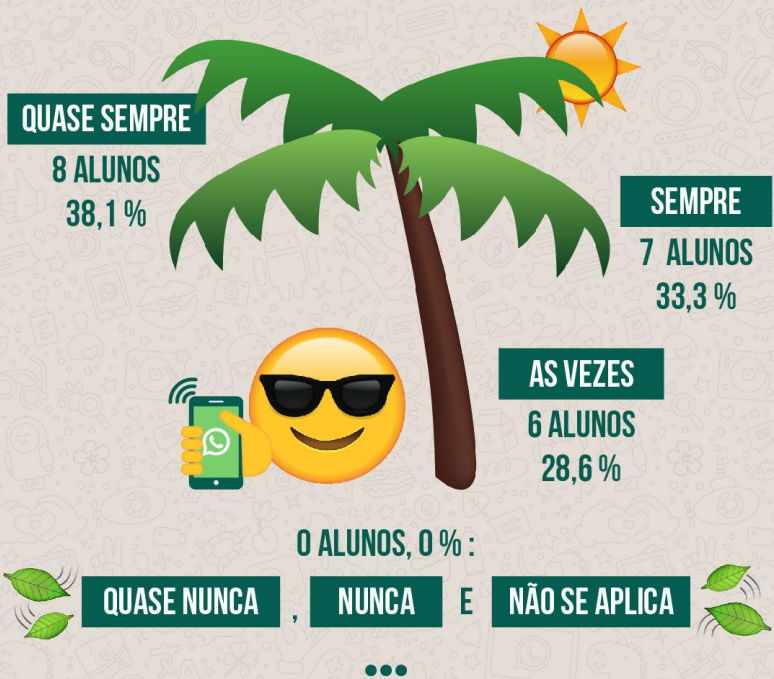
Em relação à frequência de checagem de mensagens no *WhatsApp*, 11 (52,4%) alunos responderam que conferem sempre, cinco (23,8%) quase sempre, quatro (19%) às vezes e um (4,8%) quase nunca quando está em casa.

A internet evoluiu muito nos últimos 15 anos: aquela conexão lenta e chiada se transformou em algo instantâneo e móvel. Não mais reféns do cabo *Ethernet* – aquele geralmente azul, que conecta o computador ao *Modem* para compartilhamento do acesso à internet – os jovens hiperconectados aspiram portabilidade, mobilidade e facilidade de acesso. Tudo isso ele tem no *smartphone*, seu principal meio de conexão (**Infográfico 4**). Por conseguinte, nosso diagnóstico mostra que a frequência de checagem de mensagens no *WhatsApp* quando está em casa é expressiva (76,2%), considerando o percentual dos que checam “Sempre” e “Quase sempre”. Este acesso mediante dispositivo móvel e por conexão *Wi-Fi* é capaz de impactar na intensidade de uso deste *Instant Messenger*, por possibilitar sua utilização a qualquer momento, hora ou lugar; entre os jovens universitários.



INFOGRÁFICO 6

COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ ACESSA O WHATSAPP NO SEU DISPOSITIVO MÓVEL FORA DE CASA?



OPÇÕES DE ACESSO A INTERNET NO SMARTPHONE:

✓ OPERADORAS DE TELEFONIA MÓVEL (3G/4G)

PLANOS DE 3G E 4G COM CUSTO ELEVADO, LIMITAM O USO DO USUÁRIO EM AMBIENTES EXTERNOS



✓ WI-FI LIVRE NOS ESTABELECIMENTOS PRIVADOS



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Em contrapartida, fora de casa, em relação à frequência que acessam o *WhatsApp* por meio do dispositivo móvel, oito (38,1%) alunos declararam que quase sempre, sete (33,3%) sempre e seis (28,6%) às vezes.

Na civilização do ligeiro (LIPOVETSKY, 2016) – que se configura fluida, móvel e conectada – ao sair de casa, a principal indagação das pessoas é se tem *Wi-Fi* no lugar para onde estas estão indo. Seja para suprir ou poupar o plano de internet oferecido pelas principais operadoras de telefonia móvel do Brasil (Claro, Oi, TIM e Vivo). Nesse contexto, “Qual a senha do *Wi-Fi*?”, tornou-se um pedido recorrente em consultório médico, em bares e restaurantes, em hotéis, em casa de familiares e amigos.

Para ilustrarmos, o comediante Whindersson Nunes criou uma paródia do sucesso *Hello* (de Adele), retratando o desespero por uma senha de *Wi-Fi*. Quem nunca? Afinal, é cada vez mais complicado ficar sem acessar os Aplicativos e as Redes Sociais Digitais – como o *WhatsApp*; citado pelo *youtuber* no vídeo que você pode conferir ao escanear o **QR Code**.



QR Code ‘Só Pra Parodiar’:  
Com Whindersson Nunes.

Por outro lado, “Não temos *Wi-Fi*. Conversem entre vocês”, imagética que rapidamente “viralizou” no *WhatsApp* e outras redes sociais, faz uma crítica a estes novos comportamentos, moldados em função do constante acesso à internet (**Figura 22**).

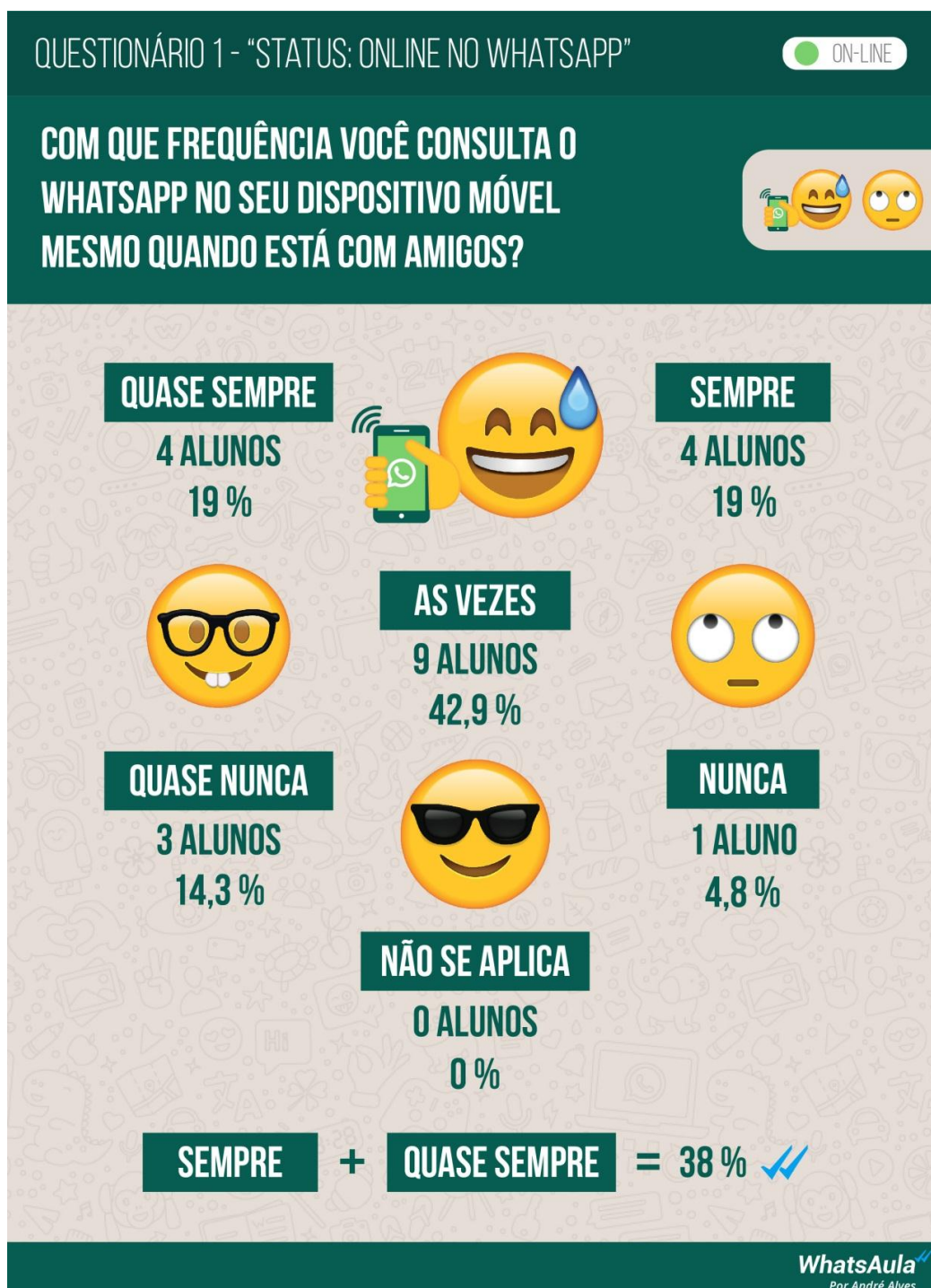
**Figura 22:** Tabuleta na porta de um restaurante desconhecido.



**Fonte:** <http://oeraumavezdeverdade.blogspot.com.br/2015/04/nao-temos-wi-fi-conversem-entre-voces.html> **Acesso em:** 11 maio 2017.

Fora de casa, constatamos que a frequência de acesso ao *WhatsApp* mediante dispositivo móvel sofreu um recuo (71,4%), baseado no percentual dos que acessam “Sempre” e “Quase sempre” e comparado ao **Infográfico 5**. Isso se deve, em parte, às limitações dos planos de acesso à internet de seus *smartphones* (3G/4G) – o que não subtrai a presença digital destes interagentes hiperconectados.

## INFOGRÁFICO 7



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Perguntados sobre com que frequência consultam o *WhatsApp* por meio do dispositivo móvel, quando estão com amigos, nove (42,9%) alunos responderam que às vezes, quatro (19%) sempre, quatro (19%) quase sempre, três (14,3%) quase nunca e um (4,8%) nunca.

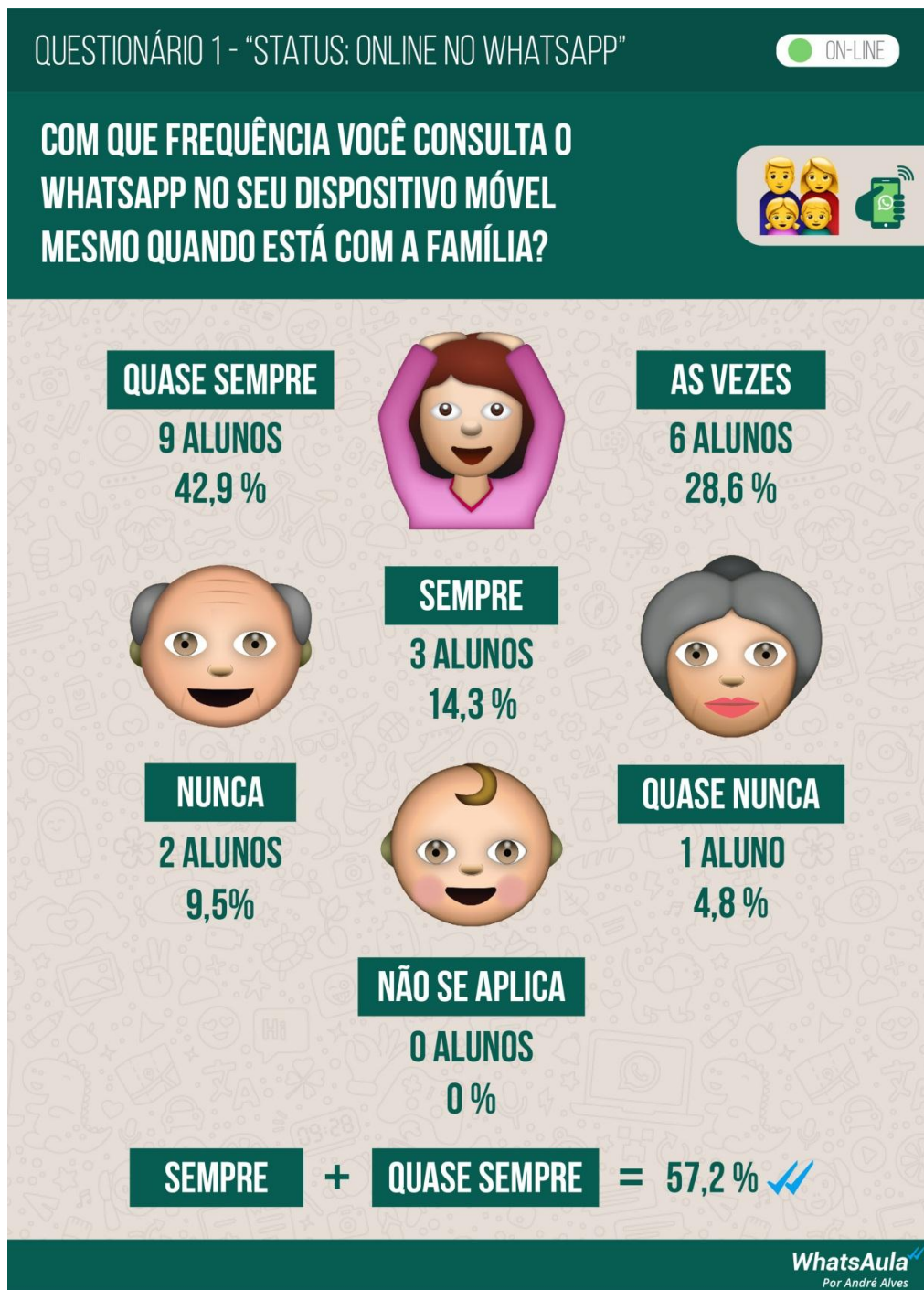
## INFOGRÁFICO 8



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Já quando estão com o (a) seu (a) parceiro (a), seis (28,6%) participantes afirmaram que quase nunca, quatro (19%) quase sempre, quatro (19%) às vezes, três (14,3%) nunca e quatro (19%) não se aplica; ou seja, sete (33,3%) não consultam o *WhatsApp*.

## INFOGRÁFICO 9



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

E quando estão com a família, nove (42,9%) alunos declararam que consultam o *WhatsApp* quase sempre, seis (28,6%) às vezes, três (14,3%) sempre, um (4,8%) quase nunca e dois (9,5%) nunca.

## INFOGRÁFICO 10



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Quando indagados sobre com que frequência ignoram pessoas que estão do seu lado no cotidiano para se comunicar com pessoas no *WhatsApp*, seis (28,6%) alunos responderam que às vezes, cinco (23,8%) quase sempre, cinco (23,8%) quase nunca e cinco (23,8%) nunca.

Na sociedade movente, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, principalmente os aplicativos para dispositivos móveis, penetraram na vida das pessoas, recriando, então, novas formas de comunicação e interação (em rede) e novos hábitos socioculturais – influenciando na virtualidade das relações interpessoais e interferindo na subjetividade dos indivíduos. Por outro lado, no espaço “ciber”, além de observamos múltiplos perfis de navegantes, “a tecnologia móvel é considerada símbolo máximo da compressão espaço-tempo” (BAUMAN, 2001). Assim sendo, Santaella (2010, p. 71) o descreve como “[...] um espaço de interação, cujo acesso se dá por meio de interfaces dos mais diversos tipos que permitem navegar a bel-prazer pela informação hipermidiática e reenviá-la para quem quer que seja, de qualquer e para qualquer lugar do planeta”.

Com a popularização dos *smartphones* e, portanto, dos aplicativos móveis; uma coisa é certa: constatamos a partir dos **Infográficos 7-8-9-10** que, os habitués do *WhatsApp* não largam o dispositivo por nada. Seja em casa, na Universidade, no trabalho e, mesmo quando estão com familiares (57,2%), amigos (38%) e com o(a) seu(a) parceiro(a) (38%) – chegando até a ignorar pessoas que estão por perto (23,8%). Cabe ressaltar que, estes dados estão alicerçados no percentual dos que consultam e ignoram “Sempre” e “Quase sempre”.



## INFOGRÁFICO 11



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Questionados sobre quais aplicativos de mensagens utilizam quando o *WhatsApp* sofre bloqueios judiciais, 11 (52,4%) alunos afirmaram utilizar o *Facebook Messenger*, seis (28,6%) o *Telegram* e um (4,8%) o *Skype*. Por outro lado, três (14,3%) declararam que não fazem uso dos *Instant Messengers* (IM)<sup>19</sup> sugeridos quando o *WhatsApp* tem o seu funcionamento suspenso.

<sup>19</sup> Um mensageiro ou comunicador instantâneo, também conhecido por IM (do inglês *Instant Messenger*), é uma aplicação que permite o envio e o recebimento de mensagens de texto (e multimídia); além de outros inúmeros recursos em tempo real.

Ocasionalmente, o *WhatsApp* “sai do ar” – quando não fica inoperante por motivos técnicos, é bloqueado pela justiça no Brasil. A primeira tentativa de bloquear<sup>20</sup> o *WhatsApp* no Brasil, ocorreu em 25 de fevereiro de 2015, por meio da Central de Inquéritos da Comarca de Teresina (PI). Na ocasião, o aplicativo não chegou a ficar “fora do ar”. O motivo seria uma recusa do *WhatsApp* em conceder informações para uma investigação policial.

O primeiro bloqueio do *WhatsApp* no País, foi em 16 de dezembro de 2015 (14 horas inoperante), deliberado pela 1ª Vara Criminal de São Bernardo do Campo (SP) e motivado por investigações criminais por latrocínio, tráfico de drogas e associação ao Primeiro Comando da Capital (PCC). O segundo caso, foi em dois de maio de 2016 (suspensão por 12 horas), quando a Vara Criminal de Lagarto (SE), ordenou o bloqueio também por conta de investigações criminais relacionadas a tráfico de drogas; além de decretar a prisão preventiva do vice-presidente do *Facebook* na América Latina.

O terceiro e, por enquanto, último bloqueio, ocorreu em 19 de julho de 2016 (ficou inacessível por 24 horas), por decisão da 2ª Vara Criminal de Duque de Caxias (RJ). A causa foi o fato do *WhatsApp* ter respondido à Justiça em inglês. Recentemente, em três de maio de 2017, o “Zap” apresentou instabilidade em diversos países (e sofreu um apagão de duas horas) – impossibilitando a troca de mensagens entre os usuários. Duas semanas após inconstância, 17 de maio de 2017, o *WhatsApp* foi interrompido mais uma vez (por uma hora). O motivo da pane não foi informado pelos desenvolvedores.

Nesse sentido, quando a interrupção do funcionamento do *app* acontece, a maioria destes utilizadores de IM (52,4%), migra – até sua normalização – para o aplicativo de mensagens instantâneas também de propriedade do *Facebook*. Já o *Hangouts* e o *Viber*, como vimos, não são sinalizados como alternativas para se manter conectado quando o (famoso e mais popular) aplicativo “sai do ar”. Lembramos que, os *Instant Messengers*, listados como principais alternativas ao *WhatsApp* em situações de bloqueios ou falhas técnicas; apresentam particularidades, vantagens e desvantagens que lhes são próprias. Embora,

---

<sup>20</sup> *WhatsApp* na berlinda: Histórico de Bloqueios Judiciais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/07/whatsapp-bloqueado-relembre-todos-os-casos-de-suspensao-do-app.html>> Acesso em: 15 maio 2017.

partilhem funcionalidades diferentes ou semelhantes, estas podem ser potencializadas junto aos processos de ensino e aprendizagem – enriquecendo a experiência de uso; conforme elencamos as principais no **Quadro 1**.

Portanto, elegemos o *WhatsApp* como aplicativo de suporte para o processo de aprendizagem colaborativa em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III – devido sua permanência no topo do pódio como o grande campeão de usuários no mundo<sup>21</sup>. Nessa perspectiva, compete ao Professor definir qual destes *apps* melhor se encaixa em suas práticas pedagógicas e educativas, visto que, é difícil de imaginar os cotidianos sem o uso de mensageiros *online*.

---

<sup>21</sup> Estudo publicado pelo SimilarWeb. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/whatsapp/105213-campeao-whatsapp-mensageiro-mais-usado-mundo.htm>> Acesso em: 20 maio 2017.

**Quadro 1:** Principais funcionalidades disponíveis entre os *Instant Messengers*.

QUADRO						
PRINCIPAIS FUNCIONALIDADES DISPONÍVEIS ENTRE OS INSTANT MESSENGER (IM)						
FUNCIONALIDADES	WHATSAPP	FACEBOOK MESSENGER	HANGOUTS	SKYPE	TELEGRAM	VIBER
CHAT DE MENSAGENS INSTANTÂNEAS	✓	✓	✓	✓	✓	✓
CONVERSAR POR TEXTO, ÁUDIO E VÍDEO	✓	✓	✓	✓	✓	✓
VIDEOCHAMADAS	✓	✓	✓	✓	✓	✓
GRUPO DE BATE-PAPO	✓	✓	✗	✓	✗	✓
LISTA DE FAVORITOS	✓	✗	✓	✓	✗	✗
INTEGRAÇÃO COM O NÚMERO DO TELEFONE	✓	✓	✗	✓	✓	✓
STATUS DE EXIBIÇÃO PERSONALIZÁVEL	✓	✓	✗	✓	✗	✗
INTERFACE CUSTOMIZÁVEL (FUNDO, FONTE E SOM)	✓	✓	✗	✗	✗	✗
EXIBIÇÃO DE AVATARES DOS USUÁRIOS	✓	✓	✓	✓	✓	✓
COMPARTILHAMENTO DE ARQUIVOS MULTIMÍDIA***	✓	✓	✓	✓	✓	✓
LIGAÇÕES GRATUITAS VIA APP	✓	✓	✓	✓	✓	✓
VERSÃO WEB/DESKTOP	✓	✓	✓	✓	✓	✓
SISTEMAS OPERACIONAIS	Android, iOS	Android, iOS	Android, iOS	Android, iOS	Android, iOS	Android, iOS

\*\*\* FOTOS, VÍDEOS, IMAGENS, ÁUDIO, CONTATO, LOCALIZAÇÃO

✓ POSSUI A FUNÇÃO    ✗ NÃO POSSUI A FUNÇÃO

SISTEMA OPERACIONAL:    Android    iOS    Windows Phone

**WhatsAula**  
Por André Alves

Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

## INFOGRÁFICO 12



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Ao serem interrogados sobre com que frequência participam de grupos no *WhatsApp*, oito (38,1%) alunos declararam que às vezes, cinco (23,8%) sempre, três (14,3%) quase sempre, três (14,3%) quase nunca e dois (9,5%) nunca.

Os grupos do *WhatsApp* são um dos recursos mais favoritos do aplicativo. Além disso, é prático entre os utilizadores formar grupos restritos (com até 256 contatos simultaneamente) para agilizar a comunicação entre pessoas, responder a mensagens específicas, deliberar demandas práticas ou aprender de maneira colaborativa. Quer dizer, é possível criar um grupo com a turma da Universidade, com os colegas de trabalho, com os familiares ou mesmo com os amigos. Contudo, de um lado, em razão do quantitativo de mensagens impulsionadas, um grupo do *WhatsApp* pode se tornar inadequado. De outro, ficar sem acessar por alguns minutos o *app* muitas vezes pode ser desesperador (**Infográficos 1-2-3-11**) – ou resultar em dezenas de mensagens não lidas.

No tocante a este dado, 38,1% dos alunos disseram participar de grupos no *WhatsApp* com frequência; apoiado no percentual dos que participam “Sempre” e “Quase sempre”. Logo, reforçamos a ideia de que utilizar este recurso com intencionalidade pedagógica pode ser capaz de produzir um efeito positivo nos processos de ensino e aprendizagem.

**Ana Carolina:** “Particularmente eu não gosto muito de grupos de *WhatsApp*, por isso tenho dificuldade em me comunicar a todo instante com as pessoas do grupo. Porém, para matéria é uma forma de aprendizado pois os alunos explanam suas opiniões sobre o assunto dado na aula, e essa troca de informação agrega o nosso aprendizado”.

É notório que o aplicativo de “assobio” digital inconfundível é o mais acionado em meio aos *apps* na *home screen* do *smartphone* – considerado o dispositivo preferencial de conexão; devido a portabilidade, a mobilidade e a facilidade de acesso entre os jovens universitários (**Infográfico 4**). Destarte, enfatizamos que a nossa investigação não é guiada pelos faróis de “dependentes” ou “viciados” em *WhatsApp*. A partir dos dados produzidos por intermédio do **Questionário-1**, ao tangenciá-los com o contexto educativo, entendemos que este mensageiro do ícone verde pode ser um importante aliado para as aulas mais dinâmicas e participativas. Cabe agora, elaborar propostas pedagógicas e educativas alicerçadas nas suas

funcionalidades e usabilidades – ao passo que estimule os alunos a desenvolver uma aprendizagem autônoma e ativa.

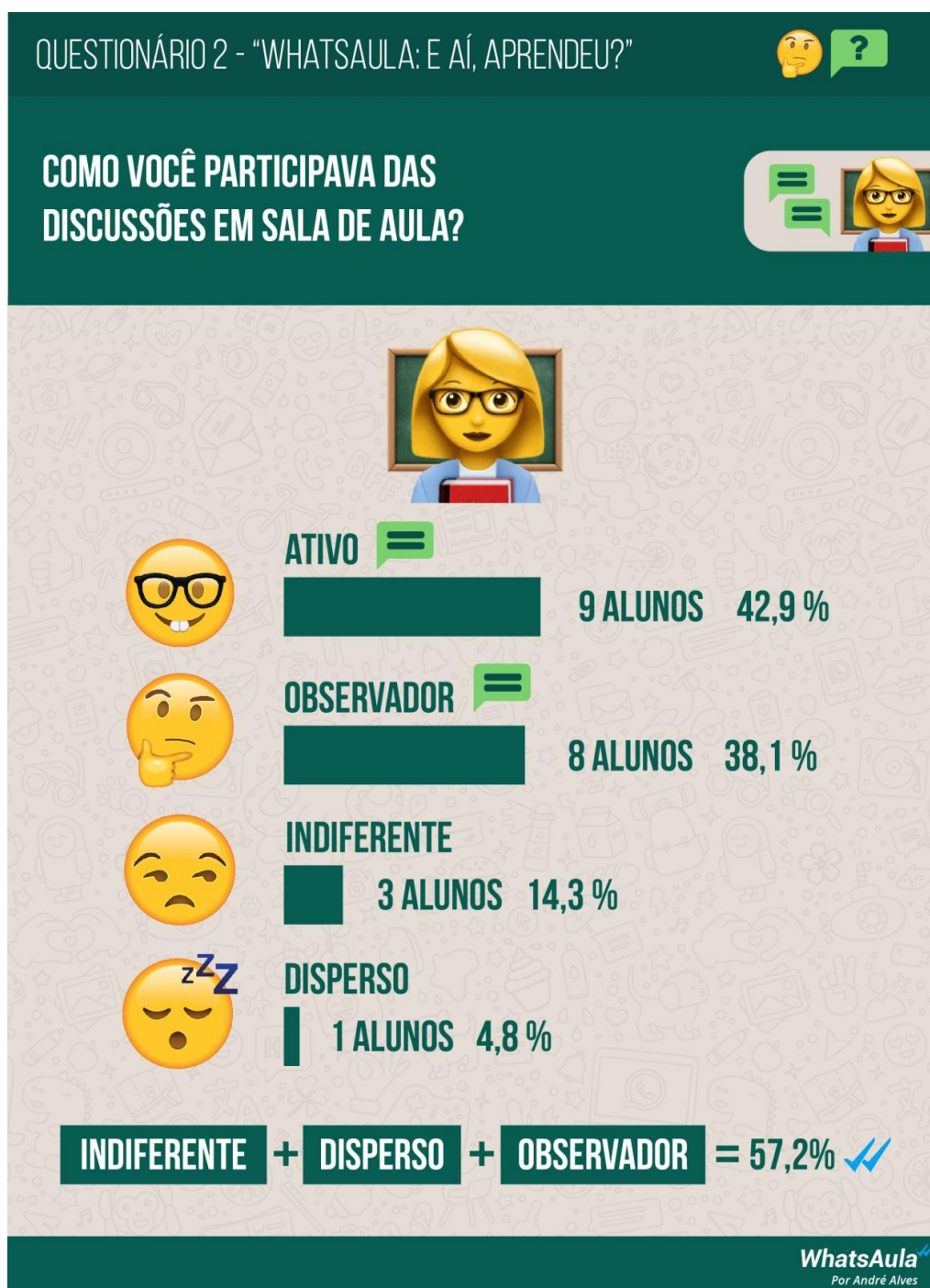
Por esse ângulo, a seguir, publicizaremos os resultados avaliativos acerca das atividades desenvolvidas por meio da experiência “*WhatsAula*” – a partir da percepção dos alunos-participantes – como também; das possíveis contribuições do aplicativo *WhatsApp* para a construção colaborativa de sua aprendizagem.

## 5.2 “*WhatsAula*”: E aí, aprendeu?

Conhecimento na palma da mão. O uso cada vez mais intenso dos *smartphones* e de aplicativos, para além de espaços de mera diversão, trouxeram novas possibilidades para a Educação. Por isso, a tecnologia abre, cada vez mais, os horizontes para quem deseja ampliar seus conhecimentos. Do ponto de vista da Geração *Wi-Fi*, a principal vantagem é aprender em qualquer lugar: dentro-fora dos muros da Universidade. Em concordância, Bannel e outros (2016, p. 77) consideram que, “[...] a escola, portanto, deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, em função da legitimação social de uma variedade de saberes que circula por outros canais, difusos e descentralizados”.

No entanto, ao final da Unidade II, aplicamos o **Questionário-2**, para avaliação das atividades desenvolvidas por meio da experiência “*WhatsAula*” – a partir dos usos-apropriações e da percepção dos alunos-participantes – como também; das possíveis contribuições do aplicativo *WhatsApp* para a construção colaborativa de sua aprendizagem. Aplicado igualmente com o auxílio do *Google Forms*, o **Questionário-2** é constituído por 21 perguntas – sendo 18 delas fechadas e três abertas – cujo preenchimento foi voluntário e anônimo.

## INFOGRÁFICO 1



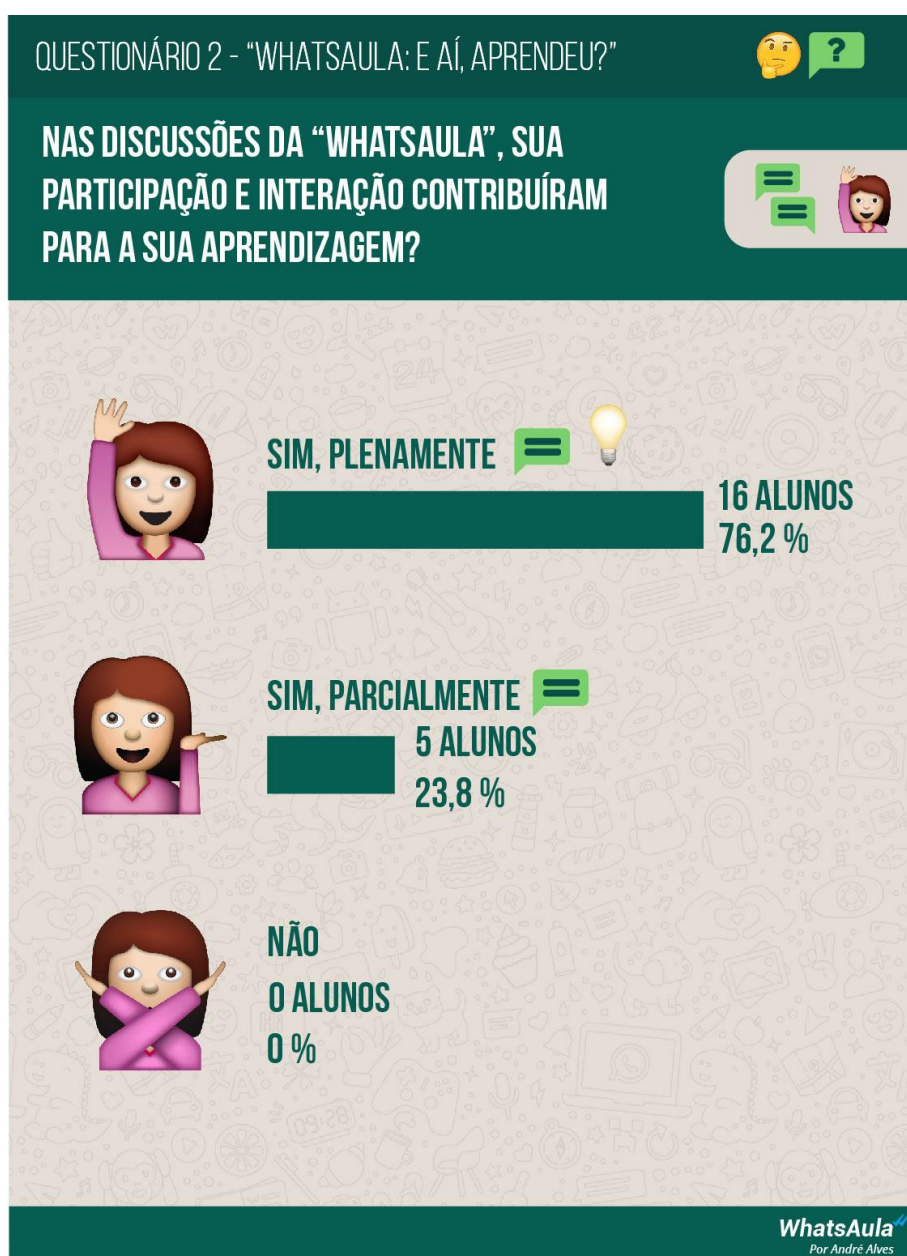
Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Na questão referente à participação nas discussões em sala de aula, ressaltamos que, do total dos que responderam, nove (42,9%) alunos afirmaram participar de modo ativo, oito (38,1%) como observador, três (14,3%) é indiferente e um (4,8%) é disperso.



Percebemos que as discussões em sala de aula deixaram uma lacuna significativa de (57,2%) – somando o percentual dos que participaram de modo “Indiferente”, “Disperso” e “Observador”. Esta foi preenchida por intermédio da “WhatsAula”. No entanto, foi preciso estimular a participação ativa destes sujeitos junto às provocações em sala e fluxos interacionais no *WhatsApp*; de maneira a garantir espaços propícios e plurais de discussão, interação e colaboração e uma trajetória acadêmica de sucesso.

## INFOGRÁFICO 2

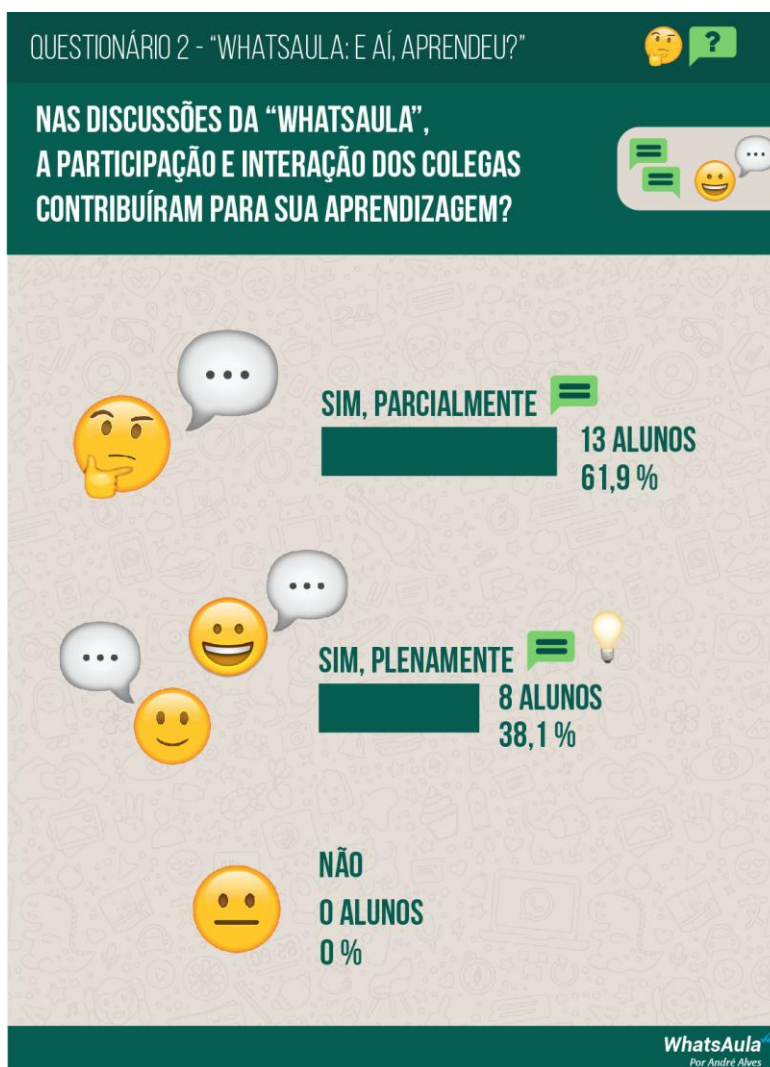


Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Perguntamos aos alunos se, nas discussões da “WhatsAula”, sua participação e interação contribuíram para sua aprendizagem: 16 (76,2%) declararam que plenamente e cinco (23,8%) responderam que parcialmente. Ou seja, uma parcela maior dos interagentes se envolveu completamente com os fluxos interacionais estabelecidos na “WhatsAula” – o que favoreceu sua aprendizagem. Outra parcela, como vimos, se envolveu moderadamente.

**Andressa Menezes:** “Houve um maior dinamismo, comunicação e interação de minha parte. Tudo, influenciado pelo método de ensino proposto. A perspectiva de aprendizagem também foi atingida, junto com a interação dos professores e colegas de turma. Acredito que todos os alunos saíram satisfeitos com o método”.

### INFOGRÁFICO 3



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Posteriormente, inquirimos os alunos quanto a participação e interação dos colegas, nas discussões da “WhatsAula”: 13 (61,9%) responderam que contribuíram parcialmente para sua aprendizagem e oito (38,1%) consideram que a contribuição foi plenamente. Porém, esses dados trazem uma contradição entre o pleno envolvimento com os fluxos interacionais estabelecidos na “WhatsAula” (Infográfico 2) e demais resultados.

#### INFOGRÁFICO 4



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Outro ponto que levantamos na pesquisa diz respeito ao formato de conteúdo que mais compartilhavam na “*WhatsAula*” de Produção Textual III. Após indagação, nove (42,9%) participantes responderam que compartilharam imagem, sete (33,3%) compartilharam vídeo e cinco (23,8%) compartilharam áudio.

**Antônio Alves:** “Esse método de interação é muito legal e divertido. Podemos interagir não apenas por mensagens de texto, mas também por áudio e foto fazendo com que a interação seja ainda mais dinâmica”.

Nos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”, os interagentes compartilharam não apenas mensagens de texto, mas, também, fotos, imagens, *emojis-emojicons* e gravações de vídeo e áudio; com o intuito de aprimorar e contribuir com as atividades propostas. O que enriqueceu as discussões acerca dos temas (da atualidade) dos *Blogs* Temáticos – além de explorar as funcionalidades do *app* para a construção colaborativa de sua aprendizagem. E como salienta Primo (2013, p. 44-45),

[...] além de favorecer a circulação, as mídias sociais abrem espaço para a criação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas. Instauraram, assim, uma cultura participativa, onde cada um conta e todos colaboram, portanto, uma cultura integrativa, assimilativa, cultura da convivência que evolui de acordo com as exigências impostas pelo uso dos participantes.

**Bruna Maiara:** “Como algumas pessoas são tímidas, a *WhatsAula* ajudou bastante na argumentação pelo *Smartphone*...”.

## INFOGRÁFICO 5

QUESTIONÁRIO 2 - "WHATSAULA: E AÍ, APRENDEU?"



**POR MEIO DA EXPERIÊNCIA "WHATSAULA",  
VOCÊ REALIZOU ATIVIDADES DE PESQUISA  
COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM?**

SIM  

95,2 %

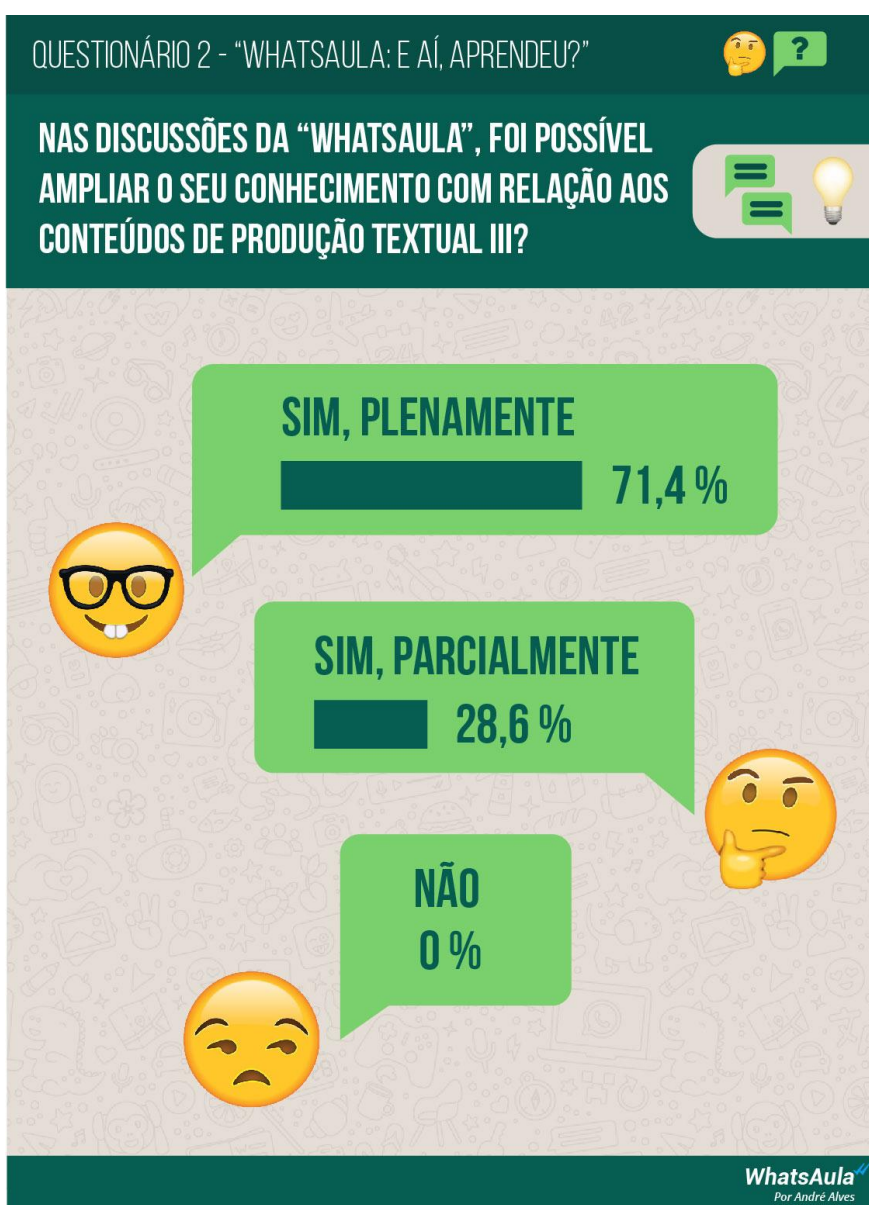


NÃO

 4,8 %

Apurar é mais que um verbo de ação para os futuros jornalistas. É um compromisso que se renova diariamente na construção de matérias-reportagens que levarão ao cidadão um olhar imparcial sobre os fatos. Nesse âmbito, 95,2%, quase a totalidade da amostra, declararam realizar atividades de pesquisa como estratégia de aprendizagem para atualização dos *Blogs* Temáticos e no desenrolar dos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”. O que confere qualidade e criatividade nas produções textuais postadas e privilegia a articulação teoria-prática; além do discente se desenvolver enquanto sujeito autônomo, crítico e participativo.

### INFOGRÁFICO 6

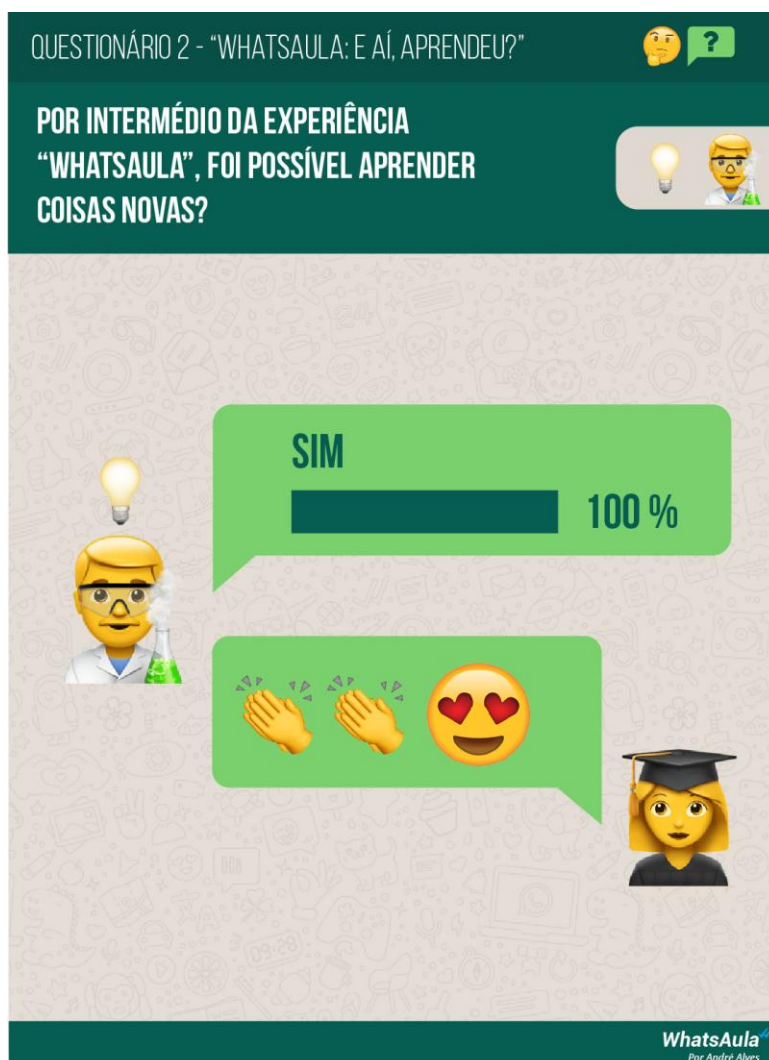


Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

A partir dos dados explicitados acima, inferimos que mais da metade dos pesquisados (71,4%) afirmam que foi possível ampliar ‘plenamente’ o seu conhecimento com relação aos conteúdos de Produção Textual III.

Isso demonstra a relevância desta experiência em transformar os conteúdos do componente curricular PT-III em combustível para novas buscas, novas descobertas e novos questionamentos – ao proporcionar aos alunos um sólido e crítico processo de formação. Por outro lado, os conteúdos trabalhados intra e extramuros da Unit, com o suporte do *WhatsApp*, foram interligados com os cotidianos e relacionados à atuação profissional futura destes jovens universitários. Isto é, transformando momentos e espaços informais e não formal em oportunidades de aprendizagem formal.

## INFOGRÁFICO 7

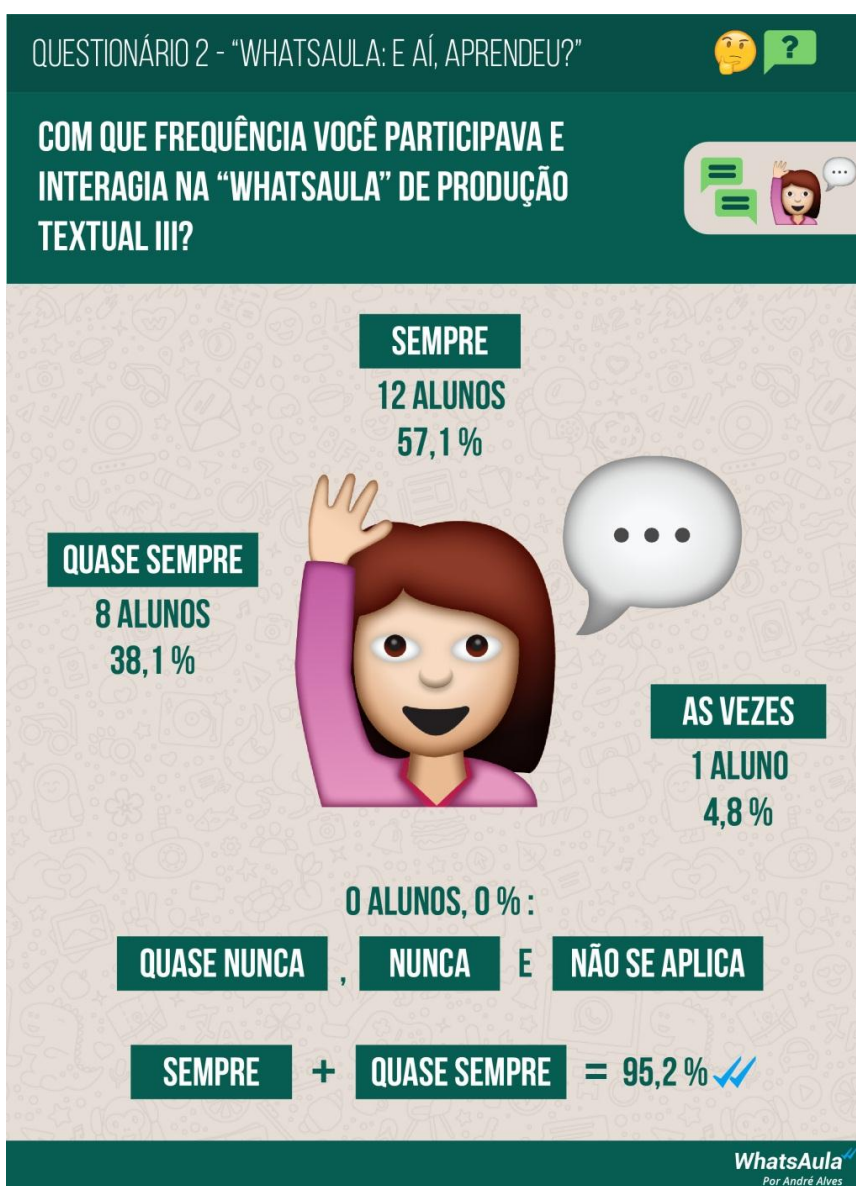


Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

100% dos alunos-participantes, relataram que foi possível aprender coisas novas por intermédio da experiência “WhatsAula”. Diante desse dado, constatamos que esta experiência fomentou o acesso à informação e a construção colaborativa do conhecimento – em um contexto híbrido, participativo e de ação crítica – além de potencializar a aprendizagem dos sujeitos; tornando-a significativa.

**Bruno César:** “Contribuiu de forma geral para a produção textual e o ensino colaborativo, aprendi novas coisas e considero uma ferramenta importante”.

## INFOGRÁFICO 8



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).



Quando perguntados sobre com que frequência participava e interagía da “WhatsAula” de Produção Textual III, 12 alunos (57,1%) afirmaram que sempre, oito alunos (38,1%) quase sempre e um aluno (4,8%) às vezes. O que podemos observar é que os fluxos interacionais na “WhatsAula” foram intensos (95,2%) e necessários para que a experiência fosse mantida e satisfatória, ponderando o percentual dos que participam e interagem “Sempre” e “Quase sempre”.

## INFOGRÁFICO 9



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Na sequência, buscamos conhecer o nível de engajamento na “*WhatsAula*” de Produção Textual III. Os resultados mostram que dez (47,6%) alunos consideram alto, dez (47,6%) médio e um (4,8%) baixo. Consideramos engajamento o nível de envolvimento, interações frequentes, intimidade e influência adquirido ao longo da experiência, pelos sujeitos desta pesquisa, por meio do *app*. Recuero (2013, online), afirma que, engajamento “[...] está ligado à qualidade das conexões entre os interagentes, a qual está relacionada à interação entre eles, aos laços que desenvolvem e ao capital social que partilham naquele espaço e naquela rede”.

Nesse sentido, vimos que o engajamento (95,2%) é tão expressivo quanto os percentuais de participação e interação (**InfoGráfico 8**), aferindo o percentual dos que consideram seu engajamento “Alto” e “Médio” – o que reforça ainda mais a relevância desta experiência.

## INFOGRÁFICO 10



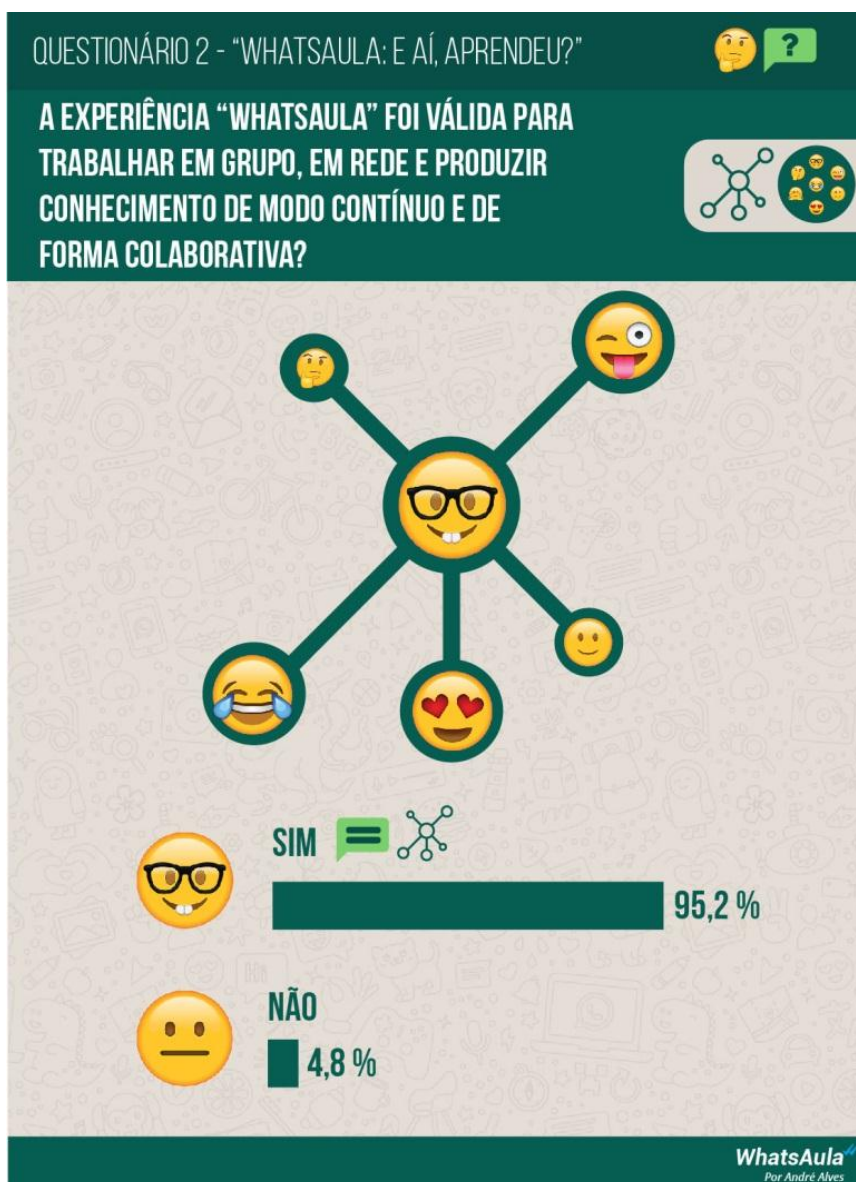
Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Uma informação pertinente que o dado acima traz, é sobre a possibilidade de acompanhar as aulas, mesmo ausente dos momentos presenciais, por meio da “*WhatsAula*”. 81% dos pesquisados afirmaram que sim. Os que responderam não (19%), certamente, não faltaram às aulas. De um lado, não frequentar as aulas compromete o desenvolvimento progressivo das aprendizagens e pode até reprovar, entre outros agravos. De outro, a possibilidade de registro e de armazenamento das informações nos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”; oportuniza aos alunos faltosos o acesso ao que foi explanado na aula – além de viabilizar a participação e interação entre pares, em tempo real, independentemente de onde estiver. Dentro da mesma lógica, Santaella (2013, p. 291) enfatiza que, por meio desses dispositivos, que cabem na palma de nossas mãos:

[...] à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. Os artefatos móveis evoluíram nessa direção, tornando absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento.

Por se tratar de uma experiência de ensino-aprendizagem contemporânea e inovadora, conectada às tecnologias da Cibercultura, a “*WhatsAula*” alarga os espaços da sala de aula – possibilitando o acompanhamento e participação dos pares nos fluxos interacionais a ‘qualquer hora’ e em ‘qualquer lugar’.

## INFOGRÁFICO 11

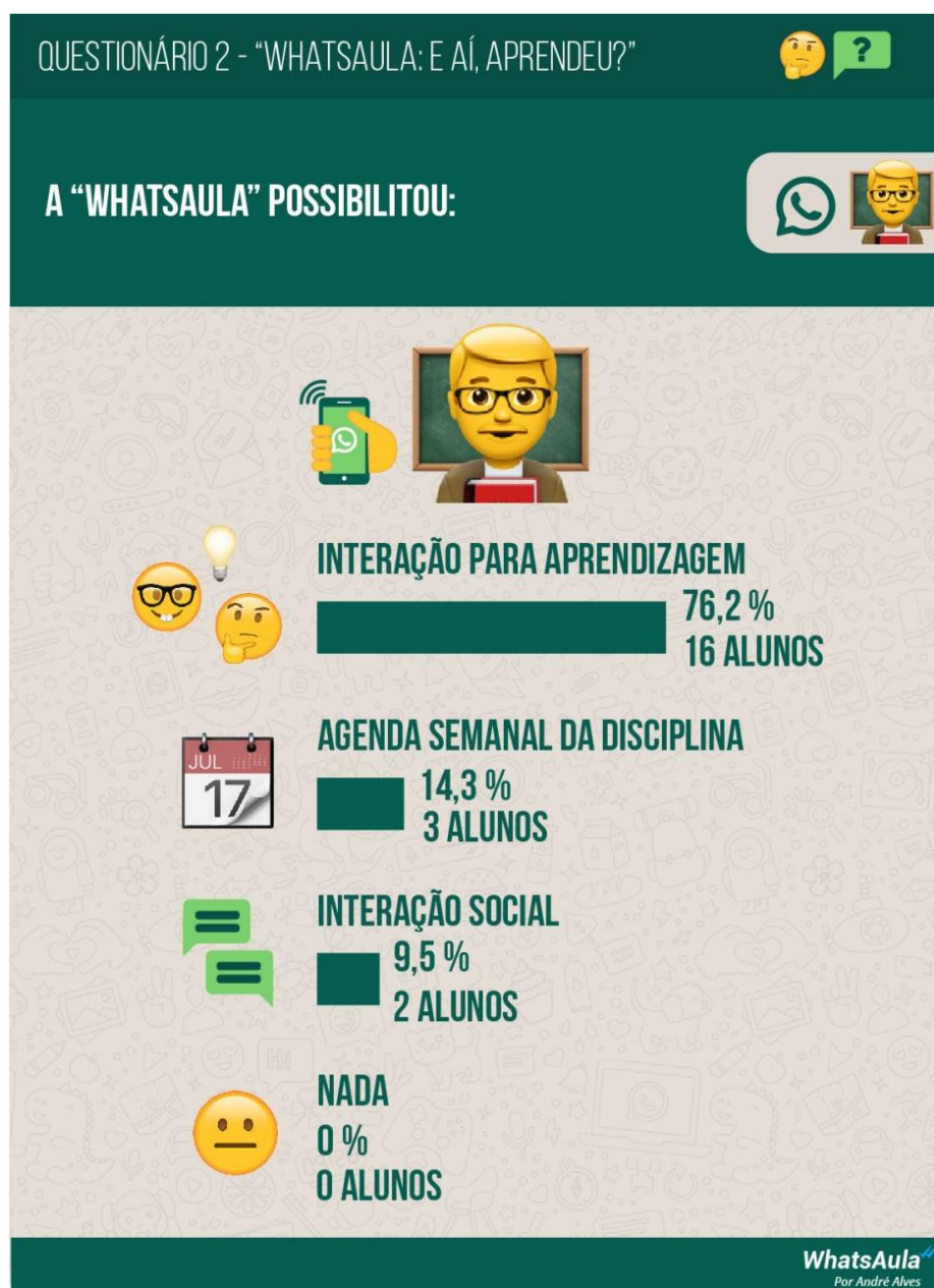


Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Ao questioná-los se a experiência “*WhatsAula*” foi válida para trabalhar em grupo, em rede e produzir conhecimento de modo contínuo e de forma colaborativa; 95,2% concordaram que sim. Apenas um (4,8%) aluno discordou, o que não subtrai a relevância desta experiência. Logo, a juventude conectada encara os artefatos tecnológicos, aplicativos e *sites* de redes sociais digitais como espaços privilegiados para acessar e compartilhar informações plurais, se comunicar, produzir o conteúdo e o conhecimento, aprender colaborativamente e se expressar em consonância com seus modos de ser e conviver em sociedade.

Lembra-nos Pozo (2004) que, a aprendizagem colaborativa constitui o princípio basilar da sociedade do conhecimento e da aprendizagem. Isso porque, atualmente, a maioria dos aplicativos da *Web social*, permitem uma coautoria onde as pessoas comunicam, trocam informações e interagem. Isso contribui não somente para a sua aprendizagem, mas também, de uma comunidade inteira.

## INFOGRÁFICO 12



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Em relação ao que a “*WhatsAula*” possibilitou, 16 alunos (76,2%) afirmaram que ‘Interação para a aprendizagem’, três alunos (14,3%) ‘Agenda Semanal da Disciplina’ e dois alunos (9,5%) ‘Interação social’.

Vale ressaltar que, além das atividades propostas, o Grupo “Produção Textual III” também foi muito utilizado para o compartilhamento de *links* de informações noticiosas relacionadas (ou não) aos *Blogs* Temáticos que enriqueciam a discussão. Bem como, as dicas de leitura, os lembretes e os comentários acerca da participação em eventos acadêmicos, avisos de provas, apreciações sobre assuntos diversos da atualidade (Morte do ator da Rede Globo Domingos Montagner em Canindé do São Francisco-SE, por exemplo), imagens ilustrativas em datas comemorativas e *memes* de internet<sup>22</sup> bem humorados.

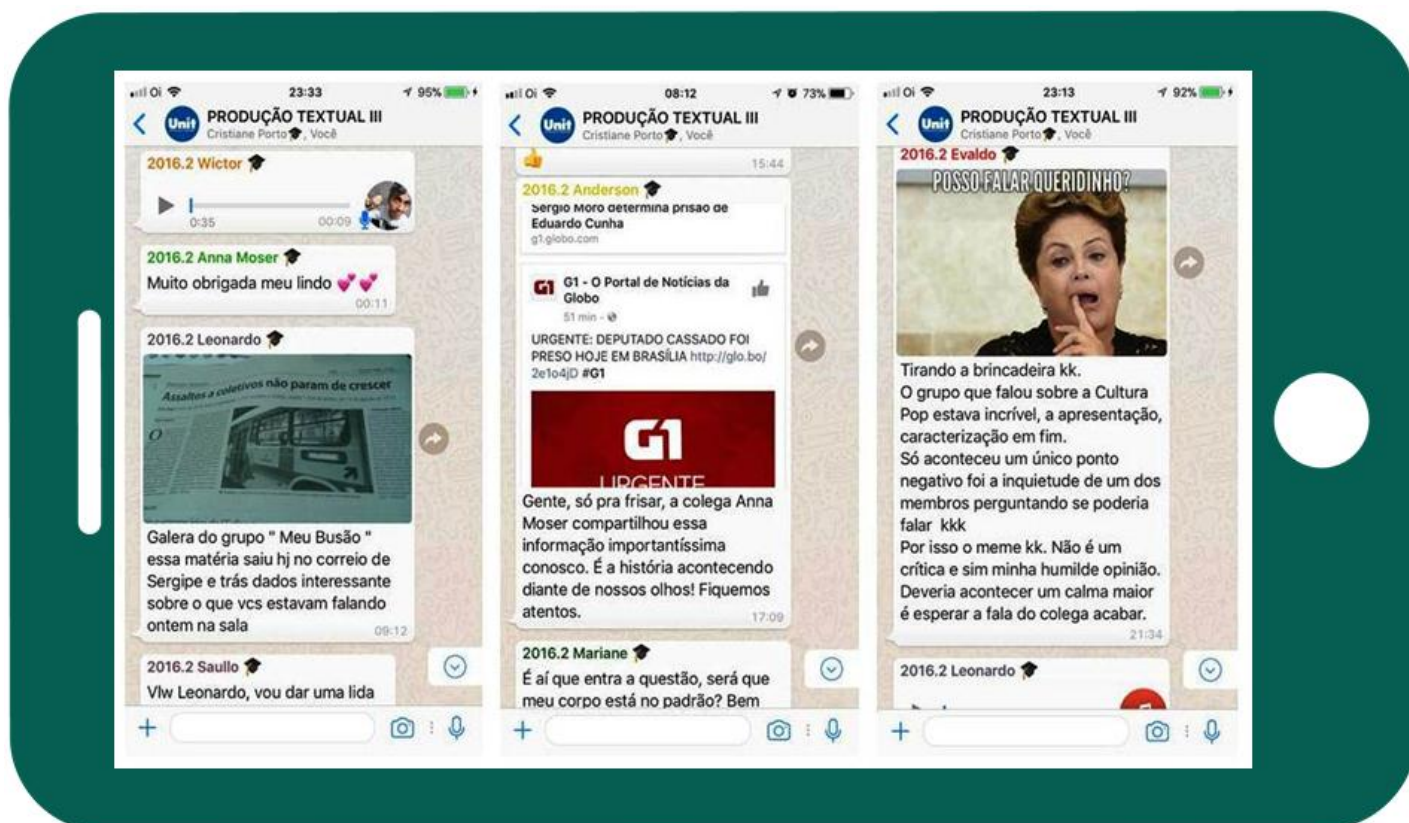
Para ilustrar, observamos na **Figura 23**, que o aluno @Leonardo – integrante do Grupo ‘*Cultura Pop*’ – fotografa uma matéria que acabara de ser veiculada no ‘Correio de Sergipe’ sobre o crescente número de assaltos a ônibus coletivos em Aracaju; como contribuição a apresentação do Grupo ‘*Meu Busão*’ realizada em sala de aula, na noite anterior. Já o aluno @Anderson, em meio ao intenso fluxo interacional acerca da pauta “Corpo Perfeito”, aproveita para reforçar e trazer para a discussão, a notícia compartilhada pela aluna @AnnaMoser a respeito da prisão do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB/RJ), pelo Juiz Federal Sérgio Moro, na Operação Lava Jato. Em outro momento, o aluno @Evaldo utiliza o meme super divertido da ex-presidente Dilma Rousseff para comentar a apresentação em tom de elogios e crítica à postura de um dos componentes do Grupo ‘*Cultura Pop*’.

Em vista disso, os alunos se apropriaram das funcionalidades do aplicativo *WhatsApp* para colaborar e compartilhar em rede-grupo-movimento com protagonismo-engajamento-criatividade; a favor da construção do seu conhecimento e formação para além da sala de aula.

---

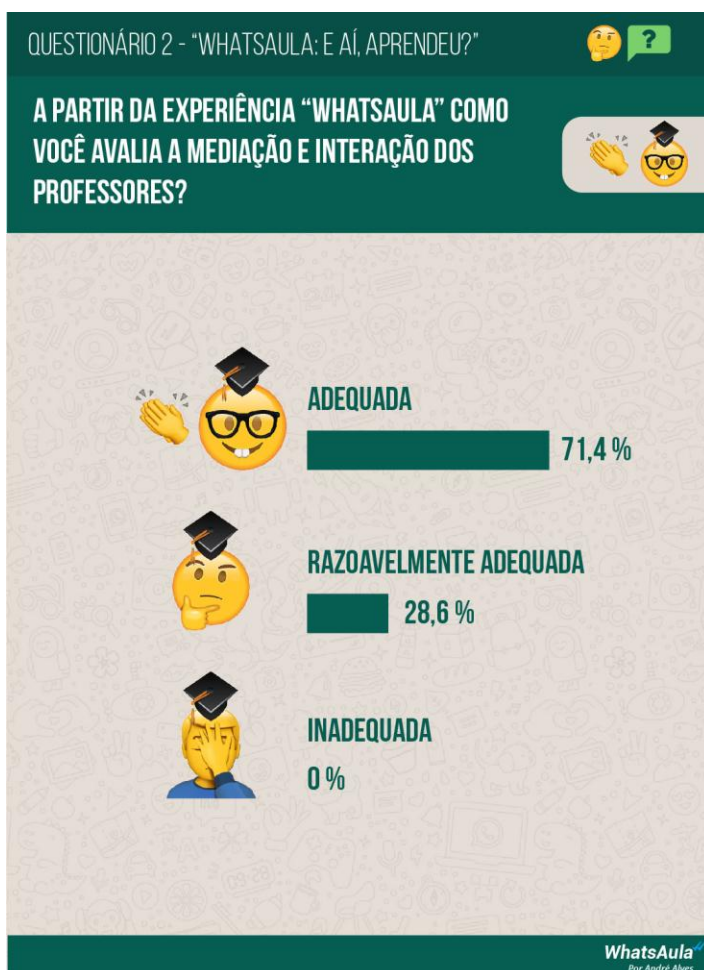
<sup>22</sup> A expressão meme de internet é usada para descrever uma ideia, um conceito de imagem, vídeo relacionados ao humor, que se propaga via internet; tornando-se geralmente viral.

Figura 23: Prints dos fluxos interacionais da “WhatsAula”.



Fonte: Capturas de Tela por André Alves (2017).

### INFOGRÁFICO 13



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

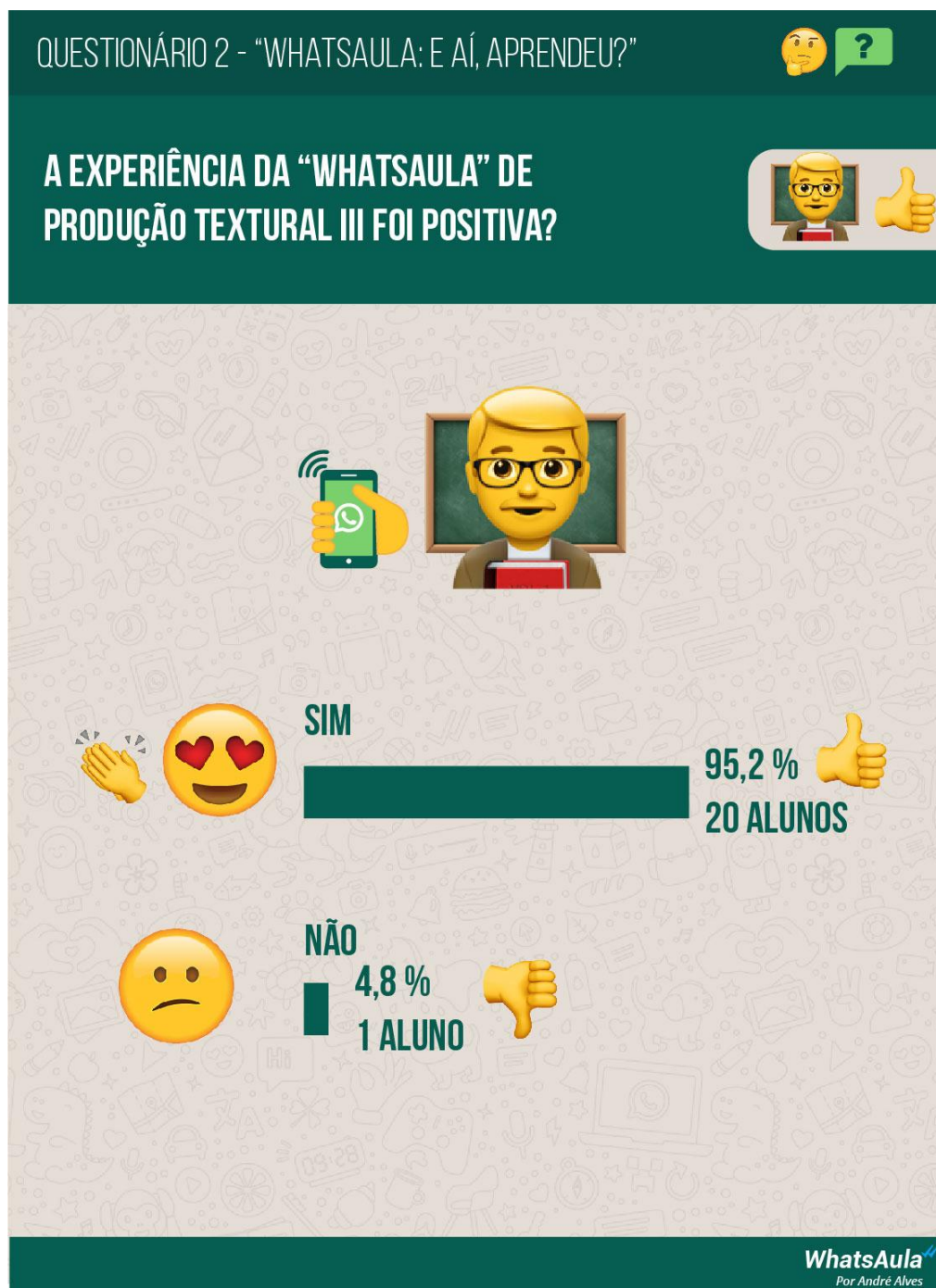
No que concerne a avaliação da mediação e interação dos Professores, a partir da experiência “*WhatsAula*”, 71,4% dos pesquisados considera ‘Adequada’ e 28,6% julga ‘Razoavelmente adequada’. Este último item é importante, pois, devido a intensidade dos fluxos interacionais, tornou-se impossível de dar *feedback* a todo momento e a todos os interagentes. Na outra ponta, Bannel e colaboradores (2016, p. 118), acrescentam que:

Dentro das possibilidades ofertadas pelas tecnologias digitais, o professor converte-se em líder pedagógico, orientador, facilitador, tutor, mediador. Seu papel é motivar os alunos na resolução colaborativa de problemas, adquirindo a capacidade de traçar relações entre informações, desafiando o senso comum, aprendendo a pesquisar, fundamentar e trocar ideias, ou seja, desenvolver a autonomia intelectual. Em outras palavras, a expectativa é que as atividades de ensino-aprendizagem impulsionem a independência de pensamento e que as propostas sejam sempre desafiantes e significativas.

Reconhecemos que o papel do Professor tem sido redimensionado, em virtude da inserção e dos múltiplos usos e apropriações de aplicativos e *sites* de redes sociais digitais nos contemporâneos processos de ensino e aprendizagem. Nesta perspectiva, ao Professor não compete mais o papel de detentor do conhecimento e de centralidade, mas compete-lhe transformar espaços não formais e informais em oportunidades de aprendizagem formal. Na “*WhatsAula*”, a mediação docente está centrada no protagonismo discente e na problematização e estímulo da construção colaborativa de saberes; além do auxílio nas atividades grupais e geração de *feedbacks* no transcorrer dos fluxos interacionais, sem a co-presença física dos interagentes implicados. Embora este retorno seja comprometido, em algum momento, pela intensidade das trocas conversacionais entre pares.



## INFOGRÁFICO 14



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

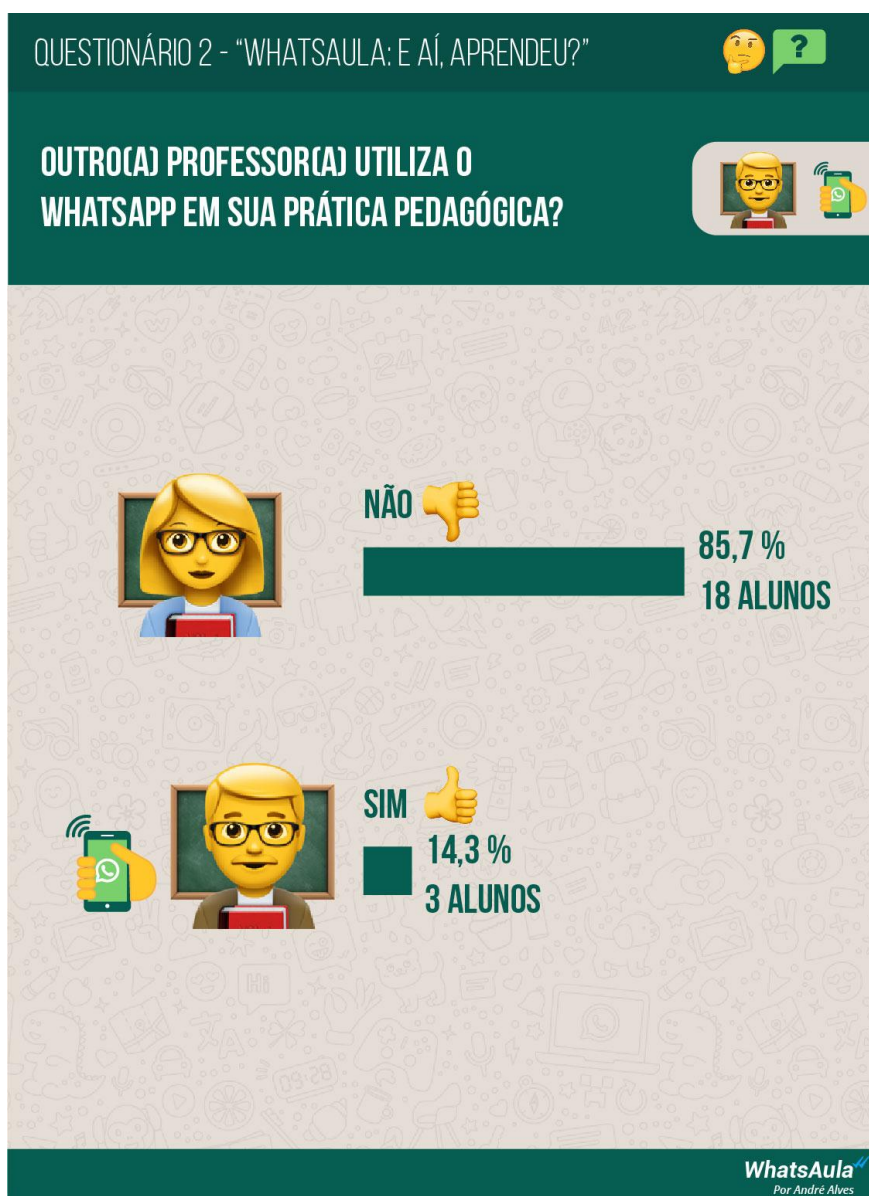
Quando interrogados sobre a experiência da "WhatsAula" de Produção Textual III, 20 (95,2%) alunos afirmaram que foi positiva e um (4,8%) respondeu que não.

**Carla Eugênia:** “Acho que não tem ponto negativo, pois o aplicativo ajuda bastante para a interação da turma mesmo quando não está na sala de aula” (Ver Infográfico 10 – Página 113).

**Emanoela Sandes:** “Foi legal porque é um sistema diferente de aprender utilizando o *whatsapp*, um aplicativo que a maioria usa bastante, foi bom porque aprendemos coisas também fora da sala e por um meio de fácil e rápido acesso”.

**Érika Lisboa:** “Reforçou de forma muito significativa o aprendizado que recebemos em sala de aula. Foi a minha primeira experiência com WhatsAula e espero repetir”.

## INFOGRÁFICO 15



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

Dessa maneira, quando questionado se outro(a) Professor(a) utiliza o *WhatsApp* em sua prática pedagógica, 18 alunos (85,7%) responderam que não e três alunos (14,3%) afirmaram que sim.

A personalização da educação é uma excelente proposta de solução para os entraves do Ensino Superior. Bacich e demais autores (2015, p. 98) defendem que, “[...] personalizar não é traçar um plano de aprendizado para cada aluno, mas utilizar todas as ferramentas disponíveis para garantir que os alunos tenham aprendido”.

É possível personalizar o aprendizado com e sem tecnologia. Mas o desenvolvimento vivido pela sociedade contemporânea deve ser acompanhado também pela Educação, uma vez que, a virtualidade rege as relações humanas. Por outro lado, os alunos da sala de aula contemporânea, substituem cadernos por dispositivos móveis, brincadeiras em sala por *games* digitais e rodas de conversas por mensageiros instantâneos – a exemplo do *WhatsApp*. Diante do exposto, ainda vivemos uma realidade na qual o Professor nem sempre está confortável quanto ao uso de artefatos tecnológicos.

Porém, na Unit, o número de Professores que utilizam o *WhatsApp* em suas práticas pedagógicas e educativas ainda é pequeno (14,3%). Nessa perspectiva, a Jornada de Mobilização Pedagógica desta Instituição de Ensino Superior (IES), abre tradicionalmente os semestres letivos, e vem contribuir para alicerçar a formação docente na IES, de acordo com a sua visão e missão registradas no Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI) e no Projeto Pedagógico Institucional (PPI). Assim, a “*WhatsAula*” pode ser ministrada no formato de Oficina ou Minicurso, como parte da programação da Jornada – com o intuito de expandir esta experiência. Uma vez que, a “*WhatsAula*” é replicável, personalizável e facilmente ajustável às idiossincrasias de cada Professor.

**Flávia Sandes:** “A iniciativa da *whatsaula* deveria ser aplicada em outras disciplinas”.

**Gilvânia do Nascimento:** “Propôr essa experiências a outras disciplinas. Claro, o funcionamento correto depende muito dos integrantes da turma, mas a proposta é muito bacana!”.

Isto posto, a estratégia pedagógica empregada foi bem avaliada (95,2% - **Infográfico 14, Página 120**) pelos alunos e, o que surpreende, contraditoriamente, é

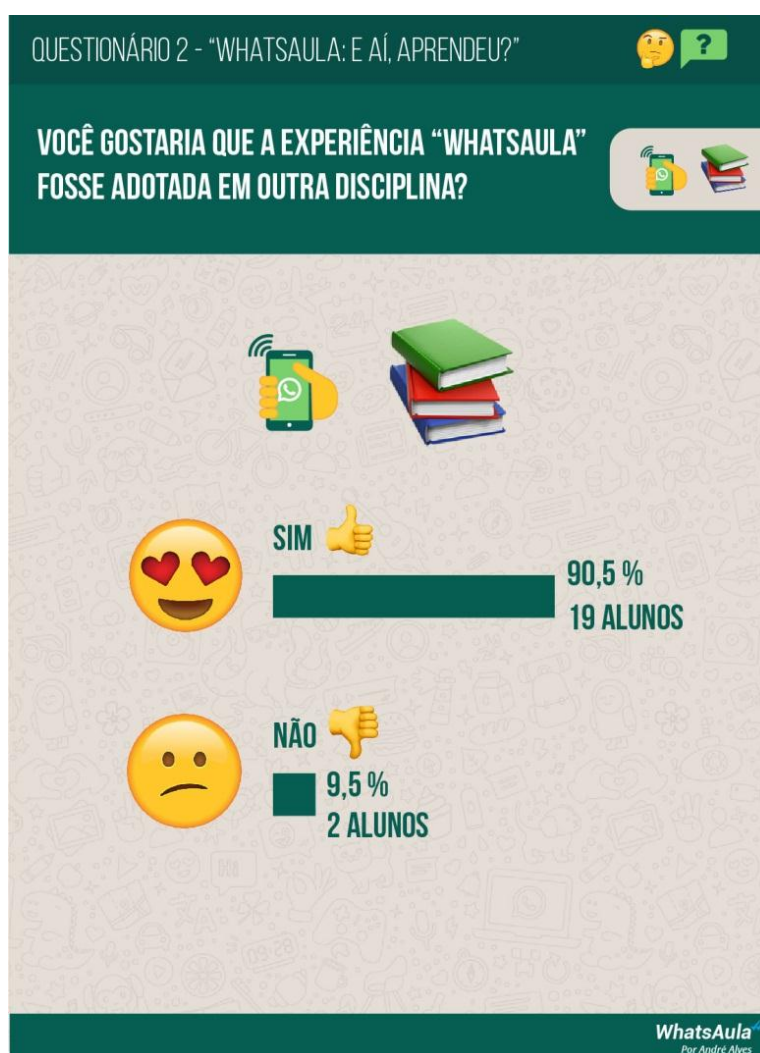
que dois (9,5% - **Infográfico 16**) alunos não gostariam que a experiência “WhatsAula” fosse adotada em outra Disciplina.

**Gleudson da Silva:** “Para pessoas como eu, que acessam pouco o dispositivo, algumas discussões se perdem no *feed*, pois não tenho a possibilidade de acompanhar em tempo real”.

**Halina França:** “Maior número de atividades e obrigações o que torna uma rotina além da necessária pois, temos outras atividades no cotidiano”.

**Helena Maria:** “Prefiro me expressar falando do que escrevendo, gosto de fazer textos, mas no whatsapp sinto que não desenvolvo tanto”.

## INFOGRÁFICO 16



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

A maioria dos participantes (90,5%) relatou que gostariam que a experiência da “WhatsAula” fosse adotada em outra Disciplina e apenas dois alunos (9,5%) afirmaram que não.

**Igor Bento:** “Que outras disciplinas adotem esta experiência. Pois o aplicativo facilitou muito o processo de aprendizagem e a interação com os colegas. Espero participar da Whatsaula com outros professores nos próximos períodos”.

## INFOGRÁFICO 17



Fonte: Desenvolvido pelo autor (2017).

## INFOGRÁFICO 18



**Fonte:** Desenvolvido pelo autor (2017).

Como pôde ser visto, 21 alunos (100%) responderam que o *WhatsApp* além de favorecer trabalhos colaborativos, pode contribuir para os processos de ensino e aprendizagem (**Infográficos 17-18**).

**Katiucia Passos:** “A interatividade aproximou os alunos, que aprenderam a se comunicar devidamente através do dispositivo; muito criativo e dinâmico. Aprendemos dar uma nova e interessante função ao *whatsapp*”.

**Larissa Menezes:** “Torna todo o processo de aprendizagem mais interativo e dinâmico e, conseqüentemente, mais interessante”.







Perguntados sobre “**Quais seriam as suas sugestões – críticas – elogios?**”. A nuvem (**Figura 25**) formada a partir das respostas redigidas pelos alunos-participantes, pautando suas sugestões – críticas – elogios acerca da experiência “*WhatsAula*”; destaca palavras-chave como: interação, maior, aprendizagem, uso, aplicativo, possibilitou, mensagens, alunos, professores e disciplinas.

Na contemporaneidade, os processos comunicativos entre os sujeitos envolvidos no contexto educativo ganharam novos contornos. À vista disso, na experiência “*WhatsAula*”, mediada por dispositivos móveis e aplicativo de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, Professores e alunos, ensinam e aprendem – simultaneamente – a partir de fluxos interacionais em espiral e colaborativos de construção de saberes. Desse modo, o *WhatsApp* possibilita novas formas de interação, de autoria e de produção de conteúdo, assim como, novas redes de transmissão de informações; gerando transformações nos processos comunicacionais, nos modos de ensinar e de aprender, na prática de leitura e também de expressão escrita.

**Naiara Castor:** “Achei ótima a união das aulas com o whatsapp por ser mais uma ferramenta de aprendizagem ligada à interatividade, infelizmente com a correria do dia a dia fica difícil acompanhar todos os assuntos, mas aos poucos vamos nos adaptando”.

**Rafael Araújo:** “São muitos elogios, pois com a interação WhatsAula podemos nos comunicar mais e usar um aplicativo de mensagens para aprendizagem”.

**Raí Menezes:** “Acho a proposta inovadora e moderna. Mas ainda não estamos tão adaptados a aprender novas coisas em um grupo no WhatsApp. Quando vemos muitas mensagens acabamos nos desestimulando algumas vezes”.



optamos por utilizar o termo “artefato tecnológico” para evitarmos confusão de significados.

Segundo o Dicionário Aurélio, ferramenta é um “1 - Conjunto de instrumentos e utensílios empregados num ofício. 2 - Qualquer peça de uma ferramenta. 3 – Instrumento”. Portanto, defendemos a ideia de que o *WhatsApp* é um artefato tecnológico de suporte para esta concepção contemporânea de ensino.

**Tainá Sandes:** “Interação sobre o assunto abordado com os demais colegas e professores. Colaboração de pontos de vista, bem como, de materiais extras disponibilizados por meio do aplicativo”.

**Tatiane Sandes:** “A troca de ideias e o compartilhamento de informações *online* contribuíram de maneira significativa para a compreensão do conteúdo. Além disso, a interação com todos, o que nem sempre acontece na aula, também conta muito”.

**Thalita Costa:** “Otimizou as discussões em grupo, ampliando o convívio de sala de aula para o meio virtual. Maior interação e debate por meio da ferramenta *WhatsAula*”.

A produção e discussão dos dados expostas nestes **Infográficos**, nos conduziram a uma melhor visualização e compreensão que os usos e apropriações do Aplicativo *WhatsApp* pelos alunos – junto as práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III – fomentam as ações de gerar e compartilhar, colaborativamente, informações e conhecimentos, nos contemporâneos processos de ensino e de aprendizagem.

Estes fluxos interacionais com um “*Zap Zap*” atrás do outro propõem mostrar o perfil de aluno hiperconectado e multitela. E também, que as transformações ocorridas neste novo estilo de ensinar e de aprender (e na comunicação) promovem processos de interação em rede-grupo-movimento, trocas e interconexão – atualmente – alargados pelos dispositivos móveis, aplicativos e *sites* de redes sociais digitais.

Assim, além de ampliar as possibilidades pedagógicas e educativas, os dados auferidos a partir das impressões e experimentações dos alunos-participantes; potencializam e contribuem para o entendimento de que a experiência “*WhatsAula*” foi significativa. Ao considerar que, o mensageiro instantâneo *WhatsApp* é capaz de

estimular a construção colaborativa de saberes dentro-fora da sala de aula e criar canais de diálogos entre pares (Professores-alunos, alunos-Professores e alunos-alunos). Na próxima seção apresentaremos algumas considerações finais, respondendo ao problema de pesquisa de modo que afirmará, ou não, as questões de estudo propostas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Status:* Coisas que começam pelo fim.

Sabemos que, os dispositivos móveis, os aplicativos e os *sites* de redes sociais digitais mudaram o modo de ensinar e de aprender em tempos de navegação frenética no Ciberespaço. Como também, fazem parte do dia a dia dos jovens, universitários ou não; conseqüentemente, os processos contemporâneos de ensino e de aprendizagem precisam estabelecer conexões com esta realidade. Assim sendo, notamos que com a ampliação do uso dos *smartphones*, devido à sua mobilidade, popularização e ascensão – impulsionados pela internet – sobretudo, pela possibilidade de acesso instantâneo a vários tipos de informação e hiperconectividade; é possível construir conhecimentos em rede-grupo-movimento.

Por isso, as práticas de compartilhamento e de produção de ideias e saberes na rede estão, cada vez mais, em evidência, entre Professores e alunos ativos. Que, com olhos e dedo na tela, impulsionam os fluxos comunicacionais e interacionais de interfaces formativas plurais; como aplicativos, *sites* de redes sociais digitais e *Blogs*, por exemplo – favorecendo a mediação e a aprendizagem colaborativa. Dessa forma, o Ensino Superior não pode manter-se adverso às transformações impostas pela consolidação dos artefatos tecnológicos da Cibercultura nas redes, nas telas e nos cotidianos. Sua reconfiguração deve ocorrer em benefício dos emergentes estilos de ensino, de aprendizagem e de uma formação mais efetiva e, não somente por uma questão de solidez institucional.

Além disso, compreendemos que, em contexto de *App-Learning* – aprendizagem por meio de aplicativos – o fazer docente precisa estar sintonizado aos alunos hiperconectados-multitelas e considerá-los como protagonistas do processo educativo. Bem como, recombinar vários aparatos tecnológicos, adotar estratégias pedagógicas e educativas híbridas-ubíquas e mediar com o suporte de *softwares* para dispositivos móveis; a exemplo do aplicativo *WhatsApp*.

Portanto, como nosso objetivo é investigar a contribuição e os usos do aplicativo *WhatsApp* no processo de aprendizagem colaborativa por jovens universitários, em práticas de ensino do componente curricular Produção Textual III, constatamos que a “*WhatsAula*” foi uma experiência significativa. Principalmente,

para os alunos, por lhes permitir desenvolver as habilidades de colaborar em rede-grupo-movimento em prol da construção de sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, nosso Desenho Didático e experiência bricolada com o suporte do mensageiro instantâneo *WhatsApp* – que denominamos de “*WhatsAula*” – estão ancorados na implementação de estratégias pedagógicas e educativas mais dinâmicas e contextualizadas. E, também, na criação de atos de currículo que mesclam várias formas de ensinar e aprender; do presencial ao *online* e mutuamente. Esta, oportunizou a inserção de tecnologias digitais (e móveis) no cerne do componente curricular Produção Textual III e suscitou fluxos de comunicação, de interação, de leitura e de escrita; permeados por novos elementos e práticas que são próprios da cultura digital.

O Grupo da turma no *WhatsApp* é mais um recurso didático que ressignificou os processos de ensino e de aprendizagem. É uma prática que estamos desenvolvendo e aprendendo, constantemente, juntos com os alunos dentro-fora da sala de aula. Estes se adequaram e se engajaram, naturalmente, aos critérios do processo de construção colaborativa de saberes e se apropriaram das inúmeras funcionalidades do *app* durante os fluxos interacionais da “*WhatsAula*”; seja manipulando informações-conteúdos ou compartilhando áudios, vídeos, imagens e textos de coautoria. De modo a enriquecer as atividades propostas e garantir um espaço formativo propício de discussão, de interação, de participação e de colaboração.

Inicialmente, percebemos que a dificuldade de argumentação e de escrita era um problema comum entre boa parte da turma. Com a “*WhatsAula*”, observamos que a oralidade e escrita evoluiu consideravelmente, pois os alunos passaram a se posicionar mais e a escrever mais, em função da dinâmica estabelecida junto ao componente curricular PT-III. Por outro lado, ainda nos deparamos com alunos que escrevem bem nos fluxos interacionais da “*WhatsAula*” – mediante recurso do corretor ortográfico integrado ao *app* – mais que apresentam grandes dificuldades de escrita na realização das Provas Contextualizadas.

Por meio da “*WhatsAula*” os alunos realizaram atividades de pesquisa como estratégia de aprendizagem para complementar e elevar as produções textuais que eram postadas nos *Blogs* Temáticos e, também, para promover os fluxos interacionais – possibilitando outros tipos de aprendizagem extracurricular. O que confere qualidade nos textos produzidos no decorrer do componente curricular e

privilegia a articulação teoria-prática; além do aluno se desenvolver enquanto sujeito autônomo, crítico e participativo.

Ademais, ao discutirmos o potencial do “*Zap Zap*”, verificamos, também, que a possibilidade de registro-armazenamento dos fluxos interacionais da “*WhatsAula*”, oportuniza aos alunos faltosos o acompanhamento-participação e o acesso ao que foi discutido na aula presencial, ainda que não em sua totalidade; a “qualquer hora” e em “qualquer lugar” – devido a capacidade espaço-temporal do *App-Learning*. Isto posto, ressaltamos que o *WhatsApp* é um mensageiro instantâneo que favorece o movimento de aprender em mobilidade, em múltiplos lugares e a qualquer instante; nos desafiando a descobrir e articular novas formas de ensinar e aprender.

Embora a “*WhatsAula*” tenha propiciado o compartilhamento de *links* de informações noticiosas relacionadas (ou não) aos *Blogs* Temáticos, de dicas de leitura, de lembretes-fotos-comentários acerca da participação em eventos acadêmicos e de avisos de provas. Como, também, o compartilhamento de apreciações sobre assuntos diversos da atualidade, de imagens ilustrativas em datas comemorativas e de *memes* de internet bem humorados; os alunos passaram a reconhecer o seu potencial para viabilizar, especialmente, a interação para a aprendizagem.

Durante as atividades realizadas, observamos que as discussões nos fluxos interacionais da “*WhatsAula*” tomaram proporções estimulantes num contexto mais participativo, fomentando a mediação pedagógica e a interação entre os pares. Em algumas ocasiões de fluxos interacionais intensos, o nosso *feedback* foi comprometido; o que nos impossibilitou de atender a todos os questionamentos dos alunos, mas passamos a compensar nos encontros presenciais.

Por esse ângulo, constatamos que o fazer docente precisa ser redimensionado, em virtude da inserção e dos múltiplos usos e apropriações do *WhatsApp* nos processos de ensino e de aprendizagem. Isto é, ao Professor não compete mais o papel de detentor do conhecimento e de centralidade, mas compete-lhe transformar espaços não formais e informais em oportunidades de aprendizagem formal. Assim, na “*WhatsAula*”, a nossa mediação docente esteve centrada no protagonismo do aluno e na problematização e estímulo da construção colaborativa de saberes; além do auxílio nas atividades grupais e geração de *feedbacks* no transcorrer dos fluxos interacionais, sem a co-presença física dos interagentes. Mesmo que este retorno seja afetado, em algum momento, pela

intensidade das trocas conversacionais entre pares; conforme dissemos anteriormente.

A estratégia pedagógica empregada foi bem avaliada pelos alunos-participantes e, o que nos surpreende, é que a maioria destes relatou que gostariam que a experiência da “*WhatsAula*” fosse adotada em outra Disciplina. Porém, na Universidade Tiradentes, o número de Professores que utilizam o *WhatsApp* em suas práticas pedagógicas e educativas ainda é pequeno. Nesse ponto de vista, é imprescindível que a Unit e outras Instituições de Ensino Superior (ou não) incluam a proposta da “*WhatsAula*” em contextos de formação docente, no formato de Oficina ou Minicurso – com o intuito de expandir esta experiência. Uma vez que, a “*WhatsAula*” é replicável, personalizável e facilmente ajustável às especificidades de cada componente curricular.

Como foi possível verificar, a partir dos resultados e ensinamentos da experiência “*WhatsAula*”, concluímos que o *WhatsApp*, quando utilizado com intencionalidade pedagógica, é um importante *app* de suporte para potencializar os processos de ensino e de aprendizagem. Isso, por considerarmos um espaço-tempo multirreferencial para a construção colaborativa de saberes; além de exercer uma influência expressiva no engajamento dos alunos nos seus estudos e ampliar as discussões e o espaço da sala de aula.

Diante desses fatos, por intermédio da inversão da sala de aula e do ensino híbrido, evidenciamos alguns pontos de modo a beneficiar os processos de ensino e de aprendizagem: a transformação na prática de ensino – por meio da qual o aluno é protagonista, estimulado a pensar criticamente, a trabalhar em grupo-rede-movimento e a produzir e compartilhar saberes de modo contínuo e de forma colaborativa.

Outros pontos considerados foram a fusão ideal entre o ensino presencial e o *online*. O reconhecimento do *Blog* como ambiência formativa e repositório das produções de coautoria dos alunos, o interesse para a pesquisa, o entusiasmo pelo uso do *WhatsApp*. Além disso, observamos uma melhoria na capacidade argumentativa – seja em sala de aula ou via *app* – a importância de conhecer a opinião de outros colegas acerca das postagens e apresentações dos *Blogs* Temáticos, uma nova via de contato entre os pares e o alcance dos objetivos relacionados à autonomia e a aprendizagem colaborativa. Em suma, nada que pudesse desabonar o Grupo ocorreu e o foco foi mantido.



Para a utilização eficaz do “*Uátzap*” foi necessário planejamento e organização, em que, todo o conteúdo programático semestral do componente curricular foi adaptado para o formato da “*WhatsAula*”. Deste modo, é possível afirmar que a articulação entre o fazer docente e a tecnologia, neste processo educativo aqui relatado, contribuiu não só para a formação dos alunos e desenvolvimento de suas atividades durante as unidades curriculares descritas; mas também para o fortalecimento e reflexão de nossas práticas docentes cada vez mais conectadas com novas experiências e práticas culturais da Cibercultura.

No estudo de caso em tela, onde o aluno é agente na construção de novos saberes, as narrativas e os resultados da fase exploratória, revelaram informações expressivas e contribuíram para que o nosso objetivo fosse alcançado. No entanto, em conexão com esse novo jeito de ensinar e de aprender, como sugestão para estudos futuros se pode realizar pesquisa sobre a utilização dos dispositivos móveis e do aplicativo *WhatsApp* na modalidade *E-Learning* – que se pode traduzir por aprendizagem em ambientes virtuais. Assim, a Educação a Distância (EAD) apresenta-se como uma modalidade de ensino que se adéqua ao conceito de “*WhatsAVA*” – uma experiência que explora as potencialidades do *WhatsApp* enquanto ambiente virtual de aprendizagem. Logo, acreditamos que esta dissertação não se finda aqui, visto que, apenas deixamos rastros na rede para que surjam novos *links* e cliques em benefício da educação.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.
- ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Melo. (Org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BANNELL, Ralph Ings. (Org.). **Educação no Século XXI: Cognição, Tecnologias e Aprendizagens**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; Editora PUC RIO, 2016.
- BARBOSA, Joaquim Gonçalves. Uma escola multirreferencial: A difícil arte de se autorizar, o pensamento plural de Jacques Ardoino e a educação. In: **Jacques Ardoino & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- BUCKINGHAM, David. **Educación en medios: Alfabetización, aprendizaje y cultura contemporánea**. Barcelona: Ediciones Paidós Iberica, 2005.
- COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (Org.). **App-Learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- Dicionário Aurélio Online da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/ferramenta>>. Acesso em: 08 jul. 2017
- GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIL, Gilberto. Banda Larga Cordel. In: GIL, Gilberto. Banda Larga Cordel. Warner Music, 2008.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- JONES, Bradley. **Web 2.0 heroes: entrevistas com 20 influenciadores da web 2.0**. São Paulo: Digerati Books, 2009.
- LEITE, Cristiane Luiza Köb et al. **A aprendizagem colaborativa no ensino virtual**. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI167.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

- LEMOS, André; PERL, Lara. **Comunicação e Tecnologia: Uma experiência de “Sala de Aula Invertida”**. Comunicação e Educação – ECA/USP, São Paulo, V. 20, n. 1, 2015.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIPOVETSKY, G. **Da leveza para uma civilização do ligeiro**. Tradução: Pedro Elói Duarte. Lisboa: Extra-colecção, 2016.
- MATTAR, João. **Metodologias ativas: para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.
- MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação**. EDUSER: Revista de Educação, V. 2, N. 2, p. 49-65, 2010.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (Org). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa; OSWALD, Maria Luíza; COUTO, Edvaldo. (Org.). **Pesquisa e mobilidade na cibercultura: itinerâncias docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- POZO, J. I. **A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento**. In: Revista Pátio. Ano VIII – Nº 31 - Educação ao Longo da Vida - Agosto à Outubro 2004. Disponível em: <[http://www.revistapatio.com.br/sumario\\_conteudo.aspx?id=386](http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=386)>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- PRIMO, Alex. **Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo**. Revista da Famecos, N. 12, p. 81-92, 2000.
- PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E-Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.
- RECUERO, Raquel. **Engajamento x Audiência no Facebook: uma breve discussão**. Pelotas: 2013. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/03/engajamento-x-audiencia-no-facebook.html>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- ROCHA, Aline Andrade Weber Nunes da. **Educação e Cibercultura: narrativas de mobilidade ubíqua**. 210f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- RODRÍGUEZ, G. G., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1999.

SACCOL, Amarolinda; SCHLEMMER, Eliane; BARBOSA, Jorge. **M-learning e u-learning: novas perspectivas das aprendizagens móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Desafios da ubiquidade para a educação**. 2013. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>> Acesso em: 15 nov. 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Rosemary; SANTOS, Edméa. **A Formação do Formador na Cibercultura e suas Ambiências Políticas-Formativas**. Interfaces Científicas – Educação, Aracaju, V. 6, N. 1, p. 35-46, 2017.

SERRES, Michel. **Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Ana Elisa Drummond Celestino. **Tecnologias Móveis na Educação: Relações de professores com o *smartphone***. 126f. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

STAKE, R. E. Case Studies. In N. Denzin Y. Lincoln. **Handbook of qualitative research**. Newsbury Park: Sage, 1994.

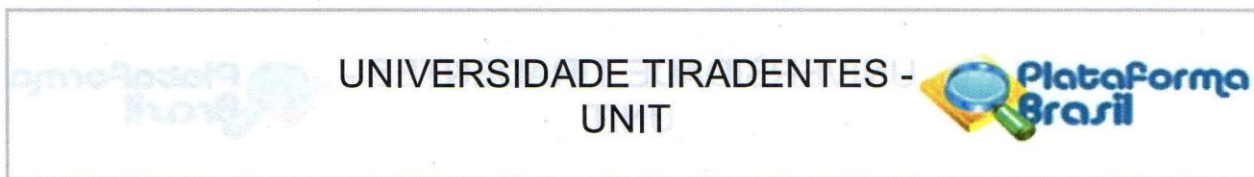
THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VALENTE, José Armando. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida**. Educar em Revista, Curitiba, N. 4, p. 79-97, 2014.

VIEIRA, Solange Lopes; HALU, Regina Célia. **Utilização de blogs educativos no ensino/aprendizagem de língua inglesa: uma experiência no Colégio Estadual Santa Gemma Galgani**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/348-4.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

## ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O USO DO WHATSAPP COMO APLICATIVO DE INTERAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

**Pesquisador:** André Luiz Alves

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 56763816.2.0000.5371

**Instituição Proponente:** SOCIEDADE DE EDUCACAO TIRADENTES S/S LTDA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.744.734

#### Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa tem como enfoque a ideia de que os dispositivos móveis – conectados à Internet – e os Aplicativos e as Redes Sociais Digitais, mudaram o modo de ensinar e aprender. Dito isto, este projeto propõe uma aproximação teórica e prática a respeito da contribuição do Aplicativo WhatsApp no processo de ensino e aprendizagem e na formação de jovens universitários. Para tanto, considera-se como aporte teórico discussões acerca da inserção de diferentes metodologias por meio do uso de Smartphones e do App (como é comumente chamado) WhatsApp – como uma nova oportunidade para aprimorar as experiências e o processo de ensino e aprendizagem, mais a frente apresentar o WhatsApp como aplicativo de comunicação didático-pedagógica. Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste projeto consistirão em uma pesquisa bibliográfica por meio de livros, sites e artigos com o propósito de aprofundar teóricometodologicamente a discussão sobre a temática. Em seguida, realizar-se-á uma pesquisa exploratória e descritiva. E também, adotar-se-á a Pesquisa-Ação, aplicar-se-á um Questionário semiestruturado, criar-se-á um Grupo no WhatsApp com os discentes e realizar-se-á um Grupo Focal – apenas com docentes do Curso de Jornalismo da Unit.

#### Objetivo da Pesquisa:

Geral: Discutir a contribuição do uso do WhatsApp como Aplicativo de interação no processo de

**Endereço:** Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo  
**Bairro:** Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br

Universidade Tiradentes - UNIT  
 Prof.<sup>ª</sup> Adriana Karla de Lima  
 Comitê de Ética em Pesquisa  
 Coordenadora

UNIVERSIDADE TIRADENTES -  
UNIT



Continuação do Parecer: 1.744.734

ensino e aprendizagem junto ao alunado de 2016.2 do Curso de Comunicação Social: Jornalismo, da Universidade Tiradentes – (UNIT/SE).

Específicos: Descrever as possibilidades de uso do WhatsApp como metodologia de ensino para as práticas ativas de aprendizagem;

Pontuar como os alunos estão utilizando as funcionalidades do WhatsApp para a construção colaborativa de sua aprendizagem e formação;

Verificar como o WhatsApp, enquanto Ambiente de Aprendizagem Interativo, contribui para o processo de ensino e aprendizagem dos educandos da Disciplina Produção Textual III – do referido Curso e Instituição de Ensino Superior.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O projeto de pesquisa apresenta as relações de riscos e benefícios de forma adequada, de acordo com a Resolução CNS n°466/12.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa com grande relevância científica para a área da Educação.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

As documentações foram inseridas corretamente e encontram-se datadas e assinadas conforme as normas descritas na Resolução CNS n° 466/12.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências ou inadequações para este projeto de pesquisa.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP informa que de acordo com a Resolução CNS n° 466/12, Diretrizes e normas XI. 1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais e XI. 2 - XI.2 - Cabe ao pesquisador: a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; b) elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, quando necessário; c) desenvolver o projeto conforme delineado; d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

**Endereço:** Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo  
**Bairro:** Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br

Universidade Tiradentes - UNIT  
 Profª. Adriana Karla de Lima  
 Comitê de Ética em Pesquisa  
 Coordenadora

**UNIVERSIDADE TIRADENTES -  
UNIT**



Continuação do Parecer: 1.744.734

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_730410.pdf	26/08/2016 15:19:01		Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	26/08/2016 15:18:10	André Luiz Alves	Aceito
Outros	ROTEIRO_GRUPO_FOCAL.pdf	26/08/2016 00:41:54	André Luiz Alves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	25/08/2016 22:06:45	André Luiz Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Professor.pdf	25/08/2016 20:12:10	André Luiz Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Aluno.pdf	25/08/2016 20:11:57	André Luiz Alves	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_Pesquisadores.pdf	24/08/2016 08:42:20	André Luiz Alves	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_da_Instituicao.pdf	24/08/2016 08:41:50	André Luiz Alves	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Infraestrutura.pdf	24/08/2016 08:41:22	André Luiz Alves	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_WHATSAULA_ETAP A_2.pdf	24/08/2016 08:25:11	André Luiz Alves	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_WHATSAPP_ETAPA 1.pdf	24/08/2016 08:24:55	André Luiz Alves	Aceito

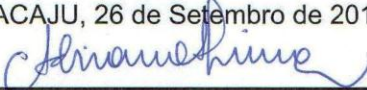
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ARACAJU, 26 de Setembro de 2016

  
 Assinado por:  
**ADRIANA KARLA DE LIMA**  
 (Coordenador)

  
 Universidade Tiradentes - UNIT  
 Proj.<sup>a</sup> Adriana Karla de Lima  
 Comitê de Ética em Pesquisa  
 Coordenadora

**Endereço:** Campus Farolândia - Av. Murilo Dantas, 300 - DPE - Bloco F - Térreo  
**Bairro:** Bairro Farolândia **CEP:** 49.032-490  
**UF:** SE **Município:** ARACAJU  
**Telefone:** (79)3218-2206 **Fax:** (79)3218-2100 **E-mail:** cep@unit.br